DE GRAMÁTICA E DE LINGUAGEM

DO MESMO AUTOR

(Livraria de Francisco Alves)

Estudos da Lingua Portuguesa, com prefácio de João Ribeiro, 1 vol. (esgotado).

Novos Estudos da Lingua Portuguesa, 2.ª edição, corrigida e aumentada, 1 vol.

Novissimos Estudos da Lingua Portuguesa, 1 vol. (esgotado).

Factos da Lingua Portuguesa, com prólogo de Silva Ramos, 1 vol.

MÁRIO BARRETO

DE GRAMÁTICA E DE LINGUAGEM

PUBLICAÇÃO DA

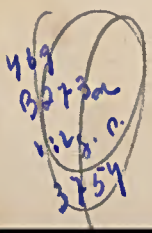
Revista de Língua Portuguesa

TÔMO SEGUNDO

RIO-DE-JANEIRO
Emp. Industrial Editora "O NORTE"
1922

716

469.5
B273d
v.2


469
B273m
v.2 ex. c.
3754

São Paulo, dezembro 1923
José Raphael de Resende

Ao exc.mo sr. Rui Barbosa,
gloria das letras nacionais,
offerece o amigo, o admira-
dor, o discipulo mais devedor

M. B.

XV

Acusativo tácito. — Bancarroteiro. — Verbos defectivos.

Um obscuro paulista viu, num livro que diz estar lendo, estas frases: *¿Não recebeu a minha carta?* — *Recebi, sim,* e parece-lhe que, em virtude das prescrições rigorosas da gramática, é preciso um pronome para lembrar o substantivo-regime: *Recebia-a, sim.* "¿Não está o senhor de acôrdo?" — pergunta-nos *Um obscuro paulista.* Não. Cala-se o acusativo, quando, expresso êsse acusativo em cláusula precedente, o sentido o indica com tôda a clareza. Explica-se esta omissão pelo facto de que a idea que acaba de ser formulada, está ainda tão bem presente ao espírito, que não é necessário recordá-la expressamente: *¿Tem algum desgôsto grande? Tenho.*

Aqui pomos alguns exemplos de Camilo, nos quais falta o regime pronominal directo que se esperaria: "¿Cuidas que não tem cura

lançar sangue? *Tem,* meu filho, *tem.*" *(Scenas da Foz,* ed. cit., p. 174). — ¿Não tem filho nenhum? — *Não tenho.*" *(A enjeitada,* cap. XXVII, p. 252). — "Tenha orgulho de ser amada por tal homem. — *Tenho!* Deus sabe que *tenho!* — murmurou ela." *(Estrêlas propícias,* cap. X, pág. 103).

Passemos a outra tecla.

Diz-nos *Um obscuro paulista* que alguém estranhou ter êle empregado a frase: *A lei castiga os bancarroteiros,* e que realmente falta nos vocabulários a palavra *bancarroteiro.*

Um dicionário há em que ela se encontra: o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* do sr. C. de Figueiredo, onde está registada com asterisco, o que indica não figurar êsse vocábulo nos dicionários dos seus predecessores.

O neologismo *bancarroteiro* foi usado pelo sr. Rui Barbosa, em vez de *quebrado,* num dos seus formosos discursos. Refere-se êste colosso da oratória e mestre na pureza, na elegância, no aticismo, na propriedade da linguagem portuguesa de lei ao Tesoiro baïano caído em vilipendiosa quebra. E não é feio o vocábulo, já que à quebra (e mais comumente a fraudulenta) se chama *bancarrota: "Bancarroteiro* cadimo e deslavado, nada paga, não paga a ninguém: nem a sua dívida interna ou externa, nem aos seus funcionários, maiores ou

menores, nem a boa parte da sua magistratura, nem aos seus professores, nem aos seus operários, nem as suas contas, nem os dinheiros de que é depositário, nem o imposto dos artigos de comércio que importa."

Um obscuro paulista diz-nos ainda que tem dúvidas sôbre se se usa a terceira pessoa do indicativo presente de *carpir* e *brandir,* pois lê nalguns compêndios que estes verbos defectivos só se usam nas inflexões que têm *i: brandiu, brandindo, brandido,* etc.

Pelos exemplos que copiamos em seguida, verá o consulente que também se empregam os verbos *carpir* e *brandir* nas formas, cuja terminação é *e: brande, brandem:* "... e voz em grita publicam o perigo, pedem socorro, amesquinham-se, *carpem-se*". (Fr. Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo,* liv. IV, cap. 29). — "Tanto prantear que aí vai! Não é sòmente minha tia que se *carpe*." (Camilo, *O senhor do paço de Ninães,* cap. X, p. 107).—"Choram os moços e *carpem-se* os velhos, porque o fino ouro transformou-se em lama." (Id., *Luta de gigantes,* 1.ª part., cap. VI, p. 63). — "... e o grito da coruja legendária que *carpe* nos vizinhos bosques os seus amores tristes." (Id., *O romance de um rapaz pobre,* p. 78). — "E logo Palas *brande* a lança, Baco o tirso, Apolo entesa o arco,..." (Id., *Os Mártires,* trad., vol. I, p.

240). — "Levanta-se com uma garrafa na mão, que *brande* como se fôra uma espada." (Almeida Garrett, *Felipa de Vilhena*, act. 3.º, sc. 7).

> A dextra *brande* a espada formidável,
> A cujos golpes o infiel desmaia.
> (Id., *D. Branca*, cant. sétimo, XV).

> *Brande-se* a espada inda sanguenta e nua,
> E a bandeira Real no ar flutua.
> (Id., *Flores sem fruto*, p. 125, ediç. de 1874).

> Juntos, êsse objecto
> Que em vida os desuniu, na morte *carpem*.
> (Id., *Camões*, cant. IX, p. 183, ediç. de 1858).

Deixam de usar-se, por conseguinte, *brandir* e *carpir* nas formas cujas terminações comecem por *a* ou *o*.

A Morfologia não tem leis especiais para excluir de sua formação total nenhum dos verbos que se têm por defectivos. Nenhuma lei de estrutura se opõe a que se forme *abole, colorem, pule, bane, déle, demulo*. O empregá-los numa forma e deixar de empregá-los noutra é coisa que toca ao uso.

XVI

Avisar. — Aconselhar. — Informar.

Ao sr. Gaspar Coutinho declaro que é correcta a frase: "Aviso-o que vou lançar mão de outros projectos", embora alguns gramáticos arruguem a testa com a omissão da preposição *de*. Efectivamente, o verbo *avisar* construi-se com acusativo de pessoa, e *de* para denotar o objecto a respeito do qual se dá notícia: "Avisei-o de minha fuga, pedindo-lhe meios para subsistir em Madrid." (Camilo, *O regicida,* cap. X, p. 86.) — "Na véspera da separação, António Leite renovou a Bernardo o cuidado de procurar Ângela, e avisá-lo do que soubesse." (Id., *A filha do regicida,* cap. X, p. 94).

Nas seguintes passagens de autores portugueses verá o sr. Gaspar a prep. antes de uma oração integrante de *que:* "Estava êste devoto

varão uma vez orando na igreja, a tempo que, por ser já tarde, o sacristão *o avisou de que* queria fechar as portas." (P. Man. Bernardes, *Luz e Calor,* p. 16). — "*Avisei-o de que,* à primeira mentira em que o apanhasse, tudo estava acabado." (Almeida Garrett, *Falar verdade a mentir,* acto único, sc. XV). — "*Avisai também o irmão Fr. Vasco de que,* ainda esta noite, lhe quero falar." (A. Herculano, *O monge de Cister,* tom. I, cap. VIII, p. 128). — "*Avisá-lo hei de que* deve comparecer ante vós." (Id., *ib.*). — "A saúde do irmão de D. João III, cada dia mais débil, *avisava-o de que* as horas, que fugiam, o aproximavam do leito do eterno descanso." (Rebêlo da Silva, *Hist. de Port. nos séc. XVII e XVIII,* tom. I, pág. 519). — "...mereceu algumas finezas raras, e a mais notável foi *avisarem-na de que* seu marido, D. Manuel de Sousa Calhariz, tinha morrido na Tôrre do Bugio,..." (Camilo, *Perfil do marquês de Pombal,* p. 47). — "Rita correu ao quarto de Ângela a mostrar a carta do vigário da sua frèguesia, avisando-a *de que* o irmão iria brevemente buscá-la de liteira." (Id., *Os brilhantes do brasileiro,* cap. XIV, p. 105), — "..., como quem acorda

um irmão para *avisá-lo de que* um incêndio lhe lavra na casa." (Id., *Espinhos e flores,* quadro II, sc. VI). — "Vai, filha, e diz a um criado que o *avise de que* eu o estou esperando." (Id., *Purgatório e Paraíso,* act. 3.º, sc. III). — "Chamei-te, minha filha, disse o velho, para *te avisar de que* Maria vai recolher-se ao convento da Madre de Deus." (Id., *O judeu,* vol. I, part. I, cap. III, p. 33).—"Ao outro dia, o guarda *avisou o alcaide de que* a negra estava clamando que jurara falso,..." (Id., *ibid.,* vol. II, part. IV, cap. X, por 221). — "Emquanto êles rezam o Padre-nosso, *avisarei o leitor de que* vem contada a história na Corografia do padre Carvalho,...". (Id., *O santo da montanha,* cap. XV, p. 143). — "O que primeiro farei é *avisá-lo de que* eu não sou homem que o avise duas vezes." (Id., *O retrato de Ricardina,* cap. I, p. 19). — "Assim que suspeitou do projecto decisivo do marido, Quitéria, muito assustada, foi onde à irmã, e *avisou-a de que* o Artur, se não casava logo com sua filha, ou morria às mãos do seu homem, ou teria de matar o pai da infeliz, que deitou a perder." (Id., *Vulcões de lama,* cap. II, p. 33). — "Escrevi à sr.ª D. Albertina, *avisando-a de que*

depositei o dinheiro na mão do negociante,..." (Id., *A filha do doutor Negro*, p. 160).— "No emtanto, Antónia Joaquina cobrou melhoras quando leu uma carta de sóror Paula, *avisando-a de que* a sua amiga D. Catarina de Castro sofria por amor dela, tanto que se receava por sua vida," (Id., *A caveira da mártir*, cap. XXIX, p. 254).

Os nossos clássicos, porém, costumavam calar a preposição. Dos exemplos que neles sobejam, poremos aqui os seguintes: "Apareceu-lhe, e disse-lhe que da parte de Deus *a avisava que* daquele parto daria ao mundo um filho que nele seria uma grande coisa." (Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, part. I, liv. I, cap. I, p. 4, ediç. de 1866). —"... o qual *os avisou que* se retirassem logo, porque estava el-rei determinado aos matar." (P. Man. Bern., *N. Flor*, tom. II, p. 27, ediç. de 1708). — "..., e *avise-o que*, tanto que raiar a primeira luz, vá buscar a nosso sócio Germão." (Id., *ibid.*, tom. V, p. 11, ediç. de 1728). — "Uns dizem que Damasco cometera dois pecados, e que Deus *a avisa que*, ao terceiro ou quarto, não lhe há de perdoar." (Id., *Sermões e Práticas*, vol. I, p. 62, ediç. de 1711). — "E nesse caso é

preciso *avisá-la que* se mude quanto antes." (Camilo, *Os brilhantes do brasileiro,* cap. VI, p. 51). Na passiva, o nome da pessoa aparece como sujeito: "Foi logo avisado D. João da resposta de Ema." (Camilo, *Estrêlas propícias,* cap. VIII, pág. 82).

O sr. Gaspar Coutinho deve estar satisfeito, quanto a êste ponto. Vamos ao outro dos verbos *aconselhar* e *informar.*

Há verbos que admittem as duas construções: regime directo de coisa e regime indirecto de pessoa, ou regime directo de pessoa e regime relativo de coisa. Diz-se *aconselhar uma coisa a alguém,* mas também se usa o acusativo da pessoa: "Por estas e outras razões lhe aconselho, como bom amigo que ainda sou de seu marido, que, em vez de ir a el-rei, passe a Espanha." (Camilo, *O regicida,* cap. XI, p. 103). — "Em termos muito pausados e exteriormente frios lhe aconselhou a prelada que freqüentasse o côro, e pusesse as suas tristezas debaixo do olhar misericordioso de Maria Santíssima." (Id., *A filha do regicida,* cap. XV, p. 45). — "Saint-Goard, dando a notícia a D. Catarina e a seu espôso, aconselhava-os a que imediatamente escrevessem a seu tio." (Rebêlo da

Silva, *Hist. de Port. nos séculos XVII e XVIII,* tom. II, p. 79). — "Primeiramente, aconselhei-a a que se separasse do bruto." (Camilo, *Gracejos que matam,* p. 71).

Quanto a *informar,* pertence à classe dos verbos que se construem com regime directo de pessoa e regime relativo de coisa: "Encomendou el-rei D. João o terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do estado da Índia por via de seu companheiro, que era mestre do príncipe." (Vieira, *Sermões,* tom. III, p. 334). — '...; de mais a mais Eusébio Macário informou o barão de que o padre tinha sido,..." (Camilo, *Eusébio Macário,* cap. VIII, p. 80). — 'Perguntou onde lhe alugariam ou venderiam uma quinta nos subúrbios de Guimarães. Informaram-na de se estar oferecendo uma, que tinha antigamente pertencido a um corregedor assassinado pelos franceses,...'" (Id., *A enjeitada,* cap. XXIX, p. 258). — "..., e deram conta de tudo a Abd-el-Melek, informando-o de que a frota dos cristãos se compunha de tantos navios, que tinham infundido espanto nos mouros vizinhos da costa, cobrindo o mar de velas." (Rebêlo da Silva, *Hist. de Portugal,* t. I, p. 187.) — "..., e informou-o

de que o secretário das mercês estava no paço, esperando que acabasse o conselho de estado." (Id., *A mocidade de D. João V*, tom. II, p. 47). — "... informa-me de que viu em tempos explicada assim a origem daquele verbo:..." (C. de Figueiredo, *Falar e escrever*, 3.ª série, p. 120).

Na passiva o nome de pessoa acha-se como sujeito: "O Mota foi informado destas biltrarias..." (Camilo, *Eusébio Macário*, c. VIII, p. 85.)

> Eu sou bem informado que a embaixada
> Que de teu Rei me deste, que é fingida. (1)
> (LUS., cant. VIII, est. LXI).

---

(1) *Que é fingida*: *Que* é pleonástico. Note-se também a omissão da prep. *de*, que viria se o complemento fosse um nome ou pronome: Informei-o *de* tudo, informei-o *do* sucedido. Também neste lugar de frei Luís de Sousa, *Vid. do Arceb.*, liv. III, cap. XII, tom. I, p. 449, ediç. rolandiana, temos *sou informado que*, por *sou informado de que:* "Sou informado que daís má vida a vossa mulher, e que a tratais àsperamente contra o que deveis às leis do santo matrimónio." Coisa usualíssima é o prescindir da preposição em casos como êste.

XVII

Proposições elípticas

São casos de proposições elípticas os seguintes sôbre que nos consulta o sr. Belchior de Paiva:

1.º "E êle: Que não, que não queria casar-se segunda vez."

Omite-se miúdas vezes o predicado, se êste é um verbo que significa *dizer, perguntar, responder,* ou semelhantes, antes de palavras referidas como *discurso directo* (com *dois pontos* antes): "E aqui, tirando do seio um pergaminho, e beijando-o como relíquia santa de uma alma: — Aí tendes palavras suas, e por sua mão escritas para vós; é o testamento da sua experimentada sabedoria; é a escritura da vossa futura fama. Tomai-o". (Castilho, *Quadros históricos,* v. I, p. 98). — "E Felícia compadecida: — Se quer, eu venho fazer-lhe os caldos; que isso sei eu fazer a preceito." (Ca-

milo, *Eusébio Macário,* cap. II, p. 18). — "E, se lhe falavam neles: — Que os leve o diabo a ambos." (Id., *ibid.*, p. 20). — "E ela com arremêsso: — ¿Então que queria? ¿Que eu deixasse o mano?" (Id., *ibid.*, cap. IX, p. 92). — "E ela muito jovial: — Ainda bem! Ainda bem! Mal sabes que alegria me dás!" (Id., *ibid.*, cap. X, p. 115).

Esta elipse do predicado encontrá-la há ainda o sr. Belchior no quarto, oitavo e undécimo versos do soneto intitulado *Círculo vicioso,* do nosso Machado de Assis, soneto que integralmente vamos reproduzir para gôsto do leitor:

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
"Quem me dera que fosse aquela loura estrêla,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!„
Mas a estrêla, fitando a lua, com ciúme:

"Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela...„
Mas a lua fitando o sol com azedume:

"Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que tôda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

"Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfada-me esta azul e desmedida umbela...
¿ Por que não nasci eu um simples vaga-lume?„
(*Poesias completas,* Garnier editor, 1902).

Em Almeida Garrett, poema *Camões,* p. 204, edição de 1858, lemos:

Os olhos turvos para o céu levanta;
E já no arranco extremo: — "Patria, ao menos
Juntos morremos..." E expirou co'a pátria.

2.º Semelhantemente, nas proposições interrogativas directas, como a da consulta do sr. Belchior de Paiva: — *¿A mim tal insulto?* — amiúde se deixa de parte o predicado, quando a interrogação indica certa concitação do ânimo. Subent.: *se faz: A mim se faz tal insulto?—Eu um ladrão?* Subent.: *sou* ou *serei*. Lê-se no Sermão admirável que prègou o padre António Vieira pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda: "Pois isto se há de sofrer, Deus meu? Quando quisestes entregar vossas ovelhas a S. Pedro, examinaste-lo três vezes se vos amava: *Diligis me, diliges me, diligis me?* E agora as entregais desta maneira, não a pastores, senão aos lobos? ¿Sois o mesmo, ou sois outro? *Aos hereges, o vosso rebanho? aos hereges, as almas?...*"

Às vezes fica subentendido só um verbo finito que rege o infinito: *¿Eu enclaustrar-me num mosteiro?* (subent. *deverei*). — *¿Trair-me êle?* (subent. *poderia*). São os verbos como *poder, dever, querer,* chamados *fraseológicos, perifrásticos,* e também *servis* porque se empregam ao serviço do infinito de outro verbo, com que formam quási um todo, uma afirmação predicativa só: *podemos fazer, quero partir hoje, devo sair amanhã.* Também se usam como verbos servis *começar (a), tornar (a),*

pegar (a), e semelhantes: (1) *começa a ouvir, tornou a cerrar os olhos, pegou a dar gritos, a menina pegou a chorar;* e ainda, mas a serviço de um gerúndio, os verbos *estar, andar, ir, vir: estou estudando, a tarde ia morrendo, andava trabalhando, foi passando o tempo, vinha amanhecendo.*

---

(1) A combinação *começar de* hoje em dia está antiquada: o céu começou *de* toldar-se, uma voz começou *de* soar, começaram *de* bailar. O verbo *pegar* também se conjuga com o infinitivo regido da preposição *a* ou *de* para exprimir começo de acção: "Pegou a não comer, a emmagrar e chupar-se, que está na pele e osso." (Camilo, *A bruxa de Monte-Cordova*, 3ª part., cap. V, p. 236). — "A mãe do Justino não podia consolar-se da queda da religião e da libertinagem do filho. Pegou de secar-se, um grande fastio, ventre muito desarranjado, e acabou-se-lhe o pavio da vida.„ (Id., *Eusébio Macário*, cap. II, p. 16). — "...e depois, pegou de tremer, de tremer, e foi a terra de joelhos com as mãos na cabeça, e caiu para diante batendo com a cara na esquina do tablado sobposto ao triângulo.„ (Id., *A filha do regicida*, cap. XI, p. 100). — "Pegou de lagrimar quando o viu sem perna, sem côres, arrugado, desfeito.„ (Id., *A caveira da mártir*, cap. XV, p. 140).

XVIII

Corar, com o aberto átono

Ao sr. Valentim da Costa diremos que inda não tivemos tempo de ler o livro do professor Júlio Nogueira, — *Manual orthographico brasileiro;* mas aqui está em cima da mesa o exemplar que, há pouco, teve o autor a bondade de nos remeter.

De facto, na página indicada pelo sr. Valentim, inclui o nosso amigo Júlio Nogueira o verbo *corar* entre os exemplos, que cita, de palavras em que, para os portugueses, o *o* soa como *u*. "O facto, — escreve o sr. Nogueira, — de sempre o *o* átono valer *u* na prosódia lusitana faz que para os portugueses sejam homófonas palavras que para nós não o são: cons*o*lado, con*su*lado; m*o*rar, m*u*rar;; c*o*rar, c*u*rar, etc."

Corado não pode ser incluso no número das palavras em que, na pronúncia portuguesa, o *o* antetónico tem o valor de *u*, como *concorrer*,

consolidar, colocar, rodar, torcer, proteger, porteiro, formoso, etc. (concurrer, consulidar, culucar, rudar, turcer, pruteger, purteiro, furmoso). Em *corado* a vogar *o* é aberta. Formas anteriores: *coorado* = *colorado* = lat. *coloratu,* particípio de *colorare.* O dígrafo *oo,* primitivo, condensando-se, deu *ò,* com acento secundário: *còrar.* No dicionário de Aulete poderia ter visto o nosso excelente colega a pronúncia figurada: kó-*rá*-du, *kó*-rar, kó-ra-*doi*-ru. A abertura das vogais átonas em palavras como *còrado, càveira, bèsteiro, crèdor, mòrdomo* (1), etc. resultante da duplicidade de vogais arcaicas (coorado, caaveira, beesteiro, creedor), foi estudada com a sua reconhecida competência por Leite de Vasconcelos nas *Lições de Filologia Portuguesa,* pág. 145 e seg.

Antes da reforma ortográfica de 1911, isto é, antes que a sciência da linguagem, representada por indiscutíveis autoridades, entre as quais avultam os nomes de Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo e Carolina Michaëlis, viesse dar ao problema ortográfico orientação racional e scientífica,

---

(1) *Mòrdomo* de *maiordomo,* que se reduziu evolutivamente a *maordomo* — *moordomo* — *mòrdomo,* por assimilação de vogais, e depois por crase.

a escrita comum do verbo *corar* nos livros portugueses era *córar,* com acento agudo no *o,* e esta grafia queria indicar que a pronúncia da primeira sílaba é com um acento secundário, como fusão que é de dois *oo* num só. Abramos, por ex., o volume de Camilo Castelo Branco, *Sentimentalismo e História,* ediç. de 1879, e veremos a páginas 27: "Para confirmar e *córar* o aviso,..." — Folheemos ao acaso outro livro do insigne escritor, e encontraremos: "Mécia *córou* e Baltasar desviou dela os olhos para a não vexar com o seu reparo." *(O santo da montanha,* ediç. de 1866, p. 32).

Não é, porém, conveniente empregar o acento agudo em casos como *prégar, pégada, bésteiro, córar,* parecendo assim que o acento predominante recai na primeira sílaba. Aqui o acento ortográfico que se deve usar é o grave, que indica um som aberto e que a sílaba em que êle recai tem acento secundário e não principal: *pègada, màrmente, prègador, còrar.*

Segundo os ditames da ortografia oficial portuguesa, a escrita é *corar:* o *o* é vogal átona, como se vê pela pronúncia figurada entre parêntesis *(còrar)* no *Vocabulario alfabético e remissivo da língua portuguesa,* de Gonçalves Viana (1912); mas o código acentual organizado pela douta comissão prescreve o em-

prêgo do acento grave (o grave, e não o agudo), sinal indicativo do valor alfabético das vogais quando átonas, sòmente nos casos em que há outros vocábulos, escritos com as mesmas letras, nos quais as vogais se profiram surdas.

XIX

Pantano. — Aza. — Preza. — Ouvir. — Couve. —Dura e duração.—Estrangeiro.—Isolar.

Resposta a várias consultas de *Um capuchinho de Santo António:*

1.º — "Na palavra *pantano,* qual é a sílaba em que se deve fazer a acentuação tónica?"

Em Cortesão *(Subsídios para um dic. completo,* s. v.) pode o frade capucho informar-se da prosódia da palavra *pantano.* Diz o ilustre professor de Coimbra que os italianos e espanhóis pronunciam *pantáno* (acento tónico na segunda sílaba); mas que nós com menos correcção, certamente, fizemos o vocábulo esdrúxulo. Na sua *Gram. port.,* p. 142, n. 3, o mesmo autor diz que se pronuncia *invólucro, idólatra, míope, Cleópatra, amálgama, pántano,* devendo ser predominante a penúltima sílaba — *involúcro, idolátra, miópe, Cleopátra, pantáno* (como no cast. e no ital.).

Cândido de Figueiredo, na sua *Gram. sintética,* também cita *pântano* em vez de *pantâno,* entre os exemplos de deslocação de acento ou hiperbibasmo.

Gonçalves Viana refere-se proficientemente ao caso de *pantáno* e *pántano* nas suas *Apostilas,* II, 220, e reputa errada a pronúncia usual e corrente *pántano* carregando o acento na primeira sílaba.

No tocante à origem dêste vocábulo, comum ao italiano e ao espanhol, nada podemos asseverar ao capuchinho, que também sôbre êste ponto nos pede esclarecimentos. A etimologia é incerta. O mais que podemos, é apontar-lhe as várias etimologias que vários excogitaram, para que as considere e estude no remanso de sua cela. O Ménage supunha uma forma *paludanum,* do latim *palus,* lagoa; outros recorrem ao grego *patos, patêma,* lôdo, lama, com intercalação de um *n;* outros ainda perguntam se não será o latim *pontus,* mar; há quem o derive do latim *Pantānus,* certo lago da Itália antiga, e também se indicou o lat. *puls, pultis,* alegando as formas *palta* lombarda, e *pauta* piemontesa, e recordando que em italiano *pòlta, poltiglia,* significam lôdo, limo. Meyer-Lübke, *Gram. des l. romanes,* II, 450, dá o ital. *pantano* como derivado de *palta,* com o sufixo *ano, a* que forma grande número de adjectivos empre-

gados substantivamente como nomes de coisas. A substantivação que o latim fêz em *fontana* (elipse do determinado: — *fontana aqua,* ficando *fontana* com o valor de *fons,* e de *fontana* veio o italiano e o esp. *fontana* e o franc. *fontaine)* estendeu-se a outros: port. *verão* e esp. *verano,* esp. *ventana,* do lat. *ventus,* abertura para dar passagem ao vento. Por esta última palavra bem se vê que, não obstante a estreita relação que há entre a origem e o desenvolvimento literário das duas línguas da península hispánica, elas chegaram a designar por termos distintíssimos muitas ideas ou objectos usuais: esp. *rodilla,* do lat. *rotella,* que está em vez de *rótula,* diminutivo de *rota,* roda (1), e port. *joelho,* de *geôlho* ou *giôlho* (=*gẽolho,* do lat. *genuc'lu*) por metátese de vogais; port. *janela,* do lat. *januella,* de *janua,* e esp. *ventana,* de *vento,* como dissemos; port. *chapéu,* importado do francês como outros vocábulos em que o *c* inicial se acha representado por *ch* (*charrua, chefe, chantre*), mas do francês antigo *chapel,* cujo *l* se mantém nos derivados *chapeleiro, chapelaria, chapelada,*

(1) *Rotella,* para vir a fixar-se no actual *rodilla,* passou pelos estados intermédios *rodella, rodiella, rodilla,* da mesma maneira que *Castella, Castiella, Castilla.*

chapelinho, etc.: esp. *sombrero,* objecto que dá sombra. Uma das faculdades mais características da língua espanhola é a sua tendência para as imagens, para as comparações e para as metáforas de tôda espécie. E de metáforas não sòmente se engalana a *frase* castelhana, que também a própria *palavra:* assim quebrar, fazer pedaços, esmigalhar uma coisa, falando-se de um objecto duro, chocado por outro, diz-se *estrellar,* dividir-se em pedaços que se separam e irradiam: deriva de *estrella,* pela forma que resulta.

*
* *

2.º — *Asa* não é vocábulo homeótropo, isto é, a sua forma não representa dois vocábulos distintos na origem: *ansa* e *ala,* como diz o capuchinho ter lido em certo autor.

Se o fradinho, que nos consulta, recorrer aos grandes mestres da fonética e da etimologia, há de ver que *asa,* parte saliente de certas vasilhas e utensílios, por onde se podem asir, e *asa,* membro das aves e dos insectos que lhes serve para voarem, são a mesma palavra latina *a(n)sa:* o grupo *ns* já tinha perdido o *n* na pronunciação vulgar latina. "*Consules exempta n littera legimus.*" (Quintiliano, I, 7, 29). Temos, pois, *coser,* de *co(n)suere, cuspir*

de *co(n)spuere, custar* de *co(n)stare, mês* de *me(n)sem, mesa* de *me(n)sa, espôso* de *spo(n)sus, pesar* de *pe(n)sare,, trás* de *trans.* Asa não podia vir de *ala:* é de todo em todo irrealizável o câmbio de uma líquida numa sibilante, por se tratar de fonemas heterorgânicos. Isto vai contra o princípio de transição: não se passa de salto e precipitadamente da consoante de um grupo ou ordem a outra consoante de grupo ou ordem diferente: as permutas realizam-se entre as consoantes homorgânicas.

Fundam-se ainda noutra razão os etimologistas para não aceitarem *ala* como fonte de *asa,* e é que *l,* em posição fraca ou intervocálica, é sincopado, — queda que se deu no decurso de século XII, (veja-se Cornu, *Die port. Sprache,* § 130, e Bourciez, *Éléments de linguistique romane,* p. 416): *caelum,* céu; *incredulu,* encreo ou increo; *umbilicu,* umbigo; *salutem,* saúde; *volare,* voar; *colorem,* coor, donde côr, etc., além dos plurais cujo singular termina em *l: iguais, cruéis, vis.* — *Alas* deu, na antiga língua, *aas,* forma hoje refeita segundo o modêlo latino, como *saliva, silêncio, paladar, doloroso,* etc., que eram *saíva* ou *seiva, seenço, paadar, dooroso,* etc. De *aa, aas* (asa, asas) pode o reverendo senhor ver exemplos no abundantíssimo glossário de A. A. Cor-

tesão, e leia mais o que escreveram àcêrca de *asa* quatro beneméritos romanistas portugueses:

Adolfo Coelho *(Dic. manual etimológico da língua portuguesa): "Aza:* lat. *ansa;* a palavra é idéntica em todos os sentidos; foi por semelhança que *aza,* de *ansa,* que em latim significava ùnicamente a parte saliente de um utensílio, etc., que serve para lhe pegarmos, veio a designar o mesmo que *ala; ala* não podia dar nunca *aza,* como teem pretendido os etimologistas portugueses. Conforme a etimologia a palavra devia-se escrever com *s.*"

Leite de Vasconcelos *(Estudos de Filologia Mirandesa,* vol. II, p. 153): "A forma correspondente em português arcaico é *aa,* pela síncope normal do *l;* como a contracção, que tinha fatalmente de se operar, se a palavra continuasse a viver, daria *à,* que se confundia com outra palavra da língua, foi *aa* substituída por *asa,* que vem do lat. *a(n)sa* (metáfora). Em esp. é *ala,* como em mirandês: latim *ala.*"

Gonçalves Viana *(Apostilas aos dicionários portugueses,* tom. I, p. 97): "E' sabido que *asa* é o *ansa* latino e que, além do significado dêste, compendia também o de *ala,* que, depois de ter passado a *aa,* desapareceu inteiramente do uso, visto que o latinismo *ala* tem sentido muito restrito. Exemplo de *aa* ainda o encontramos

no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama:* — "non tem penas nas *aas.*"

Cândido de Figueiredo *(O que se não deve dizer,* vol. II, p. 111): "Se o vocábulo veio do latim *ansa,* onde não há sombra de *z,* ¿aonde se há de êste ir buscar?

"E' claro que me não refiro aos que sistemàticamente evitam o *s* intervocálico, e escrevem *aza, roza, caza, fuzo...* E' um sistema, e pode haver trinta; mas quem assim escreve abstrai da razão morfológica das palavras, e procura escrever como pronuncia; se pensasse porém mais um pouco nos resultados do sistema, não sei se o manteria.

"Cada letra tem sua razão de ser, e é absolutamente inexequível, por um lado, representar por uma só letra todos os tonemas idênticos, e, por outro, criar sinais para tôdas as modulações de cada vogal. Logo, só a história da língua e a origem do vocabulário, conciliadas com a fonética, poderão produzir grafias úteis e justificáveis.

"O demónio é que temos *s* em *asa, fuso, rosa, pesar, pêsame, empresa, defesa...* e temos *z* em *prezar, fazer, razão, realizar, organizar...* e muita gente se vê às aranhas no emprêgo do *z* e do *s.* Para tais casos, se o estudo não convier, porque faz queimar as pestanas, só há o recurso de um dicionário razoável, ou de

qualquer autoridade que tenha voz no assunto. Para as primeiras necessidades, há um capítulo a tal respeito no vol. I de *O que se não deve dizer.*

"Se isto fôsse reclamo eficaz, já do livro se teriam esgotado trinta edições. Mas está na segunda.

"E muitas graças a Deus".

Já vê, pois, o franciscano que *asa* não se pode incluir entre os exemplos de formas convergentes ou homeótropos, i.é homonímias que derivam da confluência de fontes diferentes e são devidas à alteração fonética, como *prego* de *plico* e *praedico; fiar* de *filare* e *fidare; se* do latim *si* e *se*: *a* de *ab* e *ad; como* de *quómodo* e *cómedo; rio* de *rideo* e *rivum;* e em francês: *son* de *suum* e *sonum, neuf* de *novem* e *novus; louer* de *locare* e *laudare.* Pelo contrário, não há homonímia em *asa.* Do que se trata aqui, é de bifurcação semântica da mesma palavra, — evolução de significado: a *serra* do carpinteiro, por uma das metáforas mais felizes, designa uma cadeia de montanhas, o perfil de cujas cristas se assemelha à lâmina dentada do dito instrumento. Em francês, *cor, — le cor au pied,* e *le cor de chasse* teem origem idêntica: o latim *cornu,* o chifre, um porque

tem a dureza do chifre, e o outro porque tem a forma dêle.

*
* *

3.º — No mesmo autor que decreta que *asa* vem de *ala,* descobre o capuchinho outras escorregadelas etimológicas, tais como *preza* da *praeda,* e *ouvir* e *couve* de *audire* e *caule,* tendo-se mudado o *d* em *z* e *v,* e o *l* em *v.* A pouca conta em que muitos teem os estudos fonéticos, que são do maior interêsse e de suma importância, leva-os a tais e tantas enormidades que podem causar riso, se não prevalecera a lástima. Para a etimologia é condição indispensável o conhecer-se a fundo a fonética histórica da língua, as leis que regulam a transformação de uma palavra latina em cada língua românica, segundo a primitiva índole e eufonia dos vários idiomas. As leis fonéticas ensinam que o fonema *d* intervocálico cai geralmente: *credere,* creêr; crêr; crudele, cruel; *medecina, medezina, meezina, meezinha,* mèzinha; *sedem,* see, sé; *hédera,* hera; *sudare,* suar; *taeda,* teia, e, em português arcaico, há *oir* de *audire,* e *loar,* de que proveio *loa* (em lat. *laudare,* e *laus, laudis).* Portanto, com a queda da consoante mediana, temos *preia* de *praeda,* donde *depredação.* O substantivo

fem. *presa* (com *s* e não com *z)* vem do lat. *prensa,* p.p. de *prendere,* colhêr, agarrar, e daí *a-presar, re-presar, re-prêsa, em-presa, sur--prêsa, pres-ilha.* Sem a fonética o que se abalança a etimologizar, está sujeito aos piores desatinos: tal um cavalo espantadiço a que se esqueceram de pôr os antolhos.

J. J. Nunes, foneticista de valor e em quem, por isso, não há receio de semelhantes extravios, diz no seu compêndio de *Gram. histórica portuguesa* (Lisboa, 1919), — livro que deve ser o vade-mecum não só dos estudantes, mas também de qualquer pessoa que queira familiarizar-se com a evolução fonética e morfológica do português, sem se perder no caminho tortuoso dos erros, dos despropósitos, das fantasias e das coisas atrasadas: "Os verbos arcaicos *choir, goir, loar, oir* e o substantivo *couve* devem provir não de *claudere, gaudire, laudare, audire* e *caule,* mas de *clodere, godire, lodare, odire* e *cole,* pois só assim se explica a queda do *-d-* e *-l-;* nestas formas desenvolveu-se cedo entre o *-o-* e a vogal imediata outra da natureza daquela, isto é, *u,* resultando daí o ditongo *-ou-;* cujo último elemento, por sua vez, produziu outro *u* que não tardou a consonantizar-se. O desenvolvimento de um *u* depois de outro originário, quando seguido de vogal, e mais tarde a sua consonantização eram fenóme-

nos já conhecidos do latim, que escrevia *duo, pluo,* mas pronunciava *du-v-o, plu-v-o,* etc. O mesmo em francês, como se vê em *jouir, louer, ouir,* dantes *joir, loer, oir,* e com *-v-* consoante *bouvard* e *pouvoir,* evolucionados de *bouard* e *pouoir.* Note-se que o galego possui ainda as nossas formas intermédias *louar* e *ouir*".

O sábio mestre Leite de Vasconcelos, tratando de palavras em que introduziu o português um *v* não original *(couve, ouvir, louvar),* escreve na *Rev. Lusitana,* 3.º, p. 297, n.: "A epêntese, ou antes desenvolvimento, de *v* só se dá entre *u* e vogal; êsse *v* resulta da consonantização de uma semivogal, que representarei por *w̄,* tendo nós assim: *caule, caue, coue, couwe, couve.*"

*
* *

4.º — "Queira ter a bondade de me dizer se devemos escrever *dura* em vez de *duração.*"

Temos *duração,* do lat. *duratione,* e *dura,* de *durar,* como outros substantivos do mesmo género, isto é, tirados directamente do radical dos verbos: *abalo, abraço, agasalho, agravo, amparo, aposento, assento, balanço, castigo, co-*

mêço, cuspo, grito, mando, protesto, remendo, busca, caça, compra, contenda, deixa, entrega, fala, honra, jura, justa, limpa, loa, monda, muda, pesca, procura, purga, queima, etc. Formações desta espécie chamam-se *nomes posverbais*. Deriva-se, por ex., *serrar* de *serra, soar* de *som, escudar* de *escudo, raivar* de *raiva, escamar* de *escama, estanhar* de *estanho;* mas a analogia toma o caminho contrário e forma *compra* ao lado de *comprar, apara* de *aparar, vôo* de *voar*. E' uma espécie de formação proporcional: *cea-r: ceia:: mondar: monda*. Os substantivos posverbais envolvem, em regra geral, a idea de uma acção e são abstractos; há, porém, excepções. Aqui estão alguns que com o uso se tornaram concretos: *assobio,* acção de *assobiar,* e também o instrumento com que se assobia; *sonda,* acção e efeito de *sondar,* e prumo que serve para explorar o fundo das águas. *Loa,* subst. verbal, formado do arcaico *loar* (louvar) significou primeiro o acto de *loar* e depois a canção em que se exprime o louvor. — Com a acepção de agente temos *adivinho,* de *adivinhar*.

Os nomes posverbais, que se devem considerar como pertencentes à *Derivação inversa, regressiva* ou *retrógrada,* são uma das principais riquezas do português. Sendo sempre os sufixos em número limitado, a abundância

das palavras formadas com tais elementos ocasiona a repetição contínua das mesmas consonâncias finais, ao passo que os regressivos ou substantivos tirados de verbos, sôbre serem curtos e rápidos, terminam em combinações de sons tão variados como os radicais, isto é, em número quási indefinido, e a língua, nomeadamente a da poesia, cobra daí grande parte de sua sonoridade e o encanto imprevisto de muitas rimas.

Quando não existe substantivo verbal, a língua tira dos verbos os substantivos, e ainda mesmo no caso que exista, se a expressão dêsse substantivo verbal é demasiado longa, e carece de vivacidade e de côr. E' viva a luta entre os nomes verbais e as palavras com sufixos vindas do latim. Em lugar de *duração*, i. é de um substantivo que deriva do verbo pela adição de um sufixo, a língua criou uma palavra de forma mais simples, mais leve, mais curta e mais viva, tirada do tema verbal geral, ou tema puro, com a simples terminação de género *o, a: duração* e *dura, conversação* e *conversa*. Exemplos ainda dêstes verbais que teem sinónimos com os sufixos *ção, mento, dura* e outros, são *ajuste* = *ajustamento; entêrro* = *enterramento; recibo* = *recepção* = = *recebimento; ensino* = *ensinamento* = *ensinança*, etc.

Note-se mais que entre os substantivos verbais há alguns que teem dupla forma, como *saque,* e *saqueio,* de *saquear* que é derivado de *saco.* Como êste último termo é pouco usado, daremos dêle um exemplo do padre Bernardes: "... o que, no *saco* de Roma pelos Espanhóis, disse um soldado, que, entrando em um convento, e achando tudo já despojado,..." *(N. Flor.,* III, 40). — Como *saqueio,* há outros nomes posverbais em *eio,* procedentes de verbos em *ear: bloqueio, bombardeio, tiroteio, sorteio, devaneio, recreio, passeio.*

Sem nos darmos ao trabalho de longa procura nos livros, podemos citar ao capuchinho os seguintes exemplos de *dura:* "Porém não convém, Antíoco, que êsses refrescos e passa-tempos sejam de muita *dura.*" (Dom Frei Amador Arráiz — *Diálogos,* ediç. rolandiana, 1846, p. 91). — "Algumas vezes se tinham levantado tempestades (pôsto que de pouca *dura)* entre D. Matilde e Ambrósio,..." (Castilho, *Mil e um mistérios,* vol. I, cap. VII, p. 43). "...foi a primeira que entre as línguas modernas se cultivou, mas que por sua breve *dura* não chegou nunca à perfeição". (Garrett, *Bosquejo da hist. da poesia e língua portug.,* tom. I do *Parnaso Lusitano,* p. 8). — "A mudança deu resultados sedativos de pouca *dura*". (Camilo, *A corja,* ca-

pítulo XV, p. 158). — "No cap. X dêste livro ficou escrito que os remorsos dêste homem eram fáceis, mas de pouca *dura.*" (Machado de Assis, *Quincas Borba,* p. 102). — "E o principal é que os nossos temporais eram agora contínuos e terríveis. Antes de descoberta aquela má terra da verdade, tivemos outros de pouca *dura.*" (Id., *Dom Casmurro,* p. 360). O Filinto, havendo empregado, na tradução que fêz das *Fábulas* de la Fontaine, o nome *dura,* pôs-lhe esta nota: "*Dura* é substantivo, adjectivo e verbo, segundo as ocasiões. Aqui é substantivo, como o é quando dizemos — *êste pano é de muita dura* — *Sol de inverno é de pouca dura* — etc." (Edição de Londres, 1813, tom. II, p. 217).

*
* *

5.º — *Estrangeiro.*

Os puristas recensearam no catálogo dos galicismos o uso de *estrangeiro* por *países estranhos, terras estrangeiras: Il s'enfuit à l'étranger avec sa maîtresse* = fugiu para o estrangeiro com a amante. — *Une Confrérie, établie déjà sur divers points de l'Espagne et de l'étranger* = uma confraria, estabelecida já noutros pontos de Espanha e do estrangeiro.

São hoje mui comuns frases como estas e até se encontram em autores de nota.

Traduziu Camilo na nossa língua materna a novela de Cazotte, — *O diabo enamorado* (Le diable amoureux) e, a páginas 16 da edição de 1872, escreveu: "Em França, e mòrmente *lá fora*, êste livro foi modêlo inspirativo de muitas produções análogas". O original diz desta sorte: "En France, *à l'étranger* surtout, ce livre a fait école et a inspire bien des productions analogues." Mas o próprio Camilo emprega a expressão *no estrangeiro* nos seguintes lugares da *Luta de Gigantes*, romance histórico escrito na linguagem de Bernardes e fr. Luís de Sousa: "Francisco Xavier de Oliveira, perseguido pela Inquisição, escreveu *no estrangeiro* em francês para ganhar o pão cotidiano, escasso e amassado em lágrimas." (P. 115 da 3.ª ediç.) — "... escrevendo a história da brava peleja com fr. Martinho, no propósito realizado de a mandar estampar *no estrangeiro*, no ano seguinte." (P. 123). — "Que êle viva como príncipe em alguma das possessões portuguesas, ou *no estrangeiro*, se assim convém, com os rendimentos do seu património, e honras de filho de Dom João IV." (P. 227). — Na *Boémia do Espírito*, p. 64, ediç. de 1886, há estoutro exemplo: "Dêsse duelo resultou que o adversário ficou

em perigo de vida, e o conde fugiu para *o estrangeiro.*" — São ainda do famoso romancista as duas seguintes passagens: "Afonso escreveu a sua mãe, pedindo-lhe recursos para se ausentar de Portugal, e licença para se demorar *no estrangeiro* até poder regressar esquecido de Teodora." (*Amor de salvação,* cap. VIII, p. 83). — "E, na volta de poucos dias, anunciava-se o leilão da rica mobília de um palacete a Bemfica, trens, cavalo, etc., tudo pertencente a uma senhora que se retirava para *o estrangeiro.*" (*A mulher fatal,* cap. X, p. 207). — E' que a palavra *estrangeiro* se torna muitas vezes insubstituível e não há outro remédio senão adoptá-la.

*

* *

6.º — Quanto a *isolar* e à sua substituição por *insular,* como propõem alguns, ninguém responderá com mais segurança ao consulente do que Gonçalves Viana, em cujas *Apostilas,* t. II, p. 7, se lê o seguinte: "Muitos escritores preferem *insular,* como verbo, a *isolar,* "apartar, deixar só, desacompanhado", por ser galicismo o segundo. Galicismo, ou não, porque a forma é mais italiana que francesa, pois em

toscano é que se diz *ísola,* por "ilha", entanto que em francês o nome é *île,* antigo *isle,* entendo que já não é tempo de desterrar palavra tão usada e tão expressiva; *insular* é igualmente neologismo, e em latim seria barbarismo."

XX

Todo-poder. — Universal. — Tríduo. — Exhuberancia. — Estático e extático.—Aerómetro, areómetro. — Complot. — Casos de elipse. — Constipação.

Resposta a perguntas várias do sr. Francisco José da Costa:

1.ª — Quanto à expressão *todo-poder* ("o todo-poder de seu Verbo"), parece-me galicismo, que em nada leva vantagem à nossa antiga *onipotência*.

2.ª — A frase: "A criada *sacudia* as cadeiras" figura-se-me um disparate, pois o que se sacode é a poeira das ditas.

3.ª — *Universal* é o relativo ao universo. Na frase: "Uma lista de nomes, alguns dêles universais", parece-me que está mal usado, por "universalmente conhecidos".

4.ª — *Tríduo* é espaço de três dias, e também certo exercício devoto que dura três dias.

E', pois, impróprio e censurável "um tríduo de amigas." Repare-se neste exemplo: "Saltam depois, e cantam e dançam pateando, e neste jôgo mui aparatoso empregam três dias cheios, até que, findado o *tríduo...*" (Filinto, *Vida de D. Man.*, I, 153).

5.ª — *Exhuberância* não precisa *h: exuberar,* donde derivam *exuberância* e *exuberante,* é formado de *ex* intensivo e *uber,* fecundo, abundante, copioso — *uber, uber-is,* mama, têta, peito túmido, na apojadura. — *Estático* e *extático* são parónimos. "A extática virgem e doutora santa Teresa de Jesus" exige um *x,* ao passo que "a electricidade estática" não o necessita. Isto são miùdezas ortográficas, mas não devemos desprezá-las, pois quem não faz caso dos pecados veniais, fàcilmente cai nos mortais. Não suponha o sr. Costa que não acarreta inconveniente algum o uso indistinto do *x* ou *s* nas palavras começadas por *es;* até há palavras que mudam completamente de significado, mediante o emprêgo de uma destas consoantes ou da outra; tal ocorre, por exemplo, nos parónimos *espiar* e *expiar, espirar* e *expirar, estático* e *extático,* etc.

6.ª — Não se deve confundir *aerómetro* com *areómetro.* Basta, como meio mnemónico, que o sr. Francisco Costa repare que o radical de

aerómetro e o gr. *aer,* ar (instrumento destinado a medir a densidade do ar), e que o de *areómetro* é o gr. *araiós,* pouco denso (instrumento que serve para determinar a densidade dos líquidos). *Metro,* para ambos, significa *medida.*

7.ª — "Era um pequeno *complot,* em que não me admittiam."

Emende-se: Era uma pequena conspiração, era uma conspiraçãozinha, era uma conjura a que eu não era admitido.

Diz o sr. Costa que sabe existirem eqüivalentes dêste galicismo, mas que lhe parece mais elegante dizer *complot.* Gôsto estragado. Aos ouvidos portugueses soa muito mal *complot.* Os amigos de novidades querem emendar ou ilustrar o idioma comum, introduzindo palavras exóticas e termos que lhes parecem mais elegantes, sendo, na verdade, mais ridículos. ¿Ao sr. Francisco não lhe parecerá que são também ornamento da língua *toilette, rendez-vous, soirée, boucles, papier-satin, enveloppe, tournée, massacre, constatar, debutar,* e mil outros trazidos na inundação de lama galicana?

8.ª — Dizer-se "um seu tio, *irmão que foi da mãe,...*" é uma elegância, em vez de *que foi irmão da mãe.* Esta inversão não era desconhecida aos Latinos, achando-se em Cornélio Ne-

pos, *Vit. Eum.*, § 6: *Olympias, mater quae fuerat Alexandri.* (Refere-se o historiador latino a Olímpias, filha de Neoptólemo, rei dos Molossos no Epiro, e mulher de Felipe, rei de Macedónia, e mãe de Alexandre Magno). De semelhantes casos com o *que* referindo-se a um nome de pessoa defunta, há muitos nos escritores portugueses: "Disseram a Teofrasto, *discípulo que foi de Aristóteles,* que aqueles dois homens eram grandes amigos." (Fr. Heitor Pinto, *Diálogo da verdadeira amizade,* cap. II). — "Damão e Pítias, *discípulos que foram do grande Pitágoras,* abalisaram-se tanto na amizade e lealdade e agradecimento,... (Id., *ibid.,* cap. X). Outros exemplos omito por brevidade.

9.ª — Na frase: "Êle, *saber,* não o sabe" creio que se omite, antes de *saber,* a expressão *quanto a,* ou outra semelhante. Com esta elegante elipse, disse o sr. Rui Barbosa no discurso que devia pronunciar, como paraninfo, na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 29-III-1921: "Não aprendeu nada, e sabe tudo. *Ler,* não leu. *Escrever,* não escreveu. *Ruminar,* não ruminou. *Produzir,* não produziu."

10.ª — Na frase "culpava os pastores por negligentes" o verbo *ser* está subentendido; a preposição *por,* antes do infinitivo, eqüivale a

porque, seguido de um tempo do indicativo, e assim é que se traduzirá em francês: *Il inculpait les bergers, parce qu'ils étaient négligents.* O mesmo facto com o *por* em sentido causal encontramos nestes exemplos: "Antigamente houve entre gentes bárbaras êste impiíssimo costume, que os filhos enterravam vivos seus pais, quando estes, *por velhos e enfermos,* não podiam ganhar de comer." (P. Manuel Bernardes, *N. Floresta,* I, 255).—"Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse pôsto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, *por iuútil,* para o fundo de uma arca,..." (A. Herculano, *Lendas e narrativas, A abóbada,* tom. I, p. 268).

Nestoutro lugar, com uma oração de *porque,* omitiu Herculano o verbo *ser:* "Educado na crença viva daqueles tempos; naturalmente religioso *porque poeta,* foi procurar abrigo e consolações aos pés d'Aquele cujos braços estão sempre abertos para receber o desgraçado que neles vai buscar o derradeiro refúgio." *(Eurico,* cap. II). Na versão para o francês pôr-se-ia claro o verbo..., *naturellement religieux, parce qu'il était poète* (1). Algumas

(1) Sôbre a supressão do verbo com a locução conjuntiva *parce que,* escreve o sr. Albalat na última das suas obras didácticas, — *Comment il ne faut pas écrire* (Paris, Plon-Nourrit e Cia., 1921), p. 224:

outras conjunções admitem a mesma construção abreviada sem verbo. "Eu, *quando bispo,* era rico medianamente; *quando cardial,* comecei a ser pobre; agora *quando papa,* sou um mendigo miserável." (P. Man. Bern., *N. Flor.,* II, 237).—"Dizem que a deusa Tétis, para fazer a seu filho Aquiles invulnerável, o mergulhou, *quando menino,* nas águas Estígias..." (Id., *ibid.,* 284). — "Envergonhou-se ela, porque, *ainda que pecadora,* era mulher, e disse..." (Id., *ibid.,* IV, 312).

11.ª — *Constipação, estar constipado.* São expressões que, em francês, não teem nunca as mesmas acepções que em português.

Constipação diz-se comumente em português para indicar a supressão de transpiração, defluxo, o que se deve traduzir em francês com *refroidissement* ou *rhume,* e não *constipation* que, em francês, significa exclusivamente prisão de ventre, obstrução de ventre.

"D'autres s'imaginent qu'il est de bon ton de supprimer le verbe après le mot: *parce que:*

Elle était bonne, *parce que* femme.
Il tenait à elle, *parce que* bien élevée.
C'est plus beau, *parce que* plus mystérieux.
Ce point est discuté, *parce qu'*encore inconnu.

On appelait Raphaël: *Urbino, parce que né* dans les terres de ce nom...

Cette tournure ridicule est très en faveur dans le journalisme."

Em português também se chama *constipação* a prisão de ventre, mas, por melhor distingui-la do sentido de resfriado, resfriamento, costuma-se dizer: *Constipação de ventre.*

Guarde-se, pois, o sr. Francisco Costa de responder, em francês, a quem se informe do estado de sua saúde: *Je ne me porte pas bien, j'ai une forte constipation.* Deverá dizer: *Je ne suis pas bien aujourd'hui, j'ai un gros rhume.*

La constipation francesa é, pois, uma indisposição de que não podemos falar senão aos íntimos ou ao médico.

Em português, porém, nenhum inconveniente há em que se diga *estar constipado,* que significa *padecer de renitência ou prisão de ventre,* mas que mais comumente se usa por *estar resfriado, endefluxado, encatarroado,* sentido que não pode ter em francês *être constipé,* modo de dizer que signfica tão sòmente aqueloutra coisa. Em português dizemos bem: "Parece-me que estou um pouco constipado." O francês usa aqui o verbo *enrhumer: Il me semble que je suis un peu enrhumé.*

Camilo, traduzindo em vernáculo a novela intitulada *Le diable amoureux,* de Cazotte, que foi dos primeiros e mais quiméricos iluminados, novela alegórica e de muita paixão, não hesita em usar mais de uma vez a palavra

constipar, para traduzir o *enrhumer* do original: "Estava ela um tanto constipada e fatigada. (P. 78 da ediç. de 1872) = *Elle était enrhumée, fatiguée...* — "Andas em palmilhas pelo soalho... Vê lá se te constipas." (P. 89). = *Vous courez sur le carreau sans pantoufles; vous allez vous enrhumer.*

Ainda me puxam pela pena dois exemplos de Camilo em livros originais, e um de Rebêlo da Silva: "Nisto, o marido de Adriana espirrou e disse: — Acho que me constipei! Fiz boa asneira em cá vir com êste frio! Deixasse-me eu estar em casa..." (Camilo, *Vinte horas de liteira,* p. 256). — "Eu também quis ver o mar onde a lua se espelha tam poèticamente! Mas a noite vai arrefecendo; e eu receio muito as constipações à beiramar. Se me dá licença, recolho-me..." (Id., *Scenas da Foz,* p. 54). — "Fazia vento quando voltaram para o colégio; o padre constipou-se e ficou surdo de defluxo." (Reb. da Silva, *A mocidade de D. João V,* tom. I, cap. V, p. 59).

XXI

ÊLE e SI

Chama o sr. José Maria dos Santos, de Belo-Horizonte (Minas-Gerais) a minha atenção para esta passagem de uma versão portuguesa da *Graziela* de Lamartine, vol. 46 da *Colecção Lusitánia,* editada pela Livraria Chardron, do Pôrto: "¿Não sabias tu que são pagãos e que trazem a desgraça e a impiedade com *êles?*" (P. 123).

Outras traduções há, pois que o livro é muito lido em português, e muito mais esmeradas, da *Graziela* do célebre poeta francês, e entre elas merece especial menção a de Bulhão Pato (Bibl. dos Dois Mundos, 1864; 2.ª ed.: Bibl. Univ. Ant. e Moderna, corrigida pelo trad., Lisboa, 1888; nova edição revista: S. Paulo, Brasil, 1891).

O tradutor da *Colecção Lusitánia* não devia ignorar que temos em português um pronome

reflexo de terceira pessoa, *se, si, sigo,* que para alguma coisa mais há de servir que para encher algumas páginas dos dicionários e gramáticas. Deveria êle ter escrito com o dito pronome: "... e que trazem *consigo* a desventura e a impiedade."

O francês *Le maître m'assit auprès de lui* traduz-se: Sentou-me o mestre junto *de si.* — *Dieu l'a rappelé à lui* = Deus chamou-o para *si.*

Cumpre, porém, não incorrer no abuso contrário, nem escrever como leio noutra tradução, lastimàvelmente feita não sei por quem. Refiro-me ao volume 13 da *Colecção económica* (Livraria de António Maria Pereira, Lisboa), — versão do romance intitulado *Um coração de mulher,* um dos que escreveu Bourget antes de se fazer fervoroso cristão prático: "E' o lugar onde se sentem mais isoladas, mais defendidas contra a vida que palpita em tôrno de *si*". Emende-se: *Em tôrno delas,* que *si* não pode referir-se senão ao sujeito da frase, que aqui é *que (a qual vida).*

XXII

Não tenho outro amigo senão tu, ou senão a ti

O sr. Bento de Castro pergunta, num bilhete de seis linhas, se deverá dizer-se: "Não tenho outro amigo *senão tu*" ou "não tenho outro amigo *senão a ti*."

Parece-me que a construção mais natural é esta última, porque nela o *senão* transmite ao segundo termo *a ti* o regime do verbo *ter*, debaixo de cuja acção está o primeiro termo *outro amigo*. Nesta construção o *senão* liga casos idénticos. *Ter* pede acusativo; o acusativo da segunda pessoa do singular é *te* ou a *ti;* mas, não se pondendo usar *te* senão junto de um verbo, é preciso empregar-se nesta frase a forma *ti* precedida de preposição. Isto é o que vai ver o sr. Castro nos seguintes exemplos de três grandes modelos: "Ama-me muito e sempre; ama-me como te eu amo; que mais ninguém tenho já neste mundo *senão a ti*." (A.

F. de Castilho, *Camões,* acto IV, scena XVII). "..., mas ficou em memória que na fôrça das devoções lhe apareceu o bom Jesus coroado de espinhos, e com a cruz às costas; e lhe disse que se não cansasse, que nenhum outro espôso teria *senão a êle.*" (Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos,* part. 3.ª, liv. 2.º, cap. 3.º). — "Mas... mas o meu neto é o meu sangue, a minha vida, é o filho querido da minha única e tam amada filha, êle não conheceu outra mãe *senão a mim,* quero-lhe por êle e por ela." (A. Garrett, *Viagens na minha terra,* vol. I, cap. XIV, p. 143). — "Pois olha, Carlos: eu nunca amei, nunca hei-de amar a nenhum homem *senão a ti.*" (Id., *ibid.,* cap. XXV, p. 266).

Em tôda a natureza
Não vejo outra beleza
Senão a ti — a ti!

.....
.....
.....

Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

(Almeida Garrett, *Folhas Caídas,* p. 171, ediç. da Imp. Nacional, Lisboa, 1859).

A outra construção: *não tenho outro amigo senão tu* encontra-se no autor da *Sereia* e do *Amor de Perdição,* e pode-se justificar a pre-

sença do nominativo *tu* por se considerar o pronome como termo do ver *ser* subentendido. *Não tenho outro amigo senão tu* tem o mesmo sentido que estoutra oração: não tenho outro amigo que não *sejas tu*. Aqui estão os exemplos de Camilo: "E, na verdade, eu sei que sou muito, muito infeliz! Não tenho nada, não sei trabalhar, não tenho outras amigas, *senão tu,* e esta mulher a quem devo benefícios que me colocaram inferior a ela..." *(Os brilhantes do brasileiro,* cap. XV, p. 124). — "Não tenho mais nada que me recorde a minha alegre mocidade *senão isto e tu!" (Ibid.,* cap. XVIII, p. 151). — "Eu sou do homem que amo. Não vejo nada neste mundo *senão êle,* e as suas lágrimas." *(Carlota Ângela,* cap. XVII, p. 174). — "Não tenho ninguém que me estime, *senão tu." (O carrasco de Vítor Hugo José Alves,* cap. X, p. 142).

O seguinte exemplo é de Garrett: "Amo-o, e já não é possível que eu ame outro homem *senão êle." (Um auto de Gil Vicente,* act. III, sc. XI, ediç. da Imp. Nacional de Lisboa, 1869).

XXIII

Noyer, étouffer. — Confesser, avouer.—Encourir. — Se gratter la tête. — Tous les deux jours.

O sr. Roberto Rodrigues diz ser estudante, declara que foi reprovado num exame de língua francesa a que, pouco há, se submeteu, mas que se não conforma com os seus juízes, que consideraram erradas as seguintes coisas de sua prova de versão de um trecho para o idioma de Molière:

a) O emprêgo do verbo *noyer* nesta frase: "Com voz afogada e quasi imperceptível replicou..." — Não pode ser. *Afogar-se* por asfixia, de calor, etc., abafar, sufocar, é *étouffer: D'une voix étouffée et presque imperceptible, elle répliqua...* — Com voz quási afogada, *ou* quási sufocada pela comoção = *D'une voix presque etouffée d'émotion. Se noyer* é afogar-se na água. *Noyer* indica a morte por

imersão; é o latim *necare,* matar, que especializou o seu valor, representando, no ponto de vista semântico, a combinação *necare aqua.*

b) O emprêgo do verbo *confesser* nestoutra frase: "Confesse, minha senhora, que me acha algum tanto ridículo pelas minhas pretensões a ter gôsto artístico e pessoal." — Também não é possível. Em francês, diz-se *confesser* em sentido eclesiástico: confessar os seus peccados, *confesser ses péchés;* — em pequeno, confesava-me, *quand j'étais enfant, je me confessais.* Nas suas demais acepções, *confessar* é *avouer: Avouez, madame, que vous me trouvez un peu ridicule de prétendre avoir un goût artistique à moi.*

c) O emprêgo do verbo *encourir* com a preposição *dans:* Encourir *dans* la haine de quelqu'un — Encourir *dans* une peine, *dans* une punition, etc., segundo o português: *Incorrer em uma pena, em uma punição, incorrer na condenação eterna, incorrer no desagrado do rei,* etc.

Encourir, em francês, é verbo activo, ao passo que o seu correspondente português, *incorrer,* é neutro: Il a encouru les reproches de ses chefs — Il encourt la peine portée par l'article... du code de commerce.

Incorrer, como v. transitivo *(incorrer algo)* é arcaico — diz Epifânio Dias na sua *Sint. hist. portug.,* p. 146.

d) Em francês não se diz nunca se *gratter en tête,* como se diz algumas vezes em português *(coçar a cabeça* ou *coçar na cabeça).* No tom. I, p. 162 d-*O monge de Cister,* ediç. de 1859, escreveu Herculano: "... respondeu o bèsteiro, largando o cutelo e coçando *na* cabeça." Nas suas *Lendas e narrativas,* tom. II, p. 155, diz ainda o profundo e erudito historiador: "Eu — disse êle finalmente, coçando *na* cabeça — tinha cá uma idea..." No capítulo 39 do romance intitulado *As pupilas do Sr. Reitor,* escrito por Júlio Dinis, encontramos esta passagem: "..., tirando o chapéu e coçando *na* cabeça". Em francês, porém, diz-se *se gratter la tête, il se gratta l'oreille,* etc.

e) Não devia o sr. Rodrigues ter escrito *Un jour si, un jour non,* nem *un jour oui, un jour non,* segundo o português: *Dia sim dia não* ou *um dia sim outro não,* que é como diz Camilo: "Que, um dia sim outro não, — queixava-se o pai — montava a égua que lhe deixara o padrinho, e ia para a Vila da Feira ou para o Pôrto sem pedir licença." *(Vulcões de lama,* ediç. de 1886, p. 14). — "...passou a ser espia de D. Miguel, a quem ia falar um dia sim outro

não." (*O carrasco de Vítor Hugo José Alves,* ediç. de 1872, p. 201).

Se o estudante Rodrigues, nas versões que faz de português para francês, continuar neste caminho de construir frases literalmente, seguindo o que é genial de sua língua e não convindo êste com o francês, cairá em impropriedades e disparates sem conto, ainda que tenha muito bem estudadas e guardadas no cofre da memória as regras da Gramática. Há muitíssimas frases que a diferença do génio das duas línguas não permite que se traduzam ao pé da letra. As regras gramaticais não bastam, por si sós, para que se fale bem, e é mister ainda valermo-nos do uso e da lição dos escritores para conhecermos os modos de falar peculiares de cada idioma.

O francês não diz, como o sr. Rodrigues, *un jour oui, un jour non,* nem tam pouco *chaque deux jours,* como dizemos por silepse: *cada dois dias, cada cinqüenta homens, cada 40.000 eleitores, cada cinco mil almas,* etc. — "Quem pudera chorar uma hora em cada doze de torturas..." (Camilo, *Os brilhantes do brasileiro,* cap. XXVI, p. 217). — "... ordenou no anno de 1474 que cada ano vigésimo quinto, ou cada cinco lustros,

fosse jubileu, com que entrassem quatro em cada século." (M. Bernardes, *N. Flor.*, I, 294).

O que o francês diz, é *tous les deux jours* ou também, mas menos commummente: *De deux jours l'un*. Ex.: *Il vient nous trouver tous les deux jours* = Vem ver-nos cada dois dias, *ou* um dia sim e outro não. — *Il se rase de deux jours l'un* = Escanhoa-se cada dois dias, *ou* em dias alternados, *ou* de dois em dois dias.

XXIV

Croup. — Coqueluche. — Os ossos do tarso. — Laríngeo, faríngeo.

O sr. Gervásio Leite, que parece preocupar-se com palavras relativas à anatomia e à medicina, diz que não precisamos de *croup,* pois temos *garrotilho.* Mas isto não é novidade, meu caro senhor, e Cândido de Figueiredo já tratou do caso no volume II dos seus *Estrangeirismos.* Preciso ou não, todos usam agora o neologismo *croup,* e não *garrotilho,* como diz o Camilo nas seguintes linhas em que o ilustre romancista português nos fala de um menino morrendo por estrangulação entre as garras do monstro que lhe apertavam a garganta inocente:

> "O portador da notícia para o morgado encontrou-o, noite alta, com o filho mais velho nos braços, debatendo-se nas an-

> gústias do *garrotilho*. A criança de oito anos, nos intervalos de repouso, chamava pela mãe a grandes brados. Depois, sobrevinha o trance da sufocação, o sibilo despedaçador daquela incomportável agonia, e por fim o anjo da morte cobriu com a sua asa lívida o rosto desfeito do filho mais estremecido daquele incomparável desgraçado." *(Quatro horas inocentes,* p. 49*)*.

Vão-se pouco e pouco perdendo as palavras castiças. Os médicos já não conhecem a *tosse convulsa, tosse ferina,* substituída em tôda a parte pela *coqueluche,* que já ganhou lugar nas colunas dos dicionários.

Se pelo menos tivéssemos substituído palavras vulgares portuguesas por palavras scientíficas, a mudança teria alguma escusa. Mas a vergonha é que tenhamos substituído palavras vulgares portuguesas por palavras vulgares francesas. Os franceses tomaram do escocês a palavra *croup,* por não haver em sua língua um sinónimo, ao passo que nós tínhamos *garrotilho,* para designar uma das formas mais graves da difteria.

Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos deixando perderem-se os nomes velhos que teem em português. Tal é a

que hoje francêsmente se diz *muguet*. Em nossa linguagem popular, sempre se denominaram as aftas dos meninos de têta *sapinhos*. Veja Formulário Chernoviz, Plácido Barbosa, *Terminologia médica,* Cândido de Figueiredo, *Vícios da linguagem médica,* etc.

Diz mais o sr. Gervásio que lê, em algumas das obras que consulta, que os ossos do tarso são *metatársicos;* noutras que são *metatárseos,* e ainda noutras que são *metatarsianos*. Acha preferível, e com razão, a forma *metatárseo* ou *metatársico,* pois a generalidade das palavras de anatomia que, em francês, teem a terminação *ien,* tomam, cá em português, a forma *eo* ou *ico,* v. gr. *laríngeo, faríngeo, púbico, pélvico*. Note, porém, o sr. Leite que esta forma é inaceitável em certos casos, e que não há remédio senão aceitar a terminação gálica para *craniano, falangiano*. Também há quem diga *pubiano, pelviano, tíbio-tarsiano*. O Camilo diz *tíbio-társico*: "Transpirei sufocado entre seis cobertores; não fiz caso de uma dor *tíbio-társica,* aurora do reumatismo que hoje me tolhe,..." *(Scenas da Foz,* p. 128*)*.

XXV

Acertar

O sr. Joaquim António Bernardo escreve-nos perplexo no emprêgo do verbo *acertar: acertar com, acertar em, acertar de...*

Há verbos cujo significado varia com a agregação de preposições adequadas. *Responder,* por ex., é dar resposta; mas *responder por* já é outra coisa mui diferente, pois significa garantir, responsabilizar-se, ficar por fiador: Respondo *por* êsse homem.

Na classe dos verbos que teem distintas acepções segundo a preposição com que se construem, entra o verbo *acertar*: *Acertaram com* a casa significa que encontraram a que buscavam, e também se diz *acertar a casa,* como verbo activo. — *Acertar em* já tem outro significado: O médico acertou *no* prognóstico quer dizer que sucedeu ser certa a doença que disse. — *Acertar* com a preposição *de* e outro verbo

no infinitivo significa que sucede por casualidade o que êste último verbo significa. Oferecemos ao sr. Joaquim Bernardo os seguintes exemplos de *acertar de:* "Permitiu nosso Senhor que jazendo eu um dia lançado na praia ao sol, lamentando minhas desaventuras, *acertou de passar* um Mouro natural da ilha de Palimbão,..." (Fernão Mendes, *Peregrinações,* cap. XXIV, edição rolandiana de 1829). — "E viam os que de noite *acertavam de passar* por perto do sítio, tôda aquela mata estrelada e resplandecida por dentro com umas luzes, que espantando os olhos os consolavam." (A. F. de Castilho, *Quadros históricos de Portugal,* vol. II, p. 23). — "Emquanto ali me quedei a esboçar o brasão, não ouvi chorar ninguém, como é costume, emquanto dobram os sinos, e reboam gementes nas quebradas dos montes. *Acertou de* passar então um pegureiro que vinha do pasto com a mundice, e perguntei-lhe se a sra. viscondessa, que morrera, era nova". (Camilo, *Noites de insónia,* núm. 7, p. 26). — "O barão tinha um guarda-livros, que raras vezes me via, e perdia a côr, se *acertava de* encontrar-se comigo." (Id., *Coração, cabeça e estômago,* p. 95). — "... e acontecia sair de casa par ir à igreja e esquecer-se da igreja, se *acertava de* encontrar uma casinha de pobres onde

houvesse fome de pão e de palavras confortadoras." (ID., *A viúva do enforcado,* 3.ª parte, p. 82). — "Ouvi dizer a meu tio que um padre, daqui três léguas, quando *acertava de* encontrar-se com êle na feira de Pinhel, lhe mostrava gazetas." (ID., *O bem e o mal,* p. 29). — "Guilherme Lira, quando *acertava de o* encontrar, dizia-lhe sempre:..." (ID., *ibid.,* p. 188). — "Foi Guilherme, com poucas esperanças, contar ao proprietário da galera a sua vida. *Acertou de* ser humano o capitalista. Admitiu-o sem fiança, e restituiu-lhe os quarenta mil réis recebidos." (ID., *Noites de Lamego,* p. 34). — "Camila não hesitou em tocar. Tocou uma peça que *acertou de* ser a primeira que executara em nossa casa, quatro anos antes." (Machado de Assis, *Uma noite,* conto publicado na *Rev. Brasileira de* 15 — XII — 1895). — "Afinal pus os jornais de lado, e, não sendo tarde, peguei de um livro, que *acertou de* ser Shakespeare." (ID., *Páginas rceolhidas,* p. 248). — "Certa vez que Alcibíades discutia com Péricles numa palestra registada por Xenofonte, *acertou de* se debater o que é "lei", e quando existe, ou não existe." (Rui Barbosa, na oração que devia recitar, como paraninfo, na Faculdade de Direito de S. Paulo, por ocasião da colação de grau da turma de bacharéis, em 29 — III — 1921).

XXVI

Fazer pedaços. — Cataclismo. — O Marna.

Três perguntas do sr. Hermenegildo Fialho:

1.ª—"¿Que papel ou ofício sintáctico desempenham *pedaços* e *livro* na seguinte oração: *O menino fêz pedaços o livro?*"

O sentido da oração proposta não é outro que o seguinte: *O menino despedaçou o livro.* Reduzo *fazer pedaços* ao verbo objectivo *despedaçar.* O complemento directo pode chegar a formar uma unidade com o verbo, e apresentar-se o caso de que tal combinação, que tem o mesmo significado de um só verbo, reja outro acusativo. *Menino,* sujeito, e *livro,* acusativo. Ponho *livro* em acusativo, porque nêle se vê claramente que recai de modo directo a acção do verbo, e porque, mudada a oração para a passiva, *livro* fica como sujeito paciente, e *menino,* complemento de causa eficiente ou agente da voz passiva.

Ainda podemos provar que *livro* é complemento directo, aplicando à frase o método de substituição, tam freqüente em algumas demonstrações matemáticas. A declinação do pronome *êle, ela, êles, elas* ministra-nos um meio expedito e seguro para se conhecer o ofício de uma palavra na oração. Se, por exemplo, na frase do sr. Hermenegildo, se suprimir o termo *livro,* dir-se há então, com a forma de complemento objectivo, *O menino fê-*LO *pedaços,* como nesta passagem de Camilo: "Eliot leu esta carta; e, na vertigem da raiva, fê-*la* pedaços." *(A càveira da mártir,* tom. III, p. 46, edição de 1876) e nestoutra do padre Bernardes: "... pega do cântaro, e dá com êle em uma pedra, e *o* faz em pedaços." *(N. Flor.,* V, 417).

¿Será esta a análise da frase? Não se me dá que seja. Fujo do caminho de alguns gramáticos que se empenham em encerrar nos estreitos moldes da análise a admirável complexidade do idioma e fulminam severos anátemas contra tudo o que se não encaixa nos tais moldes. Não submetamos a um minguado critério de filosofia fácil a sutilíssima filosofia da linguagem. Não rejeitemos, por não estarem de acôrdo com os processos da análise, mais ou menos convencional, formas e locuções que o uso geral sancionou, nem as queiramos emendar por *absurdas, incorrectas* ou *ilógicas.*

O essencial, sr. Fialho, é sabermos se é ou não portuguesa uma dada locução. Que *fazer pedaços* é português legítimo não sofre dúvida; e também o é a outra forma *fazer em pedaços:* A nau fêz-se *em* pedaços.

*

* *

2.ª — Diz o sr. Hermenegildo ter lido isto num jornal importante: "...o papel que em todos os *cataclismas* desencadeados por essas terríveis fontes de males e de ruínas têm desempenhado as religiões..." Quer saber se é *cataclisma,* com *a* final, ou se é *cataclismo,* com *o.*

Cataclisma é também grego, mas de sentido muitíssimo diferente da palavra que o articulista quis empregar, — *cataclsimo.* Leia-se esta nota do sábio mestre Ramiz Galvão no seu erudito *Vocabulário*: "Aulete, Ad. Coelho e Figueiredo com muita razão corrigiram assim *(cataclismo)* a forma *cataclisma,* que começou a ser usada e não devia vingar. *Cataclisma* derivar-se-ia de *kataclusma,* cujo significado é o mesmo de clister."

E', pois, *cataclismo,* grego *kataklusmos,* de *kata* prefixo e *klusmos,* acção de molhar (de *kluzein,* lavar).

*
* *

3.ª — "A batalha do Marne e os seus ensinamentos." *Marne,* em francês, é o nome dêste rio de França. Em português, espanhol e italiano é *Marna,* lat. *Mátrona,* como *la Seine* e *la Garonne* são, entre nós, *o Sena* e *o Garona,* lat. *Séquana* e *Garumna.*

XXVII

Frase coxa. — O particípio de futuro passivo.

Ao sr. Pedro Vieira da Silva (de Barbacena, Minas) cabe-me declarar:

a) E' correcta a frase da carta que diz haver escrito ao seu fornecedor: "Se o senhor puder enviar-me, pelo mesmo preço, o mesmo vinho que me mandou a semana passada, peço-lhe que me remeta com a seguinte direcção: Pedro Vieira da Silva, Barbacena, estado de Minas-Gerais, *uma pipa.*" E' correcta a frase, mas é daquelas que coxeiam, isto é que teem um lado muito extenso e outro muito curto. Dir-se-ia que a frase, quando chega à última palavra, tropeça, e dá um passo em falso. Proponho o seguinte retoque: "Se o sr. puder enviar-me, pelo mesmo preço, o mesmo vinho que me mandou a semana passada, peço-lhe que me remeta uma pipa dêle com a

seguinte direcção: Pedro Vieira da Silva, Barbacena, estado de Minas-Gerais".

Repare-se em que, se fr. Luís de Sousa, nesta passagem da *Vida do Arcebispo,* liv. 1, 14, não tivesse pôsto o nominativo ou sujeito com os seus adjuntos depois do verbo, a frase andaria mal, com o desaire de manquejar, porque, sendo o sujeito de maior extensão que o predicado, ela ficaria com um lado muito comprido e com o outro muito curto: *"Salteou-os* uma chuva fria e importuna que os não largou na mor parte da jornada, e *corria* um vento agudo e desabrigado que os congelava."

b) "Não é *para dito* o que ali aconteceu" é frase correcta. Dos exemplos que desta construção há nos bons autores, agora me contento com citar alguns, notáveis. Do padre Manuel Bernardes tomo os seguintes trechos: "Homem que não teme a morte, de todos é *para temido." (N. Flor.,* I, 267). — "E' curta e pouco vistosa, mas nem por isso menos *para respeitada,* como ali diz o santo." *(Ibid.,* 365). — "E, ainda prescindindo do benefício da ressurreição do corpo, que mais adiante se espera, e atendendo só à glorificação da alma, que antes disso se recebe, vem a ser a morte muito *para desejada." (Ibid.,* II, 124). — "Eis aqui, pois, como mais são *para temidas* as lágrimas

dos pobres do que as armas dos inimigos." — (*Ibid.*, III, 89). — Camilo, nos *Amores do diabo*, p. 6, edição de 1872, escreveu: "Tôda a dedicação profunda a um princípio, quimérico ou positivo, espiritual ou materialíssimo, é devoção *para muito respeitada.*" — Rui Barbosa, no discurso magistralmente clássico da Faculdade de Direito de S. Paulo (29 de março último) disse: " Dirão que tais trivialidades, cèdiças e corriqueiras, não são *para contempladas* num discurso académico, nem *para escutadas* entre doutores, lentes e sábios."

O particípio latino de futuro passivo em *ndus, ndo,* de que há restos na língua culta *(graduando, doutorando, elegendo, minuendo, subtraendo, venerando, reverendo,* etc., os quais inda conservam a idea de passividade que tinham em latim) foi substituído por diversas perífrases, entre as quais a de *para* com o particípio passado.

No segundo dos trechos que acima trasladei da *Nova Floresta,* traduz o padre oratoriano por *menos para respeitada* um particípio fut. passivo *(despiciendus, a, um,* de *despicio)* contido no seguinte trecho latino: "*Quod si brevis et informis videtur gladius ille, non est propterea despiciendus.*"

Camilo e Rui Barbosa empregam *despiciendo,* digno de ser desprezado, desprezível: "Dona

Paula tinha uns dezóito contos, e nascimento ilustre, e graças não *despiciendas*. Lembrou-se o menestrel de fazer-se marido dela." (Cam., *Vinte horas de liteira*, p. 203). — "Os rapazes de trinta anos não sabem o que são rivais de cinqüenta e cinco; e às vezes cumpria que o soubessem, porque nem sempre são *despiciendos*." (Id., *A filha do doutor Negro*, cap. VIII, p. 88). — "Já nos não queremos deter em outro aspecto da questão aliás não *despiciendo* num estudo onde se quisesse apurar sèriamente a gravidade real da febre amarela no Brasil, cotejada com a das outras regiões a ela ocasionadas." (Rui Barbosa, Editorial d-*A Imprensa* de 16-XI-1899).

3759

XXVIII

Ortografia

"¿Qual é o melhor tratado sôbre a ortografia portuguesa?" — pergunta o sr. Estêvão de Lima.

Creio que é a *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana (Lisboa, 1904; XVI — 454 pág.), obra notável em que o insigne romanista propugna a inteligente e scientífica simplificação uniformizada da ortografia portuguesa, procurando aliar a etimologia, a história e a prosódia mais geral. Quando, em 1911, o govêrno português nomeou uma junta de lingüistas encarregada de estabelecer uma norma oficial que acabasse com a desordem e confusão reinantes neste ponto, a comissão escolheu para relator o grande propagandista da simplificação e regularização da escrita portuguesa, tomou para base da reforma o seu

livro, e aceitou o seu plano com pequeníssimas diferenças.

O essencial, em ortografia, está feito, e devemo-lo a Gonçalves Viana e aos filólogos eminentes da comissão portuguesa de 1911. A todo tempo, não já, a experiência e o saber de outros aperfeiçoarão, no que puder ser, a ortografia portuguesa, que sòmente pode achar oposicionistas no público incompetente, pois os especialistas, os doutos na etimologia (sciência recôndita e dificultosa que se não fêz para os que escrevinham nos jornais, eruditos jejunos de sciência lingüística) é em nome da própria etimologia que pedem a simplificação da ortografia. Da comissão de reforma ortográfica faziam parte os sábios mais competentes na etimologia portuguesa: — Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis —, os que melhormente estudaram a história de nossa língua e a de nossa literatura, e que reüniam de modo mais completo todos os conhecimentos especiais. Pelo muito que fêz, a comissão encarregada da reforma é crèdora de eternos louvores de todos os amantes da língua. Há pouco, antes de se dissolver, e por proposta do sr. Cândido de Figueiredo, a comissão portuguesa, ratificando substancialmente o sistema de 1911, fêz-lhes três ou quatro leves retoques, quási todos na parte da acen-

tuação gráfica. Tôdas as reformas, ainda as mais úteis, são sempre susceptíveis de melhoria. Também o primeiro sistema ortográfico formulado pela Real Academia Espanhola nos preâmbulos do primeiro tômo do Dicionário (1726 — 1736) foi sucessivamente modificado em alguns pontos, e acrescentado noutros, até ser a ortografia espanhola o que hoje é: — pouco mais ou menos o ideal de uma ortografia prática e simples.

XXIX

Lendo uma selecta

Isabel B... submete ao nosso parecer umas dezenas de expressões que se lhe depararam numa antologia, que diz estar lendo, de prosa e de poesia portuguesas.

1. — "Mas Sua Majestade mais remédios tomava e mais doente ficava."

E' maneira francesa. Portuguêsmente: *quanto mais* tomava remédios, *tanto mais,* etc. Expressas em francês por PLUS ou MOINS repetidos, as progressões traduzem-se em português por QUANTO MAIS ou MENOS... antes do antecedente, e TANTO MAIS ou MENOS antes do conseqüente, e permite o uso que se suprima *tanto* no segundo termo antes de *mais* ou *menos: Plus nous avançons, plus notre espoir se fortifie* = Quanto mais andamos, mais a nossa esperança se robustece. — *Plus il pressait le cocher, plus il allait lentement* =

= Quanto mais pressa dava ao cocheiro, mais devagar êle ia. — Um académico brasileiro começa dêste feitio o prefácio de um livro recém-publicado: "*Mais* se passam os anos diante de mim, *mais* me convenço que ordinàriamente o homem sofre por êrro de interpretações de seus males, ou pela fertilidade enfermiça da imaginação." Como académico, devia o autor trabalhar por manter a pureza da língua, e escrever como nos ensina fr. Luís de Sousa e o padre Bernardes nos seguintes trechos: "Padecia nesse tempo o reino de Portugal calamitoso apêrto de fome; porque, *quanto* mais corria o ano de 22 em que vamos, *tanto* maior era o trabalho." (Fr. L. de Sousa, *Anais de D. João III,* p. 44). — "..., porque o mordido dela padece tal sêde, que *quanto* mais bebe, *mais* suspira por beber, até que rebenta." (M. Bernardes, *Floresta,* vol. I, p. 421). — "Perguntado êste discreto com que se parecia um avarento, respondeu: Com o fogo, que *quanto* mais lenha se lhe lança, *mais* lenha pede." (Id., *ibid.,* 497).

2. — "Queres que eu edifique um palácio, todo em oiro, onde possas repoisar mais segura que no bosquezinho selvagem?"

Todo de oiro é mais português. Para indicar a *matéria,* traduzimos por DE a preposição

francesa EN: Une montre *en* or, um relógio *de* oiro.

3. — "Entre estas duas flotilhas se engajou a 14 de julho um combate,..."

E' o francês *s'engager;* diremos *travou-se. Engager le combat,* travar batalha.

4. — "A terra é perfeitamente inabitável."

A idea de perfeição verdadeiramente não tem lugar aqui. E' um francesismo, de que se faz agora muito abuso. "*Perfeitamente* falso, *perfeitamente* nulo, *perfeitamente* inútil, dizem muitas personagens, como se o inútil, o nulo, o falso, o defeituoso em qualquer conceito não excluísse a idea de *perfeição.* Galicizando repetimos a cada passo o *perfeito* e o *perfeitamente:* E' um *perfeito* mandrião (completo); Um *perfeito* homem de bem (um verdadeiro homem de bem); *perfeito* jardineiro (jardineiro consumado). Os franceses usam *parfaitement* como resposta afirmativa no sentido de *oui,* dando maior fôrça à afirmação: *La proposition vous convient-elle? — Parfaitement* = Convém-lhe a proposta? — Completamente, *ou* inteiramente. — Tenho razão? — Perfeitamente. (Sim, de-certo, certamente, etc.)

5. — "Qual não foi a nossa alegria quando nos vimos em pleno ar!"

E' o francês *en plein air;* diremos: *ao ar livre.*

Tradução de outras expressões em que entra o adjectivo *plein: En pleine rue,* no meio da rua; *en pleine mer,* no alto mar; *en plein hiver,* no coração do inverno; *en pleine déroute,* em completo desbarate, etc.

6. — "Um rapazito, nome Manuel dos Arcos, matou imprudentemente um seu companheiro,..."

Elipse: *por,* ou *de nome:* "E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, *por nome* Corcovado,..." (Machado de Assis, *Páginas recolhidas,* p. 243). — "Conheci em Vilarinho, aldeia da mesma frèguesia de João do Couto, um velho *de nome* João Claro, almocreve,..." (Camilo, *O degredado,* p. 42). — "Tinha êste môço, José Hipólito *de nome,* imensa fé... (Id., *A morgada de Romariz,* p. 74). — "... com uma fidalga *de nome* Guiomar Freire." (Id., *O regicida,* nota 21, p. 227). — "Sucedeu ser um dia seu hóspede certo anacoreta santo *por nome* Daniel." (Padre M. Bernardes, *N. Flor.,* tom. I, p. 127). — "Vivia em Santarém na frèguesia de S. Nicolau uma virtuosa e nobre matrona *por nome* Elvira Pais,..." (Fr. L. de Sousa, *Hist. de S. Domingos,* part. I, liv. II,

cap. XI). E na est. 23 do cant. III dos *Lusíadas* diz o grande épico: "Um rei, *por nome* Afonso, foi na Espanha."

7. — "Nunca viu Madrid? — perguntou-me o meu vizinho. — Respondi de não."

Mais comum é *Respondi que não,* como *respondi que sim*: "Perguntaram-lhe se sabia por que fôra preso. Respondeu *que não.*" (Camilo, *O judeu,* vol. II, part. IV, cap. IX, p. 198). — "Perguntou-me se eu cra magistrado. Respondi *que não.*" (Id., *Serões de S. Miguel de Seide,* vol. V, p. 83). Leia, porém, a sr.ª *Isabel B...* o que diz o dicionarista Morais: *"Dizer de não,* negar. *Vieira,* 1.338: "Nos *diz* muitas vezes *de não"* i.é, não concede o pedido, êste é talvez um dos mui raros italianismos de Vieira, que tantos anos conversou Itália, e todavia lá, e depois não fêz mesclas de linguagem, nem esqueceu o idioma pátrio." — Rui Barbosa, no seu discurso de paraninfo na colação de grau aos bacharéis, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a 29 de março dêste ano de 1921 em que vamos, empregou o *Dir de nò* dos Italianos: "Embora o realismo dos adágios teime no contrário, tolerem-me o arrôjo de afrontar uma vez a sabedoria dos provérbios. Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não.* Não é certo, como corre

mundo, ou, pelo menos, muitas e muitíssimas vezes, não é verdade, como espalha a fama, que *longe da vista, longe do coração.*"

8. — "... tinha uma filha para casar, belíssima entre quantas havia em Roma, e prometera-a por mulher a um jovem chamado Lúcio, filho de um tribuno."

Maneira superlativa comuníssima nos antigos e não desusada ainda hoje. E' uma construção latina *(omnium pulcherrima),* que vale o simples superlativo. "O' digníssima entre as mulheres!" — escreve o Camilo a páginas 134, ediç. de 1872, da tradução dos *Amores do diabo,* de Cazotte. Diz o original francês: "O la plus digne des femmes!" — Castilho, nos *Quadros históricos de Portugal,* escreve: "Brandão, o judiciosíssimo dos nossos historiadores." (Vol. I, p. 101). — "...derruba morto a um dos Reis Sarracenos, e de todos o belicosíssimo, que assim ousava de se afrontar com êle." (Vol. II, p. 48). O padre Bernardes ministra-nos êste exemplo: "Por isso Filo, o discretíssimo entre os Hebreus,..." (*N. Flor.,* II, 101). — No imortal Garrett encontramos êste exemplo:

> E até ao triste, ao infeliz proscrito
> — Dos entes o misérrimo na terra —
> Ao regaço da pátria em sonho levas.
>
> (Poema *Camões,* canto primeiro, I)

Na passagem para o francês o superlativo absoluto seria substituído pelo relativo: *Tu rouvres, en songe, sa patrie au pauvre exilé, le plus malheureux de tous les êtres.*

9. — "... confessou ter cometido o crime ao oficial da polícia."

Aqui a construção natural da frase devia ser modificada. Devia-se antepor o complemento indirecto à proposição objectiva, para dar à frase citada uma construção inteiramente clara. Os membros da frase, não tendo em si mesmos os sinais sintácticos capazes de mostrar as suas relações lógicas, prendem-se aos grupos vizinhos e perturba-se desta arte o sentido da frase. Geram-se com isso *falsas relações entre os membros de frase,* e é êste um dos maiores escolhos da construção portuguesa. Para o evitarmos, somos com freqüência obrigados a renunciar à ordem natural das palavras. Frases como as seguintes dão indício de negligência de estilo: "Deus derribou mais de uma vez os príncipes que desprezaram a *virtude do trono.*" — "Tal foi a entrada no *convento de Pedro.*" Corrija-se: "Deus derribou, mais de uma vez, *do trono* os príncipes que desprezaram a virtude." — "... a entrada de Pedro no convento."

10. — *Alternável, intragável.*

Não se acham nos Vocabulários da língua êstes adjectivos; mas estão legìtimamente formados com um sufixo, que forma outros muitíssimos de outros temas verbais.

11. — *Nietzscheano, dantoniano, tainiano, baudelairiano, verlainiano, wagneriano, d'annunziano.*

Parece-me que são de boa qualidade estes derivados neológicos, os quais teem por avós a *gregoriano, vergiliano, elzeviriano, (edição elzeviriana)* e outros modelos já existentes, tirados de nomes próprios: "Versos *vergilianos.*" (Camilo, *A bruxa do Monte Córdova,* 1ª part., cap. V, p. 40).—"..., segundo o preceito *ovidiano.*" (Id., *Maria Moisés,* 1ª part., p. 36). — "...o *non mirari* horaciano." (Id., *A doida do Candal,* cap. XXV, p. 192). — "Sordidezas *bocagianas.*" (Id., *ibid.,* cap. XXVIII, p. 213). — "Lamentações *lamartinianas.*" (Id., *Mistérios de Lisboa,* vol. III, p. 119).— "...aquele trecho *suetoniano dos* Doze Césares." (Rui Barbosa, *Réplica,* núm. 443). Etc.

Acho, porém, que o derivado de Nietzsche se deve escrever *nictzschiano,* com *i,* e não com *e,* ficando assim com igual forma que os outros adjectivos desta espécie. O nosso modêlo está

no latim. Lê-se na *Gramática latina* de Madvig, tradução de Epifânio Dias: "Dos apelidos romanos formam-se adjectivos em *-ianus*, para designar o que é concernente à pessoa, e dela recebe o nome, v. g. *Ciceronianus, Caesarianus.*"

E' claro, pois, que em português se deve escrever *-iano*, e não *-eano*.

12. — "Deixo-vos a minha vestidura cilícia."

Cilício está aqui na sua primeira acepção de adjectivo, que queria dizer *de Cilícia* (Ásia Menor) onde se teciam aqueles grosseiros panos de pêlo de cabra.

13. — "Esperaram os Italianos que a história dos séculos de Lourenço o Magnífico e de Leão X lhes viessem de além do Oceano."

Concordância *ad synesim* (porque são duas diferentes obras); mas era melhor dizer ou *as histórias*, ou *viesse*.

14. — "Corria gente de todos os lados, e *gritavam*:..."

Outra espécie de silepse ou de construção *ad sensum*.

15. — "..., faço como todos os enfermos chegados ao último momento: morro."

Não sei que tenha podido chamar para êste trecho o reparo da sr.ª *Isabel B...*, a não ser a cacofonia produzida pela vizinha repetição

dos três *mo*. E' pecadilho que fàcilmente se pode remediar: "os doentes que chegam à sua hora derradeira: morro."

16. — "Magnífico! — exclamou êle com urro estentóreo."

Estentóreo é mui forte, tonante, ruidoso, retumbante (de *Estentor,* o arauto grego, cuja voz ressoava fortíssimamente); mas, referido a *urro,* é supérfluo o adjectivo, ou o *urro* é talvez um pouco hiperbólico. *Com estentórea voz* fica bem a coisa. Temos também *estentoroso:* "...e disse *estentorosamente:...*" (Camilo, *Estrêlas propícias,* cap. X, p. 99).

17. — "Desdenhá-la por algumas imperfeições de estilo era coisa infilosófica".

Infilosófico não se usa: *não filosófico* ou *antifilosófico.*

18.—"Expus ingénuamente estas dúvidas ao meu concativo,..."

Concativo é latinismo: *companheiro de cativeiro;* a mesma idea não pode exprimir-se. na nossa língua, com um vocábulo só.

19. — "Os regimentos da velha guarda que iam ser passados *em* revista enchiam êsse vasto terreno."

Em português, diz-se *passar revista a.* Veja Epifânio Dias, *Sint. francesa,* pág. 202, e Ro-

quête, *Arte de traduzir o idioma francês em português: Passer les troupes en revue,* passar revista à tropa. Almeida Garrett, no cap. VIII, pág. 75 das *Viagens na minha terra,* escreveu: "O certo é que ali com efeito passara o imperador D. Pedro a sua última revista ao exército liberal."

Apoiando-me na autoridade de Epifânio, Roquête e Garrett, eu diria: "Os regimentos da velha guarda, aos quais iam passar revista,..." e esta passagem de Jean de la Brète (*Mon Oncle et mon Curé,* cap. VI) : — "Mais j'avais beau passer en revue dans mon esprit tous les héros de roman que je connaissais, je n'en trouvais pas un seul aussi dodu que mon héros à moi" — eu traduzi-la-ia assim: Mas em vão passava eu revista na minha mente a todos os heróis de romance que conhecia; não encontrava um só que fosse tão rechonchudo como o meu.

20. — "Ver-me hás chorar e falar juntamente."

Falsa Zeugma, que assim se diz o reünirem-se partes que não poderiam tôdas depender de um só verbo (ver-me hás chorar, ouvir-me hás falar). Numa selecta francesa lê-se a seguinte frase que pertence a um trecho de Marbot, oficial do primeiro Império, que narrou

com muito chiste as suas campanhas militares: *Voyant l'agitation des branches et le bruit augmenter.* Não sou capaz de corrigir um autor como o general Marbot. Parece, porém, que seria melhor dizer: *Voyant l'agitation des branches, et entendant le bruit augmenter.* A gente vê bem agitarem-se os ramos, mas não se vê o ruído ou rumor: ouve-se.

21. — "A razão por que os povos partem dos lugares pátrios, e inundam as terras alheias."

Acha a sr.ª *Isabel B...* que melhor ficaria outro verbo: *ocupam, enchem.* Sinto não poder acompanhá-la neste parecer. *Inundar* diz-se do líquido que se derrama com fúria, e daqui a propriedade e beleza da figura. Os dicionários registam êste sentido figurado de *inundar: inundar um país de estrangeiros. Os Sarracenos inundaram Espanha.*

22. — "A Rainha não sabia que responder, embaraçada."

Falando das mulheres, é preciso andar-se com cuidado no emprêgo de *embaraço, embaraçada* e *embaraçar,* porque podem ter os significados que me abstenho de extrair dos dicionaristas. Diremos *confusa, perplexa, enleada, perturbada.* O francês dirá: *Je me sentis embarrassée,* senti-me perturbada, fiquei um tanto

enleada. — *Esta mulher está embaraçada* pode ser, em francês, *cette femme est enceinte.*

23. — *Inabalável.*

Lembra-nos a sr.ª *Isabel B...* que o Cardial Saraiva diz ser galicismo o adjectivo *inabalável.* Mas o *Glossário de Galicismos* do monge beneditino está hoje antiquado e deve-se estudar com grande prudência, pegando-nos não à letra que mata, mas ao espírito que vivifica. Muitas palavras das que censurou D. Fr. Francisco de S. Luís foram depois empregadas por escritores excelentes e que também se distinguem pelo zêlo da propriedade e pureza dos vocábulos. *Inabalável* encontra-se, por exemplo, em Alex. Herculano, Rebêlo da Silva, Camilo Castelo Branco e Pinheiro Chagas: "Tudo recusou o cego: a sua resolução era *inabalável.*" (Herc., *Lendas e Narr.,* t. I, p. 290).—"..., porque conheceu que a resolução do mestre de teologia era *inabalável* como um decreto da Providência." (Id., *O monge de Cister,* vol. I, p. 104). —"..., e desta vez a resolução foi decisiva e *inabalável.*" (Reb. da Silva, *Hist. de Port.,* t. I, p. 36). — "..., conservando até o fim a mais *inabalável* firmeza." (Id., *A casa dos fantasmas,* vol. II, cap. VII, p. 105). — "Nesta *inabalável* tenção,..." (Camilo, *Duas horas de leitura,* 3.ª ediç., Pôrto, 1868, p. 14). — "Deu

a sua palavra. A palavra de um Correia de Lacerda é *inabalável* como a rocha." (Id., *O senhor do Paço de Ninães,* cap. II, p. 22). — "Simão de Sousa e Jorge Gomes mostraram nos tratos a mais *inabalável* constância." (M. Pinheiro Chagas, *A Máscara Vermelha,* cap. XI, p. 239).

24. — *Saltar aos olhos.*

E' outra expressão censurada pelo patriarca S. Luís e pelos seus submissos discípulos (fr. *sauter aux yeux*). Vejo, porém, incluída essa frase figurada no *Dicionário contemporâneo* com dois exemplos de Rebêlo da Silva, aos quais posso ajuntar os seguintes: "A razão salta à vista; é que..." (Castilho, *O doente de scisma,* acto 1.º, sc. IX). — "Salta aos olhos que a simpatia da ferocidade contra clérigos os aliançou para vida e morte." (Camilo, *Memórias do cárcere,* vol. I, cap. XVI, pág. 194).

No dicionário da Academia espanhola, obra que se publica como norma oficial do idioma castelhano, também está registada a locução *saltar á los ojos* ou *saltar á la vista.*

25. — *Quer chover.*

Querer aqui é verbo impessoal e significa *estar próxima a ser ou realizar-se uma coisa.* Diz-se *Quer chover,* sem nenhum respeito,

neste caso, à vontade do autor, mas só à proximidade da acção. *Já quer alvorecer a manhã.*

26. — "Fizeram, pois, trégua por dois anos, *e que* cada um permanecesse de posse do que possuía."

E que depende de um verbo *estabeleceram,* que está subentendido em *fizeram trégua.*

27. — Não me recordo de ter encontrado no Camilo exemplo do charro galicismo *chefe de obra* em vez de *obra prima;* porque não se há de imputar a tam grande escritor o emprêgo de uma expressão em que demasiado sensível é o correspondente termo francês, numa passagem em que êle estava a gracejar e a imprimiu em itálico, mostrando assim que a não tinha em conta de portuguesa: "Uma dama espirituosa, conversando com um entendido cavalheiro, fazia as mais engenhosas observações sôbre aquele *chefe de obra." (A sereia,* notas, p. 263).

28. — "...a qual me parecia ver estrangular pelo urso ou pelo lôbo."

Muitos são os nossos verbos com terminação activa, e com significado passivo, como por exemplo: *Ouvir, Fazer,* e êste *Ver,* que se encontra mais freqüente que qualquer outro

em tal construção; claro se vê que *estrangular* é aqui o mesmo que *ser estrangulada,* e a palavra que representa o agente dêsse infinito lá está com a preposição *por:* "Logo que o autor ou inventor fizesse *reconhecer pelo* govêrno do próprio país o direito..." (Alex. Herculano, *Opúsculos,* t. II, p. 147). — "Recebeu a senhora de Simães a quantia, e lavrou com sereno pulso a quitação, depois de mandar *contar pelo* feitor o capital e juro vencido." (Camilo, *O demónio do ouro,* vol. II, p. 59). — "...para ouvir *ler* a sentença pelo escrivão dos cavaleiros." (Id., *A caveira da mártir,* cap. XLIX, p. 422). — "Vai por sete anos que tivemos uma grande impressão, ouvindo, pela primeira vez, *decifrar,* com a transparência meridiana da sua palavra, *pelo* Dr. Francisco de Castro o mistério da freqüência dos acessos perniciosos entre nós." (Rui Barbosa, *A oração do paraninfo,* editorial d-*A Imprensa* de 7-II-1899).

29. — No *outro dia,* não me parecendo estar ali seguro, fui-me a um lugar,..."

No outro dia é expressão comuníssima: é *no dia seguinte,* do próprio valor latino de *alter,* outro, o segundo (em uma série); é o que os Franceses dizem *le lendemain,* no dia seguinte, no dia subseqüente, no dia imediato, no outro

dia: *Altera die quàm solvit a Brundisio, le lendemain de son départ de Brindes.*

30. — "Saturno, Júpiter, Vénus e os outros *errantes deuses.*"

Errantes deuses são os planetas, que tomam o nome dos deuses da mitologia. *Planeta* prende-se ao grego *planaein,* andar errante. Àcêrca da palavra *planeta* e das designações com que os sábios, os astrónomos-astrólogos baptizaram êsses corpos celestes que giram em volta do sol, faz Whitney interessante excursão semântica no livro que êste doutíssimo sanscritista americano escreveu para divulgar entre as pessoas cultas algumas verdades da sciência da linguagem: *La Vie du Langage,* trad. francesa, cap. V.

31. — "Divertimo-nos imenso durante a nossa *estadía* em Paris."

O substantivo *estadía* está mal empregado na frase anterior: é barbarismo comum por *estada, permanência. Estadía* é termo de marinha: "demora que o navio fretado é obrigado a ter no pôrto de descarga sem direito a indemnização."

Estada é o nome que se deve empregar na referida frase em vez de *estadía,* porque *estada* significa a detença ou demora que se faz em

algum lugar, e corresponde ao *séjour* dos Franceses: *Pendant son séjour à Paris,* durante a sua estada em Paris. — "Ainda não sei como parti, como cheguei, como vivi os primeiros tempos da minha *estada* naquele escôlho no meio do mar, chamado a ilha Terceira,..." (Garrett, *Viagens na minha terra,* vol. II, cap. XLVIII, p. 225).

E', pois, *estada,* com o sufixo *ada* posverbal: *est-ada, entr-ada, lev-ada, cheg-ada, pis-ada, fic-ada, pois-ada, par-ada,* etc. E' o feminino do particípio de verbos em *-ar,* como *-ida* dos em *-ir,* que serve de posverbal ou nome de acção: *acolh-ida,* de *acolher, arremet-ida* de *arremeter, beb-ida, eom-ida, corr-ida, desped--ida, fer-ida, fug-ida, med-ida, part-ida, sa-ída, sub-ida.*

32. — "Passou a Constantinopla, *que* foi no ano do senhor de setecentos."

Que, referindo-se ao sentido de uma ou mais orações antecedentes e eqüivalendo a — *e isto,* já se não emprega hoje, mas há exemplos disso na época clássica, como se vê nestes metros:

> Ela com tristes e piadosas vozes,
> Saídas só da mágoa e saùdade
> Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
> Que mais que a própria morte a magoava,
> . . . . . .
>
> (Camões, *Lus.,* III, 124).

Que = o que, anotou Epifânio Dias.

33. — "As mulheres *as* mais fracas, os meninos *os* mais tímidos e os velhos *os* mais decrépitos saùdavam com gritos de alegria..."

Mais conforme ao genuíno uso português: *As mulheres mais fracas, os meninos mais* etc., sem a repetição do artigo. E' um galicismo: *les plantes les plus belles,* as plantas mais formosas, *les sentiments les plus opposés,* os sentimentos mais contraditórios.

34. — "... onde lhe persuade a estar por quatro ou por seis dias."

Esta construção, que parece estranha, não é senão a fusão das duas construções do verbo *persuadir*: persuadir alguém *a* fazer — persuadir *a alguém* que faça. Exemplos da primeira:

> Mas o povo com falsas e ferozes
> Razões à morte crua o persuade.
>
> (*Lus.*, III, 124).

> Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
> Com seu veneno os morde enveja tanta,
> Que, persuadindo a isso o povo rudo,
> Determinam matá-lo em fim de tudo.
>
> (*Lus.*, X, 116)

Exemplos da outra maneira: "... escreveram à viúva de D. João III, persuadindo-lhe

que mudasse de propósito,..." (Rebêlo da Silva, *Hist. de Port.*, t. I, p. 46). — "..., e Febus Moniz, a-pesar-de não ter sido nomeado, buscou-os, e persuadiu-lhes que fossem todos com êle suplicar ao duque de Bragança que não rejeitasse as propostas do prior do Crato." (Id., *ibid.*, t. II, p. 371). — "Há então empenho em atraí-las carinhosamente a Deus, tratá-las com privilegiado amor, e persuadir-lhes que elas são objecto de uma preferência divina." (Camilo, *A freira no subterrâneo,* cap. VI, p. 89). — "Caluniou a Deus com os anjos que se arruinaram, porque lhes persuadiu que eram injuriados em lhes ser preferido Cristo Senhor nosso, e por isso o não quiseram reconhecer e adorar." (Padre Manuel Bernardes, *Sermões e práticas,* vol. I, p. 56). — "Persuadindo-lhe o conde que, pelo menos, levasse um môço de serviço, que lhe fizesse de comer,..." (Padre João de Lucena, *Vida do Padre Francisco de Xavier,* t. I, liv. I, cap. X, p. 74, Lisboa, 1788).

XXX

Declinar. — Responder. — Concordância do verbo. — Na melhor boa fé. — Mais, antes de bom e mau. — Decapitar.

Resposta ao sr. Salvador Teixeira:

1. — Como se pode ver nos dicionários, *declinar* tem vários sentidos; é um bom exemplo de como uma só e mesma palavra toma com o tempo sentidos diferentes, tam diferentes que, no ponto de vista do pensamento, são inteiramente distintos. Mas deve evitar-se o galicismo *declinar o seu nome* por dizer ou declarar o seu nome. "Declinou o próprio nome, cognome, qualidade, ofício, profissão, etc." Em português é *Dizer, Manifestar, Expor* e semelhantes. Assim, pois, a frase do sr. Teixeira: "...mandou-me chamar um sangrador, cujo nome declinou" deve corrigir-se desta arte: "Disse-me que fosse eu chamar um sangrador, que êle mesmo indicou." Igualmente caberia o emprêgo do verbo *nomear*: "que êle mesmo me *nomeou*",

como se vê nos seguintes exemplos de Castilho e Camilo: "Obtivemos depois, pela amizade e bom zêlo de um mancebo de Beja, cuja modéstia não consente que *o nomeemos,* muitas informações, que mandou tomar cuidadosamente dos próprios sítios." (Castilho, *Quadros hist. de Portugal,* vol. II, p. 67). — "Meu pai não quer que eu case com algum dêsses que a tia nomeou." (Camilo, *Os brilhantes do brasileiro,* cap. IX, p. 74). — "Perguntei-lhe se conhecia algumas pessoas das nossas relações; e a primeira que ela nomeou foi o meu querido Felipe Chesterfield." (Id., *O demónio do ouro,* vol. I, cap. XIII, p. 135). — "A filha, D. Leonor, que reinou nos salões do seu tempo, casou com um provinciano perdulário que esbanjou o seu e o alheio: escusamos nomeá-lo." (Id., *O filho natural,* segunda parte, p. 56). — "Cristóvão nomeou algumas senhoras contando-as pelos dedos, e parou, recordando-se." (Id., *A doida do Candal,* cap. XII, p. 113). — "O sujeito interrogado nomeou cinco ou seis pessoas de ambos os sexos,..." (Id., *O carrasco de Vítor Hugo José Alves,* cap. I, p. 10)—"Satisfez-me a curiosidade o meu amigo, nomeando um poeta de piano, um prosador de calendário, um redactor do *Jardim das Damas,* charadista histórico dos almanaques de Castilho." (Id., *ibid.,* p. 15). — "A autora não nomeia o

escritor português de quem extraiu a lenda do coixo." (*A Formosa Lusitânia,* p. 121).

Nos seguintes trechos de diálogos, emprega Camilo a forma arcaica e popular *alomear,* obtida por dissimilação: *N — m = l — m:* a*l*ma < a*l'*ma < anima, a*l*imal < animal, *l*omear < nomear. Diz uma das mulheres que falam na passagem de Camilo: "Não tem pai, e mãe é como se a não tivesse... Quem no trouve (1) cá para a nossa aldeia foi um fradinho que talvez vocemecê ouvisse *alomear*... o senhor frei Jacinto de Deus." *(A bruxa do Monte Córdova,* 3.ª parte, cap. I, p. 210). — O outro exemplo é êste:

"—¿Quem diabo era êsse fidalgo? perguntou o Negro.

"—¿Vocemecê nunca ouviu *alomear* o senhor José Pacheco de Andrade, filho do capitão-mor de Basto?" (*Mistérios de Fafe,* cap. IX, p. 85).

2. — "Para formular as nossas perguntas e para *respondê-las*" é regência que os mestres portugueses não sancionam. Emende-se: "... e para responder *a elas.*"

O finado professor Cândido Lago, respon-

---

(1) *Trouve* = trouxe. Na linguagem popular existem as formas *trouve, trouveste, trouve,* organizadas por influência analógica das formas *houve, houveste, houve,* etc.

dendo a um dos seus consultantes no *Correio da Manhã,* escreveu o seguinte:

"Convém dizer correctamente: *Respondendo "ao* vosso ofício..., *respondendo à* sua carta, "etc. etc.

"Aquilo que a pessoa responde é que é o "objecto directo; mas o *ofício* ou *a carta a* que "a pessoa responde é objecto indirecto; por "exemplo:

" —¿Que *respondeste* tu *ao ofício* do di- "rector?

" —*Ao ofício* do director *respondi* que o "pretendente não estava...

"Vê-se claramente que o objecto directo de "*respondi* é a cláusula substantiva seguinte: que "o pretendente não estava... etc.

"As orações que servem de sujeito ou objecto "são chamadas por Mason *cláusulas substanti- "vas,* conhecidas também pela antiga denomi- "nação de *orações integrantes.*

"Em suma, o correcto é dizer: *Já respondi ao vosso ofício, já respondi à sua carta,* etc. etc., "empregando a preposição com o artigo *o* no "primeiro caso, e a crase *à,* se o substantivo "for feminino singular, em sentido determi- "nado."

Isto diz o prof. Lago, e os exemplos dos escritores mais eminentes confirmam a sua

lição: "... algumas palavras rápidas, dirigidas ao da lança, *a que êle* respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça." (A. Herculano, *Lendas e Narrativas,* tom. I, p. 6). — "Os teólogos responderam *a* estes capítulos com exuberante erudição." (Rebêlo da Silva, *História de Portugal,* t. II, p. 127). — "Eu li as cartas, às escondidas do pai, e trago-as comigo, porque não tornei a encontrar aberta a gaveta donde as tirei. São tôdas de 1820. ¿A mãe não escreveu mais algumas? — Não, porque teu pai nunca me respondeu *a elas.*" (Camilo, *O romance de um homem rico,* cap. II, p. 66). — "Nas cartas *a que* não respondeste ou que não recebeste,..." (Id., *A filha do regicida,* cap. XXVI, p. 223). — "Não consinto que minha neta responda *a* essa carta!" (Id., *ibid.,* p. 224). — "...mas antes de mais nada, queira responder-me *a* uma pergunta." (Id., *Carlota Angela,* cap. IX, p. 117). — "E havia de responder *a* esta carta a pobre mãe, quando a filha já estava sepultada!" (Id., *Estrêlas funestas,* 3.ª part., cap. II, p. 209). — "Respondendo *a* tôdas as perguntas que me fazem, não respondo *a* esta." (Id., *Onde está a felicidade,* cap. XIII, p. 126). — "... regougando uma pergunta *a* que a filha não respondeu." (Id., *Um homem de brios,* cap. XIII, p. 154). — "Capitu começara a escrever-me

cartas, *a que* respondi com brevidade e sequidão." (Machado de Assis, *Dom Casmurro,* p. 381).

O académico e professor Dr. Silva Ramos, orando elegantemente, em certa solenidade escolar, aos que, no Colégio de Pedro II, teem a fortuna de ser seus discípulos, assim discorreu àcêrca de alguns dos modos de dizer chamados *brasileirismos*:

"O que particularmente nos poderia interes-
"sar a nós brasileiros, como se depreende das
"consultas endereçadas freqüentemente aos
"professores de português, era saber se está
"próxima ou remota a emancipação do dialecto
"brasileiro, a ponto de se tornar língua inde-
"pendente.

"A dialectação, como bem sabeis, é um fe-
"nómeno natural que a ninguém é dado ace-
"lerar ou retardar, por maior autoridade que
"se arrogue; ao tempo, e só ao tempo, é que
"compete produzi-lo. As línguas românicas
"foram dialectos do latim, um dos dialectos por
"sua vez do ramo itálico, dialecto êle próprio
"da língua dos árias; não pode haver, portan-
"to, dúvida mínima, para quem aprendeu na
"aula de lógica a induzir, que o idioma bra-
"sileiro, de dialecto português que ainda é,

"chegará a ser um dia a língua própria do "Brasil.

"¿Que poderão, entretanto, fazer os mestres "neste momento histórico da vida do português "na nossa terra?

"Ir legitimando pouco a pouco, com a auto- "ridade das nossas gramáticas, as diferencia- "ções que se vão operando entre nós, das quais "a mais sensível é a das formas casuais dos "pronomes pessoais regidos por verbos de "significação transitiva e que nem sempre "coincidem lá e cá; além da fatalidade foné- "tica que origina necessàriamente a deslocação "dos pronomes átonos na frase, o que tanto "horripila o ouvido afeiçoado à modulação de "além-mar.

"¿Consentiremos que os nossos alunos nos "venham dizer que *assistiram festas, respon-* "*deram cartas, obedeceram ordens, perdoaram* "*colegas* e que, em compensação, assegurem "aos mestres que *lhes* estimam, que, se *lhes* "não visitam com freqüência, é que receiam in- "comodar-*lhes* e que, se *lhes* não saùdaram na "rua, foi que *lhes* não viram?

"Por mim, falece-me autoridade para sancio- "nar tais regências, nem acredito que qual- "quer dos meus colegas se abalance a tanto. E, "contudo, o que nenhum de nós teria coragem

"de fazer, hão de consegui-lo os anos que se "vão dobando lentamente.

"Quantos verbos que actualmente reclamam "a forma directa não exigiram outrora a indi- "recta e viceversa!

"Alvitrei, uma vez únicamente, violentando "o meu ouvido, que se tolerasse, nas provas de "exame, a deslocação dos pronomes átonos, e "logo me gritaram: *Não pode*. E nada mais "tentei."

3. — Os *Troféus* de J. M. de Heredia *é* uma espécie de *Lenda dos Séculos* em sonetos."

Ao dar com esta frase, fêz estranheza ao sr. Salvador estar o verbo empregado no singular com um sujeito que está no plural. A razão é porque se trata do título de uma obra. Semelhante concordância do verbo se acha autorizada por Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Rebêlo da Silva: "As Côrtes de Júpiter *é* o título da nossa comédia." (Garrett, *Um auto de Gil Vicente*, acto II, sc. V, p. 232, ediç. da Imp. Nacional de Lisboa, 1869). — "Scenas da Foz *é* um livro de ouro." (Camilo, *Scenas, da Foz*, ediç. de 1860, p. 97). — "As Recordações *é* um livro útil aos estudiosos do século passado, sem embargo das muitas inexactidões e falsidades que o desvaliam." (Id., *Mosaico*,

ediç. de 1868, p. 98).—"As Férias de El-Rei é o título da novela,..." (R. da Silva, *A mocidade de D. João V*, t. I, prefácio da 2.ª ed., 1862).

4. — Viu o sr. Salvador Teixeira, num escrito, a expressão *na melhor boa fé* e estranhou o *melhor boa*.

Acontece com freqüência que um adjectivo forma grupo com um substantivo: *a má fé, a boa fé, o bom senso, o senso comum*, etc. As duas palavras exprimem uma só idea, um só conceito. *Má fé*, por ex., é sinónimo de *deslealdade*. Psicològicamente, são uma palavra, uma unidade lexicológica. Atendendo-se à unidade do grupo fraseológico, parece-me lícito dizer na *melhor boa fé*, como diz muitas vezes um grande artista da linguagem, Camilo Castelo Branco: "Era João Nogueira Gandra bibliotecário e literato mediocre a quem Balbi, *na melhor boa fé* e ignorância da língua portuguesa, chamara "poète parfois heureux". (*Narcóticos*, vol. II, p. 208). — "Isso parece-me demais! — retorquiu a tia com *a melhor boa fé*." (*Mistérios de Lisboa*, vol. I, cap. I, p. 17). — "O marquês de Alençon, *na melhor boa fé*, contou-me que o tal picardo chorava, sem ninguém o molestar!" (*Livro Negro do Padre Dinis*, cap. XXVII, p. 251).

— "... dar-se todo cegamente aos enganos grosseiros de uma abjecta mulher que lhe dissipa a fortuna, e o abisma, com a sua *melhor boa fé,* no lodaçal da miséria." *(Esboços de apreciações literárias,* p. 34.—"Pontual, como é de crer, o negociante falido ouviu o que o leitor vai ler com a sua *melhor boa fé,* certo de que nunca a empregou em obra tam benemérita." *(Vingança,* cap. XIV, p. 131). — "..., a mulher tinha remorsos de ter inocentemente dado um púcaro de água-ardente e umas esfregações ao lacaio, que ela julgou, *na melhor boa fé* do mundo, estar tolhido de frio." *(Anátema,* cap. XVIII, p. 159). — "Não os acuseis de hipócritas, que êles são sinceros, não fazem momices, vão às procissões com *a melhor boa fé,* assistem às festas do mês de Maria,..." (*O Inferno,* trad., p. 96). — "E há de haver muito quem o diga *na melhor boa fé." (Ibid.,* p. 226). — "Diz um homem, *na sua melhor boa fé,* à mulher que ama..." *(No Bom Jesus do Monte,* p. 191).

Nos dois seguintes trechos que extraio de livros do mesmo Camilo, verá o sr. Teixeira que o distinto escritor português pôs *mais* antes de *bom* e *mau,* porque tomou *bom marido* e *má língua* como expressões invariáveis: "Pode ser que êle ainda venha para ti com o coração

purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então." (*Amor de salvação,* cap. XX, p. 221). — "Mulher de *mais má língua* nunca se viu neste páteo!" (*A bruxa do Monte Córdova,* segunda parte, cap. VI, p. 176).

Considerando *bom senso* uma só unidade, João Francisco Lisboa escreveu na sua preciosa obra, *Vida do Padre António Vieira,* p. 217: "..., sendo igualmente incontestável que, na discussão havida, mostrou *mais bom senso* e moderação do que êle."

* * *

5. — Pergunta por fim o sr. Teixeira se está certa a seguinte frase: *Fostes decapitar a cabeça de uns nobres e honrados fidalgos.*

Decapitar a cabeça parece-me expressão disparatada. Talvez quem a escreveu quisesse empregar o verbo *decepar*: *decepar a cabeça.*

Os exercícios morfológicos são mui proveitosos, e quem quiser adestrar-se nessas análises, aí tem excelente guia no livro do prof. José Oiticica, *Manual de análise léxica e sintáctica.* — DECAPITAR é já de si cortar a cabeça, descabeçar: *Herodes fêz decapitar S. João Baptista para comprazer à sua filha.* E' palavra formada de *de,* privativo, e do lat. *caput, capitis,* cabeça: *De-capit-ar.*

XXXI

Fazer em orações impessoais. — Construção que se formou por confusão de distintos modelos: não obstante de seus esforços (influi a-pesar-de). — Neblina e nebrina. — Pretenção e pretensão.

T. P. manda-me um retalho do semanário *Fon-Fon,* número de 10 de setembro de 1921, chamando a minha atenção para a seguinte frase em que, a seu juízo, há *uma tolice de proporções agigantadas:*

"A 14 dêste mês *fazem* seis séculos que "morreu na cidade romano-bizantina de Ra- "vena, exilado da sua querida pátria florentina "pela facção política que detinha o poder, "aquele que cantou..."

E' êrro bastante freqüente converter em sujeito o acusativo do *fazer,* aplicado ao transcurso do tempo, dizendo: "*Fazem* muitos anos que sucedeu isso." — *Podem fazer* dez anos dêsse acontecimento. — Corrija-se: Faz muitos anos que sucedeu isso. — Pode fazer dez anos

dêsse acontecimento. — Prática é esta que não tolera nem o mais indulgente dos gramáticos. Reparem na lição dos modelos de nossa linguagem os que fazem concordar indevidamente o verbo *fazer,* nas orações impessoais, com o que deve ser o seu complemento: "Três anos *faz* agora que eu recebi uma carta sua, e ainda a não abri, e me serve de tampa do tinteiro." (Man. Bernardes, *N. Flor.,* tom. IV, p. 330). — "*Faz* hoje dez anos que aquilo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer." (A. Garrett, *Romanceiro,* vol. I, p. 118). — "*Faz* agora três anos e um dia — disse êle com voz lenta e na aparência tranqüila — que neste mesmo lugar te jurei estar hoje aqui a teus pés!" (A. Herculano, *O Bobo,* cap. VIII, p. 136). — "Porque *fará* doze anos agora que êle me teve nos braços, e me beijou a última vez." (Rebêlo da Silva, *A mocidade de D. João V,* tom. I, cap. VIII, p. 117). — "O conde de Aveiras é o maior amigo que tem um cavalheiro môço, que a viu em S. Domingos *faz* hoje cinco meses." (Id., *ibid.,* p. 118). — "Quando *faz* hoje quinze dias o vi, disse logo:..." (Id., *Ódio velho não cansa,* vol. I, cap. I, p. 29). — "Nesse dia *fazia* catorze anos que fôra enterrado o pai de Ansures." (Id., *ibid.,* cap. IX, p. 121). — "Esperávamos que fosse êle quem resgatasse a Israel, e já *faz* três

dias que o crucificaram!" (Id., *Fastos da Igreja,* vol. II, p. 156). — "*Faz* hoje ao certo dois meses que morreu na fôrca o tal malvado que o nosso patrão denunciou." (Camilo, *A filha do regicida,* cap. XV, p. 133). — "*Faz* hoje três dias que falámos em certo negócio a respeito da nossa união." (Id., *A filha do arcediago,* cap. XIV, p. 88). — "Com as últimas moedas, abriu Pinto Monteiro um botequim em Famalicão, *faz* hoje dezassete anos." (Id., *O cego de Landim,* p. 58). — "*Faz* agora três anos que morreu de um estupor." (Id., *O comendador,* 2.ª parte, p. 59). — "¿Queres tu ver que é um comendador que esteve em casa de teu avô *faz* hoje oito dias?" (Id., *ibid.,* p. 74). — "*Faz* agora dois anos que eu estive em Lisboa e vi por lá primas feias que não lhe sei dizer, primo!" (Id., *O santo da montanha,* cap. I, p. 15). — "*Faz* em agôsto três anos que nos encontrámos, ao fim da tarde, num aprazível passeio por aqueles formosos sítios do Candal." (Id., *Um homem de brios,* conclusão, p. 289). "*Faz* para as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por quatro moedas e foi depois vendê-la ao António do Eido por mais um quartinho." (Id., *A brasileira de Prazins,* p. 37). — "Uma noite, *faz* agora onze meses, estava eu passeando nos quási pardieiros da minha vivenda, quando ouvi tropel de

cavalgaduras no barrocal que descia da serra ao alpestre casalejo de meus avós,..." (Id., *O ôlho de vidro,* introdução, p. 12). — "*Fêz* ontem dois meses que a deixei, mãe, minha santa mãe..." (Id., *Justiça,* drama, act. I, sc. XI). — "Sete anos *faz* do atentado de 5 de novembro." (Rui Barbosa, Carta à *Tribuna* de 18-XI-1904). — "Vivendo, *vai* agora *fazer* vinte e cinco anos, sob um regime que lhe foi imposto pela fôrça das armas,..." (Carlos de Laet, Artigo publicado no *Jornal do Brasil,* de 10-IX-1914).

Como se vê, nos muitos exemplos que aí ficam e em que *fazer* é impessoal, o verbo sempre se põe no singular. A prova de que os substantivos *anos, dias, meses,* etc. não são nominativos, isto é, sujeitos ou agentes da significação do verbo, mas verdadeiros complementos acusativos, é que com o verbo *fazer* se usam os pronomes *o, a, os, as,* e não *êle, ela, êles, elas:* "Há cinco semanas, *fá-las* amanhã, que não sais dêsse ninho!" (Camilo, *Maria Moisés,* 1ª parte, p. 61). — "Estamos há mais de dezóito anos, que *os faz* p'rás castanhas, a queimar covas de carvão,..." (Id., *O santo da montanha,* cap. XXXIV, p. 301).

*
* *

Brinda-nos o sr. *T. P.* com mais uma passagem selecta: "O ladrão, não obstante *de* ser tam astuto, deixou-se enganar,..." Corija-se: "O ladrão, não obstante ser tam astuto", "o ladrão, a-pesar-de tôda a sua esperteza, deixou-se embair", ou "o ladrão, a-pesar-de astuto,..."

Não obstante é, originàriamente, um particípio do presente empregado em ablativo absoluto com um sujeito, como *durante* e o particípio passivo *excepto;* mas tais particípios passaram a funcionar como preposições e fizeram-se invariáveis.

Não obstante não admite, pois, de modo nenhum o *de* que se nota na frase do sr. *T. P.* Interpôs-se este *de* desvirtuando-se a construção própria de *não obstante,* por fusão ou contaminação. Das duas expressões sinónimas *não obstante ser invisível* e *a-pesar-de ser invisível* saiu, por analogia, *não obstante de* com a preposição da locução *a-pesar-de.* E' êrro que se deve evitar.

*
* *

Diz o sr. *T. P.* que no formulário ortográfico que organizou o sr. director da *Rev. de Ling. Port.* se corrigem certas grafias que manda o

direito que se diga terem sido primeiro rectificadas pelos ortógrafos portugueses da comissão oficial de 1911 (*Suum cuique*); mas que se incluem na lista alguns vocábulos que se podem escrever de um e outro modo, e assim se vêem no *Vocabulário alfabético e remissivo* de Gonç. Viana, relator da comissão da reforma ortográfica. Cita, por exemplo, o sr. *T. P. neblina* e *pretenção* que o sr. L. Freire, no seu formulário, manda escrever *nebrina* e *pretensão.*

Temos as duas formas: *neblina* e *nebrina. Neblina* é até a forma etimológica ou de origem: é síncope de *nebulina,* lat. *nebula,* suf. *ina;* mas, como *l* e *r* são letras *líquidas,* permutam-se uma na outra com suma facilidade, — facto fónico muito natural, pois que o *l* e o *r* não são senão graus diferentes da mesma vibração lingual. Por isso há tantas formas duplas de certos vocábulos, como *neblina* e *nebrina, flauta* e *frauta, flecha* e *frecha;* e palavras latinas com os grupos consonânticos *bl, gl, pl, cl, fl,* isto é *muda+l,* deram *br, gr, pr, cr. fr*: *blandu* > *brando; blaterare* > *braderare, brad'rar* > *bradar; glute(n)* > *grude; clavu* > *cravo; placere* > *prazer; flaccu* > *fraco; floccu* > *froco,* etc. E se em muitos vocábulos existem hoje os grupos mencionados *bl, gl* e os outros, é porque foram êles restaurados por via

literária: *brasfémia, craro, cremência, craustro, crero, gória, praneta, prantar,...*

Quanto a *pretenção* e *pretensão,* são formas ambas correctas, uma derivada de *praetentum,* e a outra de *praetensum.* Veja Gonç. Viana, *Vocabulário ortográfico e ortoépico da ling. port.,* C. de Figueiredo, *Lições prát.,* I, 28, e *O que se não deve dizer,* II, 141, e Otoniel Mota, *O meu idioma,* p. 220.

XXXII

Supervivente e sobrevivente. — Cacofonias. — Estilo, não estylo.

Perguntas de *X. M.*:

1.ª — *¿Supervivente* ou *sobrevivente?*

São sinónimos. O que se nota, é que *super* é de formação erudita *(superfície, superpor, superabundar, superexcitar)*, e que *sôbre* é forma vulgar da latina *super (sobrecarregar, sobrevir, sobressair, sobreviver, sobremesa, sobrenatural)*. Em algumas palavras, usa-se indistintamente de uma ou outra forma: *super-abundância*, o mesmo que *sôbre-abundância*.

O mesmo contraste existe entre *trans* em compostos latinos ou cultos *(transferir, transpor)*, e *tras* ou *tres* nos vulgares, com a perda do *n*, como pede a evolução fonética: *trasmontar* ou *tresmontar*, *tresler*, *trasantontem* ou *tresantontem* (e êste exemplo mostra que se

juntam às vezes duas e até três partículas prepositivas num mesmo composto: *ante-pen-último, in-contro-vertível, des-pre-venido, re-com--por, de-com-por, re-de-com-por;* há, pois, vários graus de composição, há *sobrecompostos,* compostos do 2.º, do 3.º, do 4.º, grau. Alguns compostos se usam indistintamente com a forma douta *trans* e com a popular *tras* ou *tres: trans* e *tras-lação, trans* e *tras-ladar, tras-montar, trans-montar* e *tra-montar, trans-passar* e *tras* ou *trespassar, trans* e *trasbordar*. Em vez de *tresnoitado* usou Herculano *transnoitado,* em que a preposição é douta, no seguinte passo do *Eurico:* "Era, provàvelmente, algum soldado d' Al-Sudan, que, *transnoitado,* se retraía para o seu alojamento junto da tenda do Amir." (Pág. 187 da edição definitiva, dirigida por David Lopes).

Tornando ao caso de *supervivente* e *sobrevivente:* Em conseqüência da dupla origem dos vocábulos portugueses, acontece muitas vezes — e é esta uma das causas da riqueza da língua — que há duas palavras para exprimir a mesma idea ou representar o mesmo objecto, geralmente uma latina e a outra grega, e às vezes uma latina e a outra portuguesa.

a) Latim - Grego

Circunferência, contraveneno, semicírculo, suposição, transparente (Lat.) — Periferia, antídoto, hemiciclo, hipótese, diáfano (Gr.).

b) Latim - Português

Supervivente e sobrevivente, onipotente e todo-poderoso.

*
* *

2.ª — "Nesta frase do sr. João Ribeiro *(A língua nacional,* p. 168): *¿Esta frase quem a não conhece?* não há uma cacofonia *(anão)* e uma dispensável redundância do objecto directo?"

Não me parece que haja nem uma nem outra coisa. Quando se põe o complemento no princípio da proposição, repete-se por clareza com um pronome no caso oblíquo: *o, a, lhe,* etc.

> E aquela *sala* azul, vasta, infinita,
> Se não está lá Tupã, quem é que *a* habita?
> (Santa Rita Durão, *Caramuru,* cant. III, est. 5)

"*Ao avarento* não *lhe* peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o não dar nada a ninguém, e assim não lhe minto nem o molesto." (Francisco Rodrigues Lôbo, *O pastor peregrino,* p. 20). — "Êsse *álamo,* a que o senhor encosta o ombro, plan-

tei-*o* eu em 8 de junho de 1832". (Camilo, *O romance de um homem rico,* introd., 3.ª ediç., p. 56). — "¿E estas *letras* escreveu-as também o snr. padre Álvaro?" (Id., *ibid.*). — "Estas *angústias* que às vezes me laceram as vísceras, devo-*as* à peçonha dos Mascarenhas." (Id., *Luta de gigantes,* 1.ª parte, cap. VI, p. 60, ediç. de 1865). — "Estas *cadeiras* fê-*las* meu pai, que era carpinteiro." (Id., *Onde está a felicidade,* cap. VI, p. 73, ediç. de 1878). — "*A casa,* onde vivo, rodeiam-*na* pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas." (Id., *Amor de salvação,* cap. IV, p. 47). — "*As palavras* que então se disseram, ainda *as* ouço; os mais ligeiros gestos, as miùdezas menos reparáveis de tal scena, ainda *as* vejo." (Id., *Scenas da Foz,* p. 101). — *A Vicente* recomendei-*lhe* segrêdo, e que advertisse os outros criados." (Garrett, *Tio Simplício,* comédia, acto único, sc. V).

Quanto ao cacófato resultante da colocação dos pronomes *a, as,* antes da partícula *não* (Já *as não* sentia, — abaixando a voz para que a Eulália *a não* ouça, etc.), remeto o consulente aos srs. Rui Barbosa *(Réplica,* 84-85 e 285) e Cândido de Figueiredo *(O que se não deve dizer,* III, 110; *Problemas da Linguagem,* II, 11, e III, 32), e creio que lhe há de basculhar as demasias de escrúpulo o que

dizem os dois mestres a respeito de *a* e *as* junto ao advérbio *não*. As páginas dos melhores e mais harmoniosos escritores, antigos e modernos, estão cheias de *anãos* e *asnões*, e custa-me a crer que seja cacofónica e ingrata ao ouvido uma expressão que se vê repetida pelos mestres de maior cotação. Não há de ser qualquer de nós, nem os gramáticos, nem os críticos de tôda espécie, mas sim os nossos grandes escritores os que hão de decidir as questões, resolver as dificuldades e lavrar as sentenças. *X. M.* pode ver estes exemplos: "Aquele, disse o Português, tem abundância de riquezas, que *as não* deseja." (Frei Heitor Pinto, *Imagem da vida cristã*, vol. II, p. 64). — "Mas, se eu leio e acho em todos o contrário destas razões, ¿como hei de acabar comigo deixar-me vencer delas? ¿Como *as não* hei de haver por gentílicas?" (Fr. Luís de Sousa, *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, tom. I, liv. 1.º, cap. XXIII). — "Se *as não* tem, nem deseja, duvido muito que possa subir ao Céu." (M. Bernardes, *Sermões e práticas*, vol. II, p. 328). — "Nenhuma alma pode vir a mim, se meu Eterno Pai *a não* trouxer." (Id., *ibid.*, p. 432). — "Não posso crer que haja olhos nobres que vejam necessidades e *as não* procurem remediar." (Id.,

N. Flor., t. IV, p. 446). — "... descrições espantosas, que ultrajam o pudor, e pareceriam traçadas pela calúnia se o testemunho de tantas vítimas e de tantos depoimentos *as não* confirmasse." (Rebêlo da Silva, *Fastos da Igreja*, tom. I, p. 206, 2.ª ediç.). — "As advertências sesudas e benévolas, nascidas do amor das letras, só as enjeita, ou *as não* agradece. quem por louca vanglória imagina erguer um monumento em cada linha, e lavrar um primor em cada frase." (O mesmo, *Hist. de Port.*, tom. I, advertência, p. XVIII). — "Se há provas de que fui eu, ¿por que mas pedem? Se *as não* há, ¿por que me prendem?" (Camilo, *O bem e o mal*, cap. XII, p. 138). — "Se elas quiserem casar, não as embaraço, que *as não* quero para freiras." (Id., *As três irmãs*, capítulo II, p. 30). — "Não ama as mulheres, pranteia-as como vítimas do seu poder fascinante. Algumas vezes, tem a piedade de *as não* encarar para *as não* abismar." (Id., *O que fazem mulheres*, 2.ª ediç. p. 25). — "Tu zombas, porque *as não* conheces." (Id., *A sereia*, cap. VIII, p. 69).—"A *Doida do Candal*. Já *a não* conheciam por Maria de Nazaré." (*A doida do Candal*, cap. XXVI, p. 197).

3.ª — "*Estylo*, ou *estilo?*

Tem-se escrito, por êrro, em latim e português, *stylus,* estylo. O lt. *stilus* por *stiglus,* ferro com que os antigos escreviam nas taboinhas enceradas e, figuradamente, modo particular de escrever, de compor, seja de um género literário, seja de particulares escritores, etc., é do radical *sting, stig:* vb. lt. *stinguere,* picar, pungir, que se acha em compostos e derivados: *distinguir, extinguir, instinto, estímulo, estimular.*

Conforme a comum sentença dos melhores etimologistas, deve escrever-se *estilo,* não *estylo.* Veja o sr. X. M. o *Dictionnaire étymologique latin* de Bréal-Bailly, consulte P. Regnaud, *Dictionnaire étymologique du latin,* W. Brambach, *Manuel d'orthographe latine,* trad. de F. Antoine; recorra a Clédat, *Dictionnaire étymologique de la langue française,* e a Zambaldi, *Vocabolàrio etimològico italiano.* — Hatzfeld, Darmesteter e Thomas, excelentes autores do *Dictionnaire Général de la langue française,* dizem: "...lat. *stylus,* plus ordinairement *stilus.*"

Já vê o sr. *X. M.* que não são os fonetistas que pedem a substituição do *y* por *i* em *estilo, estilete, estilar* (1), restabelecendo-se assim a

(1) Temos *estilar* (de *estilo)* e *esti(l)lar,* cair gota a gota (do lat. *stilla,* gota): "Porque a água não descansa *estilando* sôbre uma pedra, vem a

sã ortografia conforme o latim *stilus,* e distinguindo-se, por êsse meio, o *estilo* de origem latina do *estylo* vindo do grego *stulos,* "coluna" que se acha em *peristylo, estylita (S. Simeão Estylita,* nome de três santos que passaram a vida numa coluna).

São grandes e verdadeiros etimólogos (1) os que mandam desaparecer o *y* que introduziu, sem razão, a ignorância em vocábulos que não teem direito a êle. De igual modo, devemos renunciar a *sylvano, sylvestre,* por *silvano, silvestre,* segundo a verdadeira ortografia do latim.

---

pedra, com ser tam dura, a ser gastada da água, com ser tam branda.„ (Bernardes, *Flor.,* III, 124). Feitos ainda sôbre *stilla* temos *destilar* e os seus derivados: *destilaria, destilador, destilação,* e *estilicidio* (stilla-cado).

(1) Às palavras que, em português, terminam em *logia* e designam uma sciência, v. gr. *filologia, ornitologia,* correspondem ordinàriamente nomes terminados em *logo* e geralmente esdrúxulos para os que se dedicam a estas sciências: *zoólogo, geólogo, ornitólogo, filólogo, arqueólogo, teólogo.* Às vezes as formas são em — *logista*: *mineralogista, genealogista, etimologista, meteorologista.* Para o que se dedica a estudar a mitologia, temos *mitologista,* mas o padre Bernardes achou melhor *mitólogo*: "os antigos mitôlogos.„ (*Floresta,* I, 241). Do que estuda os insectos dizemos ser *entomologista* ao lado de *entomólogo,* forma preferida por João Ribeiro neste passo do seu artigo *Inimigos literários,* publicado n-*O Jornal* de 25—IV—1921: "Procedi como se fôra eu um entomólogo paciente.„ Os adjectivos acabam em *lógico: cronológico,* etc.

XXXIII

Si (pronome) no tratamento familiar da 2.ª pessoa. — Banal. — Assassinato. — Visar.

Em carta assinada pelas duas iniciais *L. A.*, acham censurável que, numas páginas que do francês traduzi em linguagem portuguesa e que se publicaram numa revista dos alunos do Colégio Militar,—tradução que não tenho a pretensão de julgar limpa de uma palavra ou construção errada, de um neologismo, de um galicismo, de um barbarismo, ou de qualquer dessas coisas feias em *ismo* — eu haja empregado *banal:* "as palavras mais banais" (franc. *les mots les plus banals)* quando bem pudera ter dito: "as palavras mais vulgares"; que eu tenha escrito: "Gostaria, antes disso, de ter uma explicação *consigo*" (franc. *il me serait agréable d'avoir auparavant une explication avec vous),* e que tenha caído noutro galicismo: — *visar ò alvo.*

Respondo a *L. A.:*

1.º Que o galicismo *banal* por *comum, trivial, vulgar, frívolo, fútil* é corrente em nossa língua com os seus derivados *banalidade, banalizar,* e *banalmente.* A Vieira de Castro aconselhou Camilo purificasse um seu escrito do vício de tal adjectivo. Na versão de *Fany,* obra curiosa de Ernesto Feydeau, diz "coisas frívolas" (p. 22) para traduzir *choses banales;* mas, na página seguinte, escreve "assuntos banais" onde bem ficaria dizer: assuntos fúteis". E em vários outros lugares dos seus livros, como deixei apontado nos meus *Novos Estudos da língua port.,* 2.ª ediç., p. 64-5, usa Camilo a palavra *banal,* não observando assim aquela pureza absoluta que exigia do seu pobre amigo. Nem pode não ser assim: a gente não vive fora do mundo presente, e as palavras novas, os francesismos correntes, os idiotismos de uso universal e necessário penetram e soam de contínuo no nosso cérebro, como nos pulmões de todos entram os micróbios do ar.

2.º Na *Sint. hist. portug.* do grande professor Epifânio Dias, lê-se o seguinte a páginas 66: "*Si, consigo* empregam-se na conversação também sem significação reflexa, representando a pess. com quem falamos, e a quem

tratamos na 3.ª pess.: *Êste livro é para si*". — Camilo Castelo Branco, nos *Críticos do Cancioneiro alegre,* vol. II, p. 281, condenou o emprêgo de *si,* no tratamento familiar da segunda pessoa, i. é, de *si,* sem valor reflexo; mas a condenação de Camilo foi apenas um recurso de polémica, uma arma de que, no momento, se serviu contra o adversário, pois não teem conto as vezes que o Mestre, no diálogo, faz o emprêgo familiar de *si* na segunda pessoa. Os seguintes exemplos dão disso larga prova: "Pois o senhor ainda é dos que crêem na diferença dos sangues?! Essa não esperava eu de *si!*" *(Vingança,* cap. IX, p. 92). — "Pois então! cuida que eu me esqueci de *si?* Ficou de me escrever, e foi como se nada!... Olhe lá como vmcê é!" *(A filha do arcediago,* cap. VII, p. 46). — "Sempre vmcê é... daquela casta! E eu a pensar em *si* todos os dias, e sempre a esperar notícias suas, há quási um ano!" — Id., *ibid.*). — "O que vmcê queria, era que eu casasse *consigo.*" (Id., *ibid.,* cap. XIX, p. 126). — "Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salvá-los ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar *consigo,* e o pai dêle não consente." *(Purgatório e Paraíso,* act. 3.º, sc. II). — "Carlota espreitou ao postigo e disse: — ¿Quem procura o senhor? — Pro-

curo-a a *si.*" (*Coisas espantosas,* cap. XII, p. 81). — "..., falei em *si,* senhor Gregório." (Id., *ibid.,* cap. XIII, p. 87). — "Espere um pouquinho, que eu vou *consigo* — disse Rosa." (*Ibid.,* p. 89). — "Ora isto é que eu não esperava de *si,* senhor Eduardo." (*Ibid.,* cap. XXVI, p. 158). — "Venha cá, D. João, venha cá! ¿que é feito de *si,* homem perdido?" (*O esqueleto,* cap. XII, p. 139). — "Eu sou um grande miserável ao pé de *si,* senhor!" (*Um homem de brios,* cap. XXII, p. 271).

Revolva o sr. *L. A.* os dicionários de francesismos, os vocabulários de maneiras erradas, os léxicos de linguagem corruta, e outros semelhantes: neles verá condenadas, umas por isto, outras por aquilo e aqueloutro, palavras e locuções que se ouvem dizer contínuamente a pessoas cultas e que se topam a cada passo nos livros de escritores, que longe estão da reputação de bárbaros. E o consulente deve ainda considerar que, se muitos daqueles modos de uso corrente, sôbre que os puristas dardejam excomunhões, são, com efeito, erróneos, bárbaros, ou feios, outros muitos são inevitáveis, — diga-se o que se disser — e da língua portuguesa já se não extirparão, por mais que se faça. Repare mais que a respeito da erroneidade de muitos francesismos, neologismos, solecismos, palavras e locuções por motivos

diversos reprovadas dos puristas, nem sempre estão de acôrdo os lingüistas mais severos, e é muito para se notar que estes mesmos lingüistas severos e implacáveis com os erros, quando não escrevem ou falam de coisas da língua, deixam cair-lhes da bôca ou escorregar-lhes do bico da pena uma boa porção das palavras e locuções que êles próprios marcaram com um ferro candente. Camilo, que verberou com o açoite da sua crítica um jornalista que tinha escrito: "Tenho compaixão de *si*" empregou a mesma sintaxe e, segundo o seu exemplo, posso traduzir do francês: *J'irai dîner avec vous,* vou jantar consigo; *je dirai pour vous une prière,* rezarei por *si* uma oração; *nous lui avons parlé de vous dans toutes nos lettres,* em tôdas as cartas que lhe dirigíamos falávamos de *si; je n'ose pas aller me promener avec vous toute seule,* não me atrevo a ir passear sòzinha *consigo,* etc.

Pela bôca do deputado Calisto Elói que, no livro que tem por título *A queda de um anjo,* Camilo nos apresenta como um formidável defensor da língua imaculada, orando no parlamento português sôbre a rocha sagrada do Purismo, com a espada nua e reluzente na mão contra os bárbaros infiéis, condenou o romancista a palavra *assassinato,* em vez de *assassínio* (cap. XVII, p. 153), e Cândido de

Figueiredo também crê que *assassinato* é *galicismo inútil (Falar e escrever,* I, VI). Abundam exemplos de *assassínio* nos livros de Camilo; mas *assassinato* lá está no acto quinto, primeiro quadro, scena última, do drama *O marquês de Tôrres-Novas,* e noutros dois distintos escritores portugueses vemos igualmente *assassinato:* "Uma tentativa de *assassinato,* assalariada pelo gabinete de Lisboa, veio provar-lhe neste meio tempo que Felipe II não hesitava na escolha dos meios, quando tratava de suprimir os inimigos." (Reb. da Silva, *Hist. de Portugal,* t. III, p. 37). — "..., a fazer costas aos que entrassem dentro da cadeia para perpetrarem o *assassinato.*" (Arnaldo Gama, *A caldeira de Pero Botelho,* ediç. do Pôrto de 1866, p. 161).

3.º — Quanto ao verbo *visar,* rogo ao sr. *L. A.* que leia comigo o que diz Caldas Aulete no *Dicionário contemporâneo:*

> "VISAR, *v. tr.* dirigir a vista ou o olhar "fixamente para mirar. || Apontar a: "*Visou* o alvo. || Pôr o visto ou sinal de "autenticação de vista em algum do- "cumento: *Visar* um passaporte. || —, "*v. intr.* mirar, propender, tender, pro- "por-se: *Visar* a um resultado."

Leia agora êste trecho de Camilo: "D. António requestava uma dama de família muito distinta, não lhe empecendo saber que Diogo César *visava* ao mesmo alvo." (*Luta de gigantes,* 3.ª ediç. p. 14). E mais êste de M. Pinheiro Chagas: "¿Escolhera António Vieira de caso pensado o texto do sermão, *visando* aos ódios, às vinganças que por êste tempo referviam em Portugal?" (*O juramento da duquesa,* cap. XII, p. 199).

Os puristas querem que se diga: mirar, apontar, pôr a mira dirigir a pontaria. "... uma ambição que, aumentando com a idade, já a êsse tempo não *apontava* a menor alvo do que a realizar o sonho, tantas vezes frustrado, da monarquia universal." (Reb. da Silva, *Hist. de Port.,* t. I, p. 278). — "Os prègadores que *põem a mira* em ganhar almas lançam as rêdes para a mão direita e pescam muitas; os que *a põem* em ganhar moedas lançam para a mão esquerda e nenhuma alma pescam." (Bernardes, *Floresta,* II, 218). — "O frade deteve-o alguns minutos com sensatas reflexões, *mirando* a sossegá-lo e inspirar-lhe confiança na lealdade de Mécia." (Camilo, *O santo da montanha,* cap. XII, p. 113). — "Daí a proibição que *punha a mira em* desviar daquela gafaria as meninas ainda incontaminadas." (Id., *Noites de insónia,* núm. 1, p. 54).

XXXIV

Silenciar. — Mongibello. — Diversos nomes árabes.

Duas perguntas de *Fernando de Gamboa:*

1.ª — "¿Pode-se empregar o verbo *silenciar* na seguinte frase: *Ocorreram sucessos que não devo silenciar*?"

Silenciar é neologismo, um dos muitos verbos novos que formamos com suma facilidade, aplicando as desinências da primeira conjugação à raiz de um nome. E' irmão do *solucionar* (dar solução, resolver), *homenagear* (honrar, festejar, galardoar), *ovacionar* (aplaudir, aclamar, vitoriar), *obstrucionar* (usado, na gíria política e parlamentar, por obstruir), e todos filhos da tendência moderna, afrancesada na sua origem, para se formarem verbos de todo substantivo.

Na frase do consulente eu diria, estribado nos exemplos do padre Bernardes e de frei Luís

de Sousa, *Calar, passar em silêncio, deixar em silêncio:* "Aqui jaz fulano, cujas virtudes calo, por não dilatar-me." *(N. Flor.,* V, 194). — "Não passarei em silêncio outra coisa digna de reparo." *(Ibid.,* 379). — "Mas não será razão deixarmos em silêncio outra fonte que, em seu género e estranheza, compete com as boas qualidades destas duas." (Fr. L. de Sousa, *Hist. de S. Domingos,* part. 2.ª, liv. 2.º, cap. III).

A meu ver, a boa formação de uma palavra nova não é razão suficiente para que ela suba às colunas dos dicionários. Por tal meio podemos chegar à criação de milhares de vocábulos. E' preciso também que o uso dêles esteja convenientemente acreditado por autoridades respeitáveis.

2.ª — "Ao dizer-se monte Gibel ou Mongibelo (vulcão em Sicília, junto à cidade de Catánia, chamado comumente Etna), não se exprime a idea de *monte* duas vezes?"

Na linguagem ordinária a cada passo usamos palavras que nem sequer suspeitamos o que dizem etimològicamente. O enfraquecimento do valor das palavras ocasiona uma reacção, que tem por fim reconstruir o que se destruiu. Os elementos tocados de atrofia são, sem interrupção, reforçados, renovados

ou substituídos. Explica-se por esta reacção contra o enfraquecimento a formação das expressões em que a mesma idea se exprime várias vezes. Não nos esqueçamos, porém, de que tais expressões sòmente são reforçadas no ponto de vista etimológico, e não no ponto de vista semântico. Exemplos de formação reforçada temos em *comigo, contigo, consigo;* nas palavras que teem aglutinado o artigo definido árabe *al,* e a que se junta o artigo português: *o Alcorão, o algodão, o alferes, o alambique, o alcaide* (1); nos nomes de rios que começam com *guade,* como *Guadalquivir* (pal. ar. que significa *rio grande), Guadalaviar* (rio branco), etc., de modo que o *Rio Guadiana* vale por o *rio rio Ana* ou *Diana.*

Quando os Sarracenos se apoderaram de Sicília, chamaram ao vulcão que lhe fica ao

---

(1) O francês também possui algumas palavras com artigo aglutinado:

lendemain	por *l'*en-demain	*(in mane)*
lendit	por *l'*en-dit	*(indictum)*
lierre	por *l'*ierre (hedre)	*(hedera)*
loriot	por *l'*oriol	*(aureolus)*

Notemos mais que, nalgumas palavras de origem árabe, se altera o artigo *al* pela supressão do *l* final ou por sua assimilação à consoante da palavra seguinte: *azeite,* de *al-zeit; azougue,* de *al-záuc* (o mercúrio); *arroz,* de *al-roz, anil,* de *al-nil,* e semelhantemente *arráiz, arroba, atalaia, azagaia, açoute*

N. E. por *antonomásia Gibel,* que quer dizer monte, como para significar o *monte* por excelência. Ao povo siciliano, que não compreendia a palavra sarracena, foi fácil depois tomá-la como nome próprio da montanha e chamar-lhe *monte Gibel* ou Mongibelo.

---

ou *açoite*, etc. Dois exemplos podemos citar em que se não fêz a assimilação do *tâm* do artigo, que o árabe em tal caso não deixaria nunca de fazer, e são os nomes *Altair* (estrêla da constelação da Aguia) e *Aldebarán* (estrêla fixa, de primeira grandeza, que figura na constelação de Tauro): é que são termos scientíficos que nos vieram, não da língua falada, mas dos escritos dos doutos na astronomia. As formas correctas seriam: *Atair* e *Adebarán*. Os Italianos dizem *Atair* com a assimilação da letra *l* do artigo árabe à letra solar seguinte.

XXXV

Câncer e cancro. — Plural cânceres. — De indicando objecto ou matéria de que se trata ou fala (àcêrca ou a respeito de).

O sr. Reis Dias dirige-nos três perguntas:

1ª. — *¿Câncer* ou *cancro?*

Duas pessoas distintas e um só Deus verdadeiro. *Câncer* é a palavra latina *cancer* transportada para a língua portuguesa e que tem a significação de *caranguejo.* Da forma *câncer* procedem *canceroso (uma úlcera cancerosa)* e *cancerar-se (um braço cancerado* e, no figurado, *sociedade cancerada).* Além da forma latina, a língua portuguesa, do mesmo primitivo, fêz *cancro* (lat. *cancrum,* acusativo de *cancer):* "Vivendo o glorioso padre S. Domingos em Roma, visitava uma mulher enfêrma e grande serva de Deus, que vivia recolhida em uma tôrre junto à porta Latera-

nense. Chamava-se Bona, e concordavam com o seu nome as suas virtudes, especialmente a da sua admirável paciência na enfermidade que padecia, que era ter um horrendo *cancro* que lhe comia os peitos, onde a mesma podridão das matérias criava muitos bichos..... Quando Bona se descobriu, e o santo viu o *cancro* e os bichos fervendo na chaga,..." (P.e Manuel Bernardes, *Nova Floresta,* t. III, p. 2).

Câncer e *cancro,* úlceras, assim se chamam, em sentido médico ou metafórico, porque roem as carnes, como faria o caranguejo. Diz-se também que o nome de *cancro* derivaria de um passo de Galeno, o célebre anatomista grego, em que os tumores da mama ou peito são comparados ao caranguejo pelas veias tortuosas que dêles partem, semelhantes às pernas dêste animal. E o nome do crustáceo *caranguejo,* que tomámos do espanhol *cangrejo,* por metátese do *r—cranguejo,* e com a vogal anaptíctica (1) *a — caranguejo,* é um derivado do latim *cáncer, cancri:* forma deminutiva *cancriculus.*

(1) Com o nome grego *anaptixe* ou com a palavra sanscrítica *suarabacti* se entende a separação de duas consoantes, por efeito duma vogal, intercalando-se. São exemplos dêste metaplasmo: *calvaria = calavaria = caaveira = caveira; blatta = barata: carapinteiro* (pop.) por *carpinteiro; corónica* ou *caróníca* (antiq. o pop.) por *crónica, Ingalaterra,* etc.

— *Cangrejo* é não só a forma castelhana, mas a antiga portuguesa. No seu canto VI, est. 18, diz o Camões:

> O corpo nu e os membros genitais,
> Por não ter ao nadar impedimento;
> Mas porém de pequenos animais
> Do mar, todos cubertos cento e cento:
> Camarões e *cangrejos*, e outros mais
> Que recebem de Febe crecimento;
> Ostras e birbigões (1) do musgo sujos,
> Às costas com a casca os caramujos.

A palavra latina *cancer* e *cancro*, seu *doublet* popular, mas hoje de uso corrente na linguagem técnica, correspondem a um mesmo fenómeno patológico e aplicam-se indiferentemente, ao sabor das inclinações individuais. São denominações de neoformações com tendência à ulceração e revestidas de carácter maligno. A única restrição no emprêgo diferencial das duas palavras é a que decorre de manifestações venéreas e sifilíticas, em que se não usa o termo *câncer*. Aliás, no ponto de vista rigorosamente scientífico, nenhum dêsses vocábulos tem valor. Nas classificações clínicas, anatomo-patológicas, patogénicas e etiológicas, de maior valia, êles são "moeda" sem valia... Nenhum sabedor os emprega, são termos de uma generalização ilimitada.

---

(1) *Birguigões* e *breguigões*, noutras edições.

A raiz *kark* formou o sánscrito *carabha,* lagosta, o grego *karkinos,* e o latim *cancer.* Do gr. *karkinos,* caranguejo, temos *carcinoma* e *carcinomatoso.*

Em astronomia, *câncer* é signo e constelação zodiacais. O signo do Zodíaco, chamado *Câncer,* é um caranguejo. Luís de Camões disse o signo do *Cancro* no canto III, est. 6:

> Entre a zona, que o cancro senhorea,
> Meta setentrional do sol luzente,
> E aquela, que por fria se arrecea
> Tanto, como a do meio por ardente,
> Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
> Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
> Com suas salsas ondas o oceano,
> E pela austral o mar mediterrano.

Na linguagem astronómica, porém, está desusada em português a forma *cancro,* sendo substituída hoje pelo vocábulo latino *câncer.*

*
* *

2ª. — " ¿ O plural de *câncer*?„

Em português, é *cânceres,* não há que duvidar. Forma-se o plural dos nomes que no singular acabam em *r,* acrescentando-lhe a desinência *s,* mas interpondo um *e* entre ela e o tema do nome: *néctar, néctares; aljôfar, aljôfares; açúcar, açúcares; bazar, bazares; vó-*

mer, vómeres; colher, colheres; vizir, vizires; todos os Artures ou Ernestos; as Leonores; as Raquéis e Esteres, etc. Os que dizem ou escrevem *dólars, repórters, revólvers, éters* barbarizam, não observando as leis da flexão: falam mais inglês ou francês que português. Os nossos puristas usam comumente, muito de acôrdo com a regra gramatical, *éteres, dólares, repórteres, revólveres.* Dir-se há, pois, portuguêsmente: *Alguns* cânceres *se curam hoje em dia por meio da fulguração eléctrica.*

*
* *

3.ª — O sr. Dias, que parece ser um estudioso das sciências médicas, mas que entende, e com razão, que os livros de sciência devem ser escritos em boa língua pátria e que os sábios, antes de comporem livros de sciência, devem compor-se com a sintaxe do idioma, pergunta se é correcto o emprêgo da partícula prepositiva no título de um folheto que está a ler: Do *câncer pulmonar.*

E' correctíssimo semelhante uso de *De* para exprimir a coisa de que se trata, o objecto de um discurso, de um escrito = *àcêrca de, sôbre:* — *Da caça. Da tragédia grega. Dos pintores italianos do século XVI. Do casamento do*

Príncipe. De como o Príncipe foi baptizado, e das grandes festas que se fizeram no dia do baptismo. Do nascimento do Infante dom Afonso. Da grande e danosa tormenta que El-Rei e o Infante passaram no mar.— Subentende-se livro, capítulo que trata da caça, etc. O sr. R. Dias vai ouvir, sôbre êste ponto, a Rui Barbosa e Cândido de Figueiredo.

"Entre os latinos a particula *de* era quasi "de preceito na epigraphe das leis, como, em ge- "ral, nos titulos dos livros, suas divisões e sub- "divisões. Toda a obra legislativa de Justiniano "o attesta. Nas nossas Ordenações, desde o ti- "tulo primeiro do primeiro livro, "*Do* regedor "da Casa de Supplicação", até ao ultimo do "quinto, "*Dos* degredados, que não cumprem "os degredos", nem uma só vez se pretere esse "estilo. O codigo civil português invariavel- "mente o observa, do principio ao fim. Na co- "dificação de TEIXEIRA DE FREITAS não se de- "para um só cabeçalho, que não traga no rosto "este signal de vernaculidade. A mesma uni- "formidade mantem o nosso codigo do pro- "cesso criminal. A mesma, a lei de 3 de dezem- "bro de 1841. A mesma, o regulamento n. 120, "de 31 de janeiro de 1842. A mesma, a *Dis-*

"posição *Provisoria,* de 15 de março desse "anno. A mesma, o nosso Codigo Commercial. "A mesma, o regulamento n. 737, de 25 de "novembro de 1850. A mesma, a constituição "brasileira de 1891. A mesma, as principaes "leis da Republica: os decretos ns. 848 e 1030, "de 1890; o decreto n. 434, de 1891; o regi- "mento interno do Supremo Tribunal Federal. "Só o codigo penal de 1890, alinhavado com "o açodamento que se sabe, e a *Consolidação* "*das Leis referentes á Justiça Federal,* indi- "gesta desde o titulo, nem sempre se cingiram "ao exemplo tradicional." (Rui Barbosa, *Parecer sôbre a redacção do Projecto do Código Civil,* p. 18).

"Êsse emprêgo (DE *eqüivalente a àcêrca de)* "não se dá só nas orações completas, quando "construídas pela ordem inversa, como quando "dizemos — "*Dos* defeitos do escritôr não "falaremos" — mas também nas orações elípti- "cas, mòrmente nas inscrições dos capítulos "de uma obra, e nos títulos dos livros. Abrindo "qualquer cronista, lemos no alto de um ca- "pítulo: — "*De* como El-Rei se partiu para "Santarém." — Ou: — "*Dos* sucessos que se "deram na ponte de Alcântara." — Ou: "*Das*

"desavenças que houve entre o Infante e seu "pai." —

"E assim em títulos de livros: — "*Da* "imortalidade da alma;" — "*Das* proêzas e vir- "tudes de D. Garcia de Noronha;" — "*Dos* "defeitos e contradições do sistema constitu- "cional." (C. de Figueiredo, *Falar e Escrever*, III, p. 30).

XXXVI

Convalescença e convalescência. — Mortalidade e mortandade. — Indemnizar. — Mimosear. — Elcição em...

D. J. de A. interroga:

1º — *¿Convalescença,* ou *convalescência?*

Os abstractos latinos terminados em *-ntia* derivam-se de particípios: *praesentia, eloquentia.* O latim *-antia* produz *ança: mudança, confiança, tardança, usança, matança, vizinhança, esperança, vingança, lembrança, semelhança;* mas o sufixo culto compete com êste vulgar: *abundância, vigilância, ignorância, tolerância, constância, assonância;* do latim *-entia* temos a forma *ença*: *crença, doença, presença, sabença, parecença, diferença,* e o cultismo *-encia: audiência, ausência, violência, paciência, potência, falência, prudência, experiência.* A terminação *-ntium* é rara em latim; subsiste no vocábulo douto *silêncio.*

Como vê *D. J.*, o português vacila entre *-ança, -ença* e *-ancia, -encia*. Não é, pois, de estranhar que com a forma *convalescença* alterne a restaurada em *-encia: convalescência,* que se vê, por exemplo, neste passo de frei Luís de Sousa: "Acudiu Deus com sua misericórdia , como no mal passado: deu-lhe vida, e breve *convalescência.*" *(Anais d'el-rei D. João III,* Lisboa, 1844, p. 11).

O sufixo *-entia* é composto de *nt,* desinência de particípio presente, e do sufixo substantival *ia*. A análise morfológica de *convalescência* é esta: *Con-val-esc-ent-ia* (de *val-ere,* passar bem, e *con,* intensivo; *esc* é o sufixo que caracteriza os verbos incoativos). *Convalescente* é o que começa a passar melhor.

*
* *

2º. — "Se vem de *mortalitate,* ¿como se explica a palavra *mortandade?*„

Segundo a sua evolução natural, o latim *mortalitate* deu *mortaidade, morteydade,* como era empregado na linguagem arcaica; mas transformou-se em *mortandade* por cruzamento (que assim se diz a atracção de elementos duma palavra ou palavras para outra) com palavras em *ndade,* como *divindade, irmandade, cristan-*

dade, ruindade, orfandade. Mortalidade é forma moderna e puramente literária.

Há outros exemplos curiosos de como duas palavras fundem ou cruzam os seus sons, e é êste um dos vários pontos de vista debaixo dos quais se manifesta a analogia. *Alcançar* é resultado da fusão dos antigos *acalçar* e *encalçar,* formados do lat. *calx, calcis,* calcanhar, e dos prefixos *ad* e *in,* respectivamente: *ancalçar* e, depois, por metátese, *alcançar.* Lembremos aqui a nossa frase "ir no *encalço* de alguém" com o substantivo correspondente ao verbo *encalçar* e com o sentido de alcance, seguimento, perseguição.

*
* *

3º. — ¿Como se construem os verbos *indemnizar* e *mimosear*?

1. — *Indemnizar,* formado de *in-demnis,* de *damn-um,* com o sufixo *izar* (*in-demn-izar*). é verbo transitivo e admite as preposições De e Por: Indemnizaram-no *de,* ou *por,* suas perdas. Olhe-me *D. J.* para estes exemplos do Camilo: "..., porque Domingos Leite ansiava reconciliar-se com a espôsa, pedir-lhe perdão da injúria, *indemnizá-la das* perguntas ultrajantes com afagos de noivo apaixonado e re-

pêso da injustiça." *(O regicida,* cap. III, p. 27). — "Olha para ti: vê-te nos teus vinte anos, formosa, requestada por mancebos de grandes casas, todos rejeitados porque não ombreavam contigo em fidalguia, nem tinham riqueza que *nos indemnizasse da* quebra de nossos foros." *(O santo da montanha,* cap. XVII, p. 165). — "João da Cunha, maravilhado da mansidão de seu filho, visitou-o, *indemnizando-o* com afagos *das* asperezas que precederam a sua entrada no colégio." *(A neta do arcediago,* cap. II, p. 20).

2. — *Mimosear* é verbo transitivo. Diz o sr. *D. J. de A.* haver lido na *Rev. de Ling. Portug.*, núm. 15, pág. 167, o seguinte: "..., e porque não me era dado no momento responder aos meus acusadores gratuitos, vinguei-me com *lhes mimosear* com arcaísmos."

Parece-me que o articulista desafina da linguagem correcta. Devia ter empregado as formas de objecto directo, *o, a, os, as,* e não *lhe, lhes,* que só se empregam como objecto indirecto. A sua construção está, pelo menos, em desacôrdo com a língua de Camilo Castelo Branco, o qual escreve assim: "Iam as coitadinhas dizendo que também queriam baptizar-se com a sua senhora; mas os pagens, que as não percebiam, *mimosearam-nas* com os contos

das lanças, afugentando-as, excepto duas e um mouro de tenros anos, os quais também se baptizaram." *(Doze casamentos felizes,* p. 193, ed. de 1863). — "..., e maravilhou-se jubilosamente de ver que a nobre condessa deixara os brilhantes com que êle *a mimoseara* no dia das escrituras nupciais." *(A enjeitada,* cap. XXVI, p. 234).

A propósito de um caso da mesma espécie, — *lhe* fazendo as vezes de acusativo na sintaxe dialectal brasileira, — recebi, há muito tempo, do distinto escritor e filólogo Dr. Silva Ramos a seguinte carta humorística:

"Meu caro Mário Barreto: Gabo-lhe a pa-
"chorra. Continua v. a dar-se a correcções gra-
"maticais, sem o mínimo respeito ao direito,
"que cada um tem e que a Constituição lhe
"assegura, de se exprimir como entender.

"Há dias, o presidente de um estado do
"Norte telegrafou a um político residente no
"Rio: *Felicito-lhe pela sua nomeação.* ¿Terá
"v. a estulta pretensão de sobrepor a sua auto-
"ridade à de um chefe de estado, a ponto de
"inculcar aos seus leitores que usem, de pre-
"ferência, a forma directa do pronome? Em-
"quanto a mim, para não decair das boas
"graças do *** e de outros nativistas, já me
"alistei no batalhão dos patriotas, e vou lan-

"çando à conta de brasileirismo tudo quanto me "destoa da vernaculidade.

"Espero que esta minha resolução não es- "moreça as nossas relações, pois bem sabe "quanto *lhe* estima e *lhe* admira o

"Colega e muito amigo,

"Silva Ramos."

*

* *

4. — Na frase — "A eleição, por unanimidade de votos, do sr. N. *em* membro da Academia..." cuida *D. J.* que melhor ficaria *eleição para* do que *eleição em*.

Sabe-se que com certos verbos se juntam nomes que, completando a sua significação, se referem ao mesmo tempo ao sujeito ou ao acusativo, e são os que chamamos *predicativos*. Umas vezes se combinam imediatamente com o verbo: "Ela é *pobre*, Carlos está *triste*, António continua *doente*, vive *contente*, nasceu *rico*"; — "encontraram-na *tranqüila e risonha*, julgo-o *capaz* de tudo, creram-na *moribunda*." Outras vezes os acompanhamos, já obrigatória, já facultativamente, de uma partícula: "Levantaram-no *por* seu capitão; adopta-o *por* filho; eu vos nomeio *por* abade; instituir alguém *por* herdeiro; não tenho a nossa língua *por* grosseira, etc."

As partículas que, em português, se costumam usar como meros anunciativos de um predicativo, não têm eqüivalente em latim, como se vê por estes exemplos:

a) Predicativo nominativo: "Cato *clarus* atque *magnus* habetur" = Catão é tido *por ilustre e magnânimo.*

b) Predicativo acusativo: "Avarus aurum *Deum* habet" = O avarento tem o ouro *por seu deus.*

Com o verbo *eleger* dizemos: O povo elegeu-o *deputado,* o partido liberal elegeu-o *para deputado,* foi eleito *para* bispo um dêles. "Os povos da Gangárida, terra além do Ganges, — escreve o padre Bernardes — elegiam *para rei* o mais formoso." *(N. Flor.,* t. V, p. 117). Não é raro que, nos clássicos, encontremos *eleger* construído com *por* (elegeram-no *por* bispo). e com *em* (foi eleito *em* arcebispo). O dicionarista Morais traz estes exemplos: "Eleger *em* Rei, eleger *por* seu capitão, eleger *para* espôsa." Podem-se ver também em Epifânio Dias, *Sintaxe hist. portug.,* p. 38, exemplos como êste: "...quando alguma houvessem de eleger *em* abadessa dêsse mosteiro."

Se se diz *eleger para...* e *eleger em...,* não vejo razão para se não aceitar aquilo de

eleição em..., que deu nos olhos a *D. J.* Os substantivos verbais admitem quási sempre tôdas as preposições que podem acompanhar o verbo correspondente. Do mesmo modo que se diz: *Saí de Barcelona, escrevo com máquina,* assim se diz: *A minha saída de Barcelona, a escritura* ou *a escrita com máquina.* Outros exemplos: *a ida para Sintra, a tua residência em Paris, a saída para o Pôrto, a sua volta à pátria, a sua entrada no mosteiro, a minha permanência no campo durante os meses de verão desde dezembro até março* (¡cinco preposições seguidas neste último exemplo!).

Remato a minha resposta a *D. J.* com uma citação do Camilo: "Pediram-lhe alguns cardiais que se não opusesse à *eleição* de frei Martinho *em* provincial." *(Luta de gigantes,* ediç. de 1865, p. 53).

XXXVII

Incredibilíssimo. — Devido. — Por amor de, locução em que amor toma o sentido de causa. — Muezin. — Etimologias.

Diogo Garcia deseja saber:

1.º — Qual é o superlativo absoluto sintético de *incrível.*

Responde-se que é *incredibilíssimo,* como nos ensina Castilho: "Com a dextra, e pêso de sua carreira, derrubava como corisco as multidões descrentes, ao mesmo tempo que meneava com a esquerda uma bandeira cândida, ou como quem acenava para os Céus à vitória que descesse logo, ou como quem chamava pelos cristãos, que se chegassem a colhê-la. E ela baixou; e êles a colheram nesse dia *incredibilíssima,* derrotado Abderraman, mortos setenta mil dos seus, cativo o seu terrível feiticeiro e Cacis da Meca, Alfarami, e (o que mais foi para felicidade de agoiro) o próprio Alcorão da sua maldita lei." *(Quadros históricos de Portugal,* vol. II, p. 16).

A etimologia de *incrível* é o lat. *in-credi-bilis, cred-ere.* — *Incredibile* = *increível.* Cf. o esp. *increíble.*

Nos antigos achamos a forma *incredível:* "Nem coisas desta qualidade costumam ser *incredíveis* senão a quem dá poucas ou nenhumas honras à lição e consideração das coisas naturais." (Fr. Amador Arráiz, *Diál.* IV, cap. VII).

2.º — Se é correcto o emprêgo do vocábulo *devido* em frases como esta: "Serviram-nos um magnífico vinho, que me pareceu muito melhor do que realmente era, *devido* à muita vontade que tinha de o beber."

Pode defender-se o emprêgo de *devido,* considerando esta forma como preposicional. Há particípios que se convertem em preposições: *excepto poucos homens, excepto estes meninos, excepto essa menina, excepto as mesas e as cadeiras, durante a guerra, mediante vossa protecção, não obstante as suas precauções, tirante êsse rapaz, tirante os dias santos, salvante as damas.* Associa-se-lhes o adjectivo *salvo: salvo melhor maneira de julgar; tal era o meu escrúpulo que, salvo dois, absolvi todos os réus.*

O uso, porém, do particípio *devido,* em frases como: "*Devido* ao mau tempo, adiou-se a festa", — *Devido* à epidemia reinante, ficam

suspensas as aulas desta escola" — e outras iguais que muito amiúde lemos e ouvimos, é coisa recente. O que empregam os bons escritores, em vez destes *devidos* das frases modernas, é *por causa de, em razão de, em virtude de, por obra de, em conseqüência de, graças a.* E às vezes a só partícula *por* basta a remediar a incorrecção, como na supra-citada frase do consulente: "Trouxeram-nos um vinhito bom, e que ainda me pareceu melhor pela vontade que tinha de bebê-lo."

Há também a locução *por amor de,* que eqüivale a *por causa de: Por amor de tanto trabalho, caiu enfêrmo — Por amor dêste sucesso vim eu a desenganar-me,* e que se usa ainda quando se aborrece ou não se quer a coisa. A páginas 252 do tom. I da sua *Floresta* escreveu o oratoriano Manuel Bernardes: "Escreve-se que os Gétulos (certa nação de índios ocidentais), *por amor do* mau cheiro das entranhas, costumam trazer sal na bôca." — Nos *Lusíadas,* VI, 32, temos outro exemplo da mesma expressão *por amor de:*

> E não consinto, deuses, que cuideis
> Que por amor de vós do céu deci,
> Nem da mágoa da injúria que sofreis,
> Mas da que se me faz também a mi.

Redigindo-se em prosa o conteúdo nesta hemi-estrofe, teremos:

E não consinto, deuses, que julgueis que eu desci dos céus ao mar por amor de vós (= por vossa causa) nem que desci por causa da mágoa feita pela injúria que sofreis na navegação dos Portugueses, mas eu venho por causa da ofensa que também se me faz a mim.

No português popular diz-se abreviadamente *por mor de,* comendo-se o *a* de *amor.* Há também na linguagem popular a forma *pr'amor* de ti, *pr'*amor dela, *pr'*amor da sua filha, *pr'*amor daquele diabo de homem, etc. (redução de palavras e sons em próclise, como *pr'a mim, pr'ó filho, pr'ó mês que vem, de um dia pr'o outro, vão pr'o inferno, foi pr'o meio da rua, mui nobre, mui rico, grande mestre* = *gran, grão mestre,* etc.).

3.º — "Se está bem a forma *muezzin* nesta passagem que alguém traduziu de Loti *(Aziyadé,* cap. LX) : "As meninas circassianas descerão sempre das suas montanhas aos haréns de Constantinopla. A triste canção do *muezzin* ressoará sempre no silêncio das manhãs invernais, mas não nos despertará !..."

E' melhor *almuádem,* como se vê nestes exemplos de Castilho e Herculano: "Emfim: êste solo, tam senhoril outrora, dormia sono de cansado ao som do pregão nocturno do *almuádem* no alto das mesquitas, dos cantos de

Salá, dos açoites dos cristãos escravos, dos alaúdes e trovas dos namorados por baixo das gelosias dos haréns, e dos suspiros e das penas daquelas rivais espôsas de um só marido." (*Quadros históricos de Portugal,* vol. I, p. 61). — "O *almuádem,* subindo à tôrre da mesquita, chamava os crentes de Mafamede para a oração da tarde." (A. Herc., *Lendas e narr.,* II, 42).

Muezzin é a forma francesa. Gonçalves Viana, na *Ortografia nacional,* pp. 220 e 223, e nas *Apostilas,* I, 52 e II, 168, mostra-nos que a forma própria em português é *almuádem.* Para os lugares apontados daquele filólogo de grande valor remetemos o leitor curioso das etimologias arábicas da nossa Língua.

4.º — O sr. Garcia pede-nos, não sabemos para que, a etimologia de algumas palavras; mas, como não custa muito a ser etimólogo nestes casos, aqui lhe damos a resposta:

1. — *Ventura.* Procede do particípio latino *ventura,* plural de *venturum* = o que há de vir, o que há de suceder.

2. — *Perecer.* Reconhece no latim vulgar um antecedente, *perescere,* forma incoativa de *perire* (de *ire,* ir, e *per,* através da vida, até o cabo).

3. — *Dormitar.* E' verbo constituído sôbre o particípio latino *dormitum:* é dos chamados freqüentativos.

4. — *Espantar.* E' verbo formado do lat. *expavens, entem,* particípio activo de *expavére,* e, portanto, está em lugar de *espaventar.* E' forma sincopada, do mesmo modo que *sentar,* por *sedentar,* do lat. *sedens, entem,* part. activo de *sedere.* Os verbos em *-antar, -entar* são derivados do particípio de presente: *quebrantar, levantar, assentar, amamentar, acalentar, afugentar, aerescentar, apascentar, ausentar, apresentar, aparentar, amolentar, adormentar, aposentar* (em lugar de *aposantar,* do lat. *ad,* a, e *pausans, antis,* part. activo de *pausare,* poisar).

5. — *Promessa.* Lat. *promissa,* pl. de *promissum.* E' falsa analogia, pois em latim era plural e neutro, e, em português, singular e feminino, como se procedera de um nome da primeira declinação latina.

6. — *Medida.* Esta palavra é derivada do particípio *metitus, metita,* que por analogia se formou, pois o clássico era *mensus, a, um,* e sendo assim, não podia dar origem senão a *mesa,* segundo as nossas leis fonéticas *(ns > s: ansa > asa, sponsu > espôso).*

7. — *Limoeiro* é de-certo derivado de *limão* com o suf. *eiro,* mas da forma antiquada *limon,* como das formas antiquadas *bordon, ferron, cordon,* perdendo a voz nasal, temos *bordoada, ferroada, cordoaria,* etc.

XXXVIII

Um l em coutelier e dois em coutellerie. — O verbo italiano uscire.

¿Por que um só *l* em *coutelier* e dois *ll* em *coutellerie?* — pergunta *Eneas Sílvio,* desnorteado no meio das contradições, incoerências e incertezas da absurda ortografia francesa.

A razão é a mesma que para *tonnelier* com um só *l* porque o primitivo não é *tonnelle,* mas *tonneau,* outrora *tonnel,* ao qual se ajunta simplesmente *ier;* e *tonnellerie,* com dois *ll,* para se conservar ao *e* do primitivo o som aberto e evitar-se que se pronuncie *tonne-lerie.*

Da *Grammaire raisonnée de la langue française,* de Clédat, professor na Faculdade de Letras de Lyão, — livro para o qual escreveu o finado filólogo Gaston Paris um erudito e formoso prefácio — tresladamos aqui as seguintes observações:

1. — "Avant l'époque, relativemente récente, "où l'on a songé à utiliser les accents, rien

"n'indiquait dans l'écriture si *e* devait se lire "*é* (ou *è*) ou *e*. Toutefois, on savait qu'*e* n'a "jamais le son labial, le son de l'*e* dit muet, "quand il est suivi de deux consonnes; de là, "quand il n'y avait qu'une consonne, l'idée de "la redoubler graphiquement pour marquer que "l'*e* qui précédait n'était pas un *e* muet. On "continua à écrire *apeler* avec une *l* (malgré "les deux *l* d'*appellare*), mais on écrivait vo- "lontiers *il apelle* au lieu de *il apele*.

"2. — Quand on commença à utiliser les ac- "cents, on eut deux moyens à son service pour "marquer la prononciation de l'*e*, et on em- "ployait l'un ou l'autre en écrivant indiffé- "remment *tutèle* ou *tutelle, discrète* ou *discret- "te*, etc. Plus tard, au moment où on voulut "fixer l'orthographe, on adopta pour chacun de "ces mots soit l'une, soit l'autre des graphies, "un peu au hasard. On choisit en général le "redoublement de la consonne quand il y avait "deux consonnes en latin (les Latins en pro- "nonçaient deux), et la consonne simple quand "le latin n'en avait qu'une, mais il y a des ex- "ceptions: *tutelle* (malgré *tutela), chandelle* "malgré *candela), échelle* (malgré *scala*). "Quant aux verbes en *eler*, comme nécessai- "rement on ne mettait qu'une *l* à l'infinitif mal- "gré les deux du latin (*ellare*), il y avait là un

"bon motif pour n'en mettre qu'une aussi dans "les autres formes. Il est regrettable que l'on "ait partagé sans raison ces verbes en deux "catégories, les uns qui redoublent la consonne "quand l'*è* est ouvert, les autres qui la gardent "simple en prenant un accent sur l'*è*.

"3. — Il va de soit qu'il vaudrait mieux, "dans tous les mots, marquer toujours l'*è* ou- "vert d'un accent, et ne le faire suivre que "d'une seule consonne quand on n'en prononce "qu'une: *chandèle* (comme *chandelier)*, *tutèle* "(comme *tutélaire*), *querèle, noisète* (comme "*noisetier)*, etc."

*

* *

De uma consulta em francês pula o sr. Eneas Sílvio para outra em italiano. Diz ter aprendido nas gramáticas que, na conjugação do verbo *uscire,* o *c* inicial originário (lat. *exire)* se mantém sòmente quando o acento cai na vogal radical, e se muda em *u* quando o dito acento desce sôbre a vogal temática ou sôbre a desinência; mas que tem, não obstante isso, encontrado a forma *escire* por *uscire.*

E' certo o que diz o consulente, e o italiano devia ser *escire,* do lt. *exire;* mas, por influxo de *uscio,* porta, (do lt. *ostium,* derivado de *os,* bôca), fêz-se *uscire.* Conserva-se o *c* sempre que é acentuado, por exemplo *èsco, èscono.* No

falar do povo, porém, a analogia produziu perturbações e confusões. Assim é que em Giuseppe Giusti, em cujos escritos abundam maneiras e construções populares, encontramos repetidamente a forma *escire*: "Non m'è uscito e non m'*escirà* mai di mente il tempo nel quale tu mi sei stato guida e lume in questo dubitoso cammino della vita." (G. G., *Prose scelte,* commentate ad uso delle scuole da P. Carli, Firenze, Sansoni, 1915).

Em português temos *êxito,* do lat. *exitus,* do citado verbo *exire, exitum,* sair, e Cortesão menciona, nos seus *Subsídios para um dic. completo,* o verbo neutro *exir,* que não chegou até nós outros: é verbo que pertence à época arcaica.

XXXIX

Orações de que comparativo.

Resposta às consultas que se nos fazem em carta com a assinatura inicial *A. J. C.:*

1. — "Pedro julgou meus irmãos mais discretos que eu."

Em regra geral a conjunção comparativa *que* liga partes da oração da mesma espécie, assm como também enlaça casos idênticos. Não une casos iguais, quando os termos da comparação dependem de palavras que pedem regime diverso. Sirva de exemplo a construção proposta pelo consulente *A. J. C.,* a qual se deve evitar por anfibológica, pois oferece dois sentidos, conforme, depois do pronome *eu,* se subentenda o verbo *sou,* ou o verbo *julgo;* e assim logo se adverte a diferença que há entre estas duas construções: "Julgou Pedro meus irmãos mais discretos do que eu sou" e "julgou Pedro meus irmãos mais discretos que eu os

julgo." Desaparece a anfibologia ou ambigüidade expressando-se o verbo que se subentende na construção anfibológica, ou pondo-se em acusativo os termos da comparação, *eu* e *meus irmãos,* se assim o pedir o sentido nesta forma: Pedro julgou-*me a mim* mais discreto que *a meus irmãos,* e aqui o objecto directo deve ser preposicional, porque pode determinar anfibologia, como nesta frase de Camilo, na qual a partícula *que* se construi entre dois substantivos que são complementos directos: "Acusam-no de haver beneficiado mais a sua família que *ao* povo romano." *(O Inferno,* prefácio da 2.ª ediç., pág. XIV). A conjunção *que* se construi entre duas palavras que podem ser sujeito da oração, atributo, complemento directo, complemento indirecto ou complemento circunstancial. Aclaram esta doutrina os exemplos seguintes: *Pedro* é mais sábio *que João;* castigaram *a Pedro mais que a seu irmão;* tu *o* amas mais *que a mim;* foi mais *soldado que rei; a Pedro* dei mais dinheiro que *a João;* esta casa é mais *de João que de Luís.* — "Queria dizer que a mãe dêle era mais honrada do que tu." (Camilo, *O retrato de Ricardina,* cap. VI, p. 55). — "Se Deus me levar primeiro do que a ti, chamarei a tua alma." (Id., *ibid.,* p. 59). — "Se Deus me der filhos, hei de amá-los menos que a ti, meu amado espôso!" (Id., *O bem e o mal,*

cap. VII, p. 85). — "..onde me disseram que eu, por aquele caminho, chegaria mais cedo a Roma que ao local onde me destinava." (Id., *Amor de salvação,* cap. I, p. 5). — "...e algumas vezes ao lado do marido, a quem ela não prestava mais atenção que ao lacaio." (Id., *ibid.,* cap. XII, p. 139).

*
* *

2. — Pergunta-nos *A. J. C.* se será correcta a seguinte frase tirada do romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, cap. XCII, p. 259: "O resto dêste capítulo é só para pedir que, se alguém tiver de ler o meu livro com alguma atenção mais *da* que lhe exigir o preço do exemplar, não deixe de concluir que o diabo não é tam feio como se pinta."

Está além de tôda a dúvida a correcção dessa frase, empregada por um literato tam eminente como foi Machado de Assis, que conhecia muito bem a sua língua.

Depois dos comparativos é geral, a conjunção *que* ou *do que: é mais alto que eu;* mas na língua antiga podiam levar a preposição *de,* deixando de fazer-se a comparação por meio do *que* conjuntivo: "...por lhe parecer que se ocupava e inquietava mais *do* necessário." (Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos,*

part. I, liv. V, cap. XXXIV). — "E todavia o Santo, como se correra de alguma cuba, depois que cada um tomava o que havia mister. mandava tapar a bica com seu tôrno; o que devia fazer, ou para crédito da misteriosa adega, ou para tirar ocasião a se beber mais *do* necessário." (Id., *ibid.*, part. III, liv. III. cap. V). — "Dourava estas partes com claro entendimento, e muita prudência natural, que foi causa de que deixasse as escolas, e lição em que entendia, mais cedo *do* costumado." (Id., *ibid.*, part. III, liv. IV, cap. XI).

Ocorre semelhante construção ainda em exemplos como o de Machado de Assis, em que o nexo, em lugar de *que,* é *de,* tomando a subordinada a forma de uma oração relativa, donde resultam as combinações *mais* ou *menos do, da, dos, das que (o, a, os, as* são aqui pronomes demonstrativos): "..., e vigiar sôbre todos com mais olhos *dos* que fingem os poetas que tinha Argos." (Fr. Heitor Pinto, *Imagem da vida cristã,* cap. 5, p. 92). — "... passaram por uma afronta muito mais bárbara e cruel *da* que usou com os mensageiros de David el-rei de Amon." (Lucena, *Vida do Padre Francisco de Xavier,* liv. V, cap. VII).— "... respondeu que a tristeza e desconsolação que seu gesto representava era muito menos *da* que interiormente atribulava sua alma." (Fr.

Luís de Sousa, *Vid. do Arceb.*, liv. I, cap. III, p. 30, tom. I da ediç; rolandiana). — "Só havia que cuidar se estava a Ordem em tempo pera aceitar mais casas *das* que tinha." (Id., *ibid.*, cap. XXIV, p. 149). — "... tem o lugar muito maior antiguidade *da* que comumente lhe dão suas lembranças e cartórios." (Id., *ibid.*, cap. XXVI, p. 157). — "... ganhou na côrte de D. João I notável importância e valia, maior porventura *da* que tivera como simples abade de Alcobaça." (Alex. Herculano, *O monge de Cister*, t. I, p. 116, ediç. de 1859). — "Pôde então a cristandade adquirir a seu respeito mais exactas informações *das* que soubera alcançar a antiguidade." (Latino Coelho, *Vasco da Gama*, 1.ª parte, p. 256). — "... mas seriam igualmente inexplicáveis se o povo não tivesse, para entendê-las, mais luz *da* que lhe dão essas passagens." (Camilo, *O Inferno*, p. 113, ediç. de 1871). — "Então há na tua vida mais aventuras *das* que eu sei..." (Id., *A mulher fatal*, 2.ª ediç., p. 153). — "O mundo não te dará mais venturas *das* que te deu o claustro." (Id., *A bruxa do Monte-Córdova*, 1.ª part., cap. VII, p. 65).

E, despois que ao Rei apresentaram
Co recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos *daquillo* que queriam.

(*Lus.*, II, 9).

Encontra-se também a construção regular com *que (que o que,* ou *que os que)* como nestas passagens: "Dos paços reais não direi nada, porque os não vimos senão de fora, nem dêles soubemos mais *que o que os* Chins nos disseram." (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinações,* tom. I, cap. LXXXVIII, p. 354, Lisboa 1829). — "..., por serem as obras próprias pais melhores *que os que* da natureza se recebem." (Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro,* liv. I, núm. 1). — "Neste género não tenho lido melhor inventada subtileza *que a que* refere um nosso historiador grave,..." (Bernardes, *Floresta,* I, 385). — "Irmão, respondeu o de casa, eu não tenho mais *que o que* vêdes; chegai e comamos todos; que Deus, que dá para uns, dará para outros." (Id., *ibid.,* II, 148). — "Porém nenhuns eunucos foram mais perniciosos à Igreja Católica *do que os que* vieram em tempo dos Imperadores Constantino Magno e Constâncio,..." (Id., *ibid.,* V, 135). — "Eu deixei um grande património quando aqui entrei, e vim achar uma riqueza incomparàvelmente maior *do que a que* deixei." (Camilo, *Carlota Ângela,* cap. VII, p. 90). — Prefere-se, porém, a preposição por mais agradável ao ouvido.

Ainda hoje o comparativo rege a preposição *de* na expressão "maior *da* marca"=maior *do*

que a marca: "O padre pròpriamente, com ser um vilão *maior da marca,* notou..." (Camilo, *A enjeitada,* cap. VI, p. 65). — "Quando isso acontecer, hei de eu cuidar que sou um tolo *maior da marca,*" (Id., *A filha do doutor Negro,* p. 24).

Em italiano o termo de comparação se constrói regularmente com a preposição *di,* o que não quer dizer que também não se empregue a partícula *che: Carlo è più studioso di Pietro. La Lombardia è più fertile del Piemonte. Napoli è più popolosa di Roma. Il ferro è meno prezioso dell'oro* o *che l'oro.*

XL

"Ao saber a fatal notícia, perdeu os sentidos". e "a saber eu a fatal notícia, teria procedido de outro modo." — Competência da justaposição com o regime.

Duas perguntas de *Vasco Martins de Seixas:*

1.ª — Nas duas construções que nos apresenta o consulente há diferença de significado no infinitivo precedido da preposição *a,* conforme se expressar ou omitir o artigo. Na oração: "*Ao saber a fatal notícia, perdeu os sentidos*", *Ao* denota que *saber a notícia* e *perder os sentidos* foram coisas simultâneas. Se omitido, porém, o artigo, se disser A SABER *eu a fatal notícia, teria procedido de outro modo,* a locução *a saber* tem sentido condicional, como em *A não tê-lo visto eu* (em francês: *si je ne l'avais pas vu).* Precedido de *ao,* o infinitivo significa coincidência de tempo: *ao eair da noite, ao entardeeer, ao escureeer, ao repontar da aurora, ao arraiar da manhã, ao avistarem-nos,* etc.

Vejamos a outra pergunta do sr. Vasco Martins: "¿Deve-se dizer *Colégio Pedro II* ou *Colégio de Pedro II*?"

São galicismos *o hotel Oriente, hotel Leão de ouro, hotel Gibraltar, colégio Henrique IV,* etc. Sabido é que o francês emprega neste caso a juxtaposição: *L'église Saint-Thomas d'Aquin, l'église Saint-Augustin, l'église Sainte-Clotilde, le théâtre Saint-Charles, lycée Henri IV, Collège Louis-le-Grand, musée Carnavalet, hôpital Saint-Louis, salle Sainte-Victoire, la bibliothèque Sainte-Geneviève,* etc. Em português, com os nomes de construções, é exclusivo o emprêgo do regime: a igreja *de* S. Tomás de Aquino, a igreja *de* Santo Agostinho, a igreja *de* Santa Clotilde, a igreja *de* S. João, a igreja *de* S. José, igreja *de* S. Nicolau, igreja *de* Santo Ildefonso, hotel *da* Estrêla, o hotel *da* Europa, hotel *da* América, hotel *do* Globo, hotel *de* Itália, hospedaria *da* Águia de Ouro, hospital *de* Santo António, hospital *de* S. Luís, hospital *de* Todos os Santos, seminário *de* S. José, recolhimento *de* S. Lázaro, museu *de* Carnavalet, teatro *de* S. Carlos, colégio de Luís o Grande, etc. — "Apaixonou-se por uma bailarina do teatro *de* S. Carlos." (Camilo, *Doze casamentos felizes,* ediç. de 1863, p. 49). —

"Estiveram no teatro *de* S. João, onde a Sra. Talassi e o Grilo-coixo faziam o espasmo delicioso da platea." (Id., *Coisas espantosas,* ediç. de 1862, p. 73). — "Rafael da Silva Braga, na noite de 2 de outubro de 1795, pateou uma cantora no teatro *de* S. Carlos." (Id., *Noites de insónia,* núm. 1, p. 10). — "Em 1861, o nervoso poeta Raimundo de Bulhão Pato mostru-me no teatro *de* D. Maria uma formosa senhora,..." (Id., *ibid.*, p. 72) — "Vi esta morgada, há três anos, em Braga, no teatro *de* S. Geraldo." (Id., *A morgada de Romariz,* ediç. de 1876, pág. 7). — "No Colégio *de* Pedro II todos lhe queriam bem." (Machado de Assis, *Esaú e Jacó,* cap. XXIII, p. 74). — "..., ex-reitor de uma das casas do Colégio *de* Pedro II e, durante alguns anos, ornamento do seu magistério." (Carlos de Laet, *Em Minas,* ediç. de 1895, p. 8). Refere-se aqui o sr. Carlos de Laet ao falecido e notabilíssimo professor Aureliano Pereira Correia Pimentel, o qual foi exímio latinista e cultor da língua pátria. No frontispício da tese de concurso que compôs êste filólogo, em 1886, e com a qual conquistou a cadeira de português, lê-se: *These para o concurso á cadeira de portuguez do 2.º ao 5.º anno do Externato do Imperial Collegio* de *Pedro II.*

Não foi só no trecho que acima transcrevemos que o sr. Laet usou a forma genuìnamente portuguesa *Colégio de Pedro II* (e não *Colégio Pedro II*); mas constantemente, nas notícias bio-bibliográficas que escreveu para serem antepostas, na sua *Antologia Nacional,* ao primeiro trecho de cada autor, emprega a partícula na designação do estabelecimento de ensino de que é actualmente director e de cuja congregação é o decano. Consulte o leitor as págs. 57, 109, 113, 146, 365 e 412 da 8ª edição do citado florilégio, e em tôdas elas achará a prep. *de* no título do colégio que se designa com o nome do imperador destronizado em 1889 e cuja recordação se quis perpetuar no mesmo título. *Colégio de Pedro II* disse ainda o sr. Laet, conservando a preposição, nas *Duas Palavras* que antecedem a edição por êle dirigida de um livro de história universal: 'Cuidadosamente revi, por incumbência dos beneméritos editores Francisco Alves e Cia., o compêndio intitulado *Noções Sumárias de História Universal* do falecido professor João Maria da Gama Berquó, a quem pessoalmente conheci no Colégio *de* Pedro II e de quem conservo saudosas recordações."

O escritor português Pinheiro Chagas, traduzindo na sua língua materna o livro *O conde de Camors,* do popular romancista francês

Octávio Feuillet, diz a páginas 12: "Os seus condiscípulos do colégio *de* Luís o Grande lembram-se..." — Numa versão castelhana da mesma novela lê-se: "Sus compañeros del colegio *de* Luis el Grande recuerdan..." O original francês diz assim: "Ses camarades du collège Louis-le-Grand se souviennent..."

Com os nomes de ruas também usamos o regime: a rua *de* D. Mafalda, a rua *de* Santa Bárbara, a rua *de* Santa Catarina, a rua *das* Flores, a rua *de* Santo António, a rua *de* S. Francisco, a rua *do* Rosário, Campo *de* Sant'Ana, praça *da* República, Campo *de* S. Cristóvão, cais *do* Sodré, travessa *de* Santa Teresa, largo *de* S. Roque, largo *de* S. Domingos, a praça *de* D. Pedro, etc. Está agora em moda omitir-se a preposição *de*, — recentidade vinda, sem dúvida, do francês, que, neste grupo, como no anterior, emprega a juxtaposição: *la rue Saint-Antoine, la rue Saint-Dominique, la rue Saint-Guillaume, la rue Saint-Roch, rue Saint-Denis, rue Gambetta, la rue Octave Feuillet, la rue Murillo, la place Louis XV*, etc.

E' claro que se o nome tem valor adjectivo, é obrigatória a aposição: *Rua Larga, Rua Áurea, Rua Direita, Rua Fresca, Rua Formosa, Rua Nova, Hotel Universal, Hotel Central, Teatro Normal, Hospedaria Francesa, Hospi-*

tal Evangélico, etc. Também com *serra* e *cordilheira* empregamos o regime e do mesmo modo com outros nomes geográficos (com os de rios, porém, é constante a juxtaposição, por ex. *o rio Tejo,* porque Tejo é já por si o nome da coisa, como quando se diz *a rainha Isabel, o imperador Carlos V, o poeta Homero);* — cabo *da* Boa Esperança, serra *da* Estrêla, serra *do* Maranguape, cordilheira *dos* Andes, o mar *de* Azof, o gôlfo *de* Lepanto, o estreito *de* Magalhães, o estreito *de* Gibraltar; mas a Serra Nevada, a lagoa Estígia, o mar Mediterrâneo, o gôlfo Pérsico, porque o nome oferece valor adjectivo.

XLI

Emprestar e pedir emprestado — Género dos nomes próprios de cidades. — Proposições relativas coordenadas.

Mestre de meninos escreve-nos:

"1. — ¿Por que dizem os meninos da escola, como lhes oiço dizer com freqüência, frases como esta: "Dá-me licença que eu *empreste* uma borracha de um colega?"

E' porque, quando, no conceito de uma acção concorrem dois elementos que o completam, costumam confundir-se os termos que expressam aqueles elementos, já por antecipação, já por postergação de um ou de outro.

Emprestar é ceder por certo tempo uma coisa, com obrigação de a restituir. Entre nós brasileiros não é raro que se incorra na confusão, usando-se promìscuamente *emprestar* nos dois sentidos de *dar* e *pedir emprestado,*

como o mestre-escola assevera ter ouvido dizer às suas crianças.

Falta em português um verbo único, que corresponda ao francês *emprunter,* de modo que somos obrigados, na versão, a usar da locução *pedir emprestado* ou *tomar emprestado: Emprunter cinq francs* = pedir emprestados cinco francos. — "Il m'a appris qu'il avait emprunté à ton mari et à Stephen de fortes sommes qu'il lui est impossible de leur rendre." (Alphonse Karr, *Sous les Tilleuls,* cap. 121) = Disse-me que tinha pedido emprestadas a teu marido e a Estêvão avultadas quantias, que lhe é impossível pagar-lhes.

Pomos aqui exemplos de escritores notáveis para que o mestre-escola os mostre aos seus alunos que cometem o abuso de empregar o verbo *emprestar* quando devem dizer *pedir emprestado:* "Em uma ocasião repentina foi necessário a êste monarca mandar *pedir prestados* a Pedro Pantoja mil e quinhentos cruzados. Dali a cinco dias lhe tornou, além do principal, duzentos e cinqüenta." (Padre Manuel Bernardes, *Floresta,* t. II, p. 172). — "E tam descarado, que no outro dia foi *pedir*-me ainda em cima dez moedas *emprestadas.*" (Rebêlo da Silva, *A mocidade de D. João V,* cap. XXV, p. 173). — "Depois, a rainha D. Catarina, regente, quando foi do cêrco de Maza-

gão, *pedira-lhes emprestados* 150:000 cruzados. Os Castros deram a enorme quantia e dispensaram a rainha de os embolsar." (Camilo. *Sentimentalismo e História,* I, ed. Chardron, 1879, p. 12). — "Estava também eu em princípio de saturação — palavra *pedida de empréstimo* à química..." (Id., *O carrasco de Vítor Hugo José Alves,* cap. I, p. 7, ediç. de 1872). — Filinto Elísio, na tradução da fábula *A cigarra e a formiga* de La Fontaine, escreveu:

> Vai, gritando lazeira,
> À Formiga pedir, sua vizinha,
> Que lhe *empreste* algum grão, para ir vivendo,
> Té que a nova estação, bemvinda, aponte.
> Diz-lhe: "À fé de Cigarra, antes de agôsto,
> Pagarei tudo, principal e juros.„
> Não ser fácil no empréstimo
> E' na Formiga a mácula mais leve.
> Com que diz à que vem *pedir prestado:*
> ¿Em que lidavas do calor na quadra?

*
* *

"2. — Tenho visto e ouvido empregar-se *Paris* como masculino: *Paris é soberbo, o Paris moderno, êste formoso Paris,* etc. ¿Que lhe parece?"

Camilo disse com o masculino: "...era uma esbelta moça que devia de ter sido muito festejada *no seu Paris,* antes dos trinta anos." (*Co-*

ração, cabeça e estômago, 2.ª ed., 1864, p. 33). — "... em que as meninas reconheciam um pedaço *do seu saudoso Paris." (Estrêlas propícias,* cap. II, p. 13). Mas a páginas 43 dos *Vulcões de Lama,* ed. de 1886, empregou o nome da metrópole francesa como feminino: "perdido *naquela Paris."* Como fem. também o empregou A. F. de Castilho no *Misantropo,* ediç. de 1874, p. 186:

...o êrmo, que em beleza
Vence *a própria Paris,* e a Londres na riqueza.

Os nomes das cidades consideram-se, na maioria dos casos, como femininos: *a turbulenta Toledo, Lisboa inteira, a orgulhosa Lisboa,...* Almeida Garrett diz na sua melhor obra em prosa, *Viagens na minha terra,* vol. II, cap. XLVII: "Eu sentia-me morrer de tristeza e de isolamento no meio *da populosa e turbulenta Londres."* — Da maravilhosa *Cantata de Dido,* a mais encomiada de tôdas as poesias do Garção, escritor puríssimo, copio os dois seguintes versos:

Só êrmas ruas, só desertas praças
A *recente Cartago* lhe apresenta.

Fernão Mendes Pinto, no cap. CVII das suas célebres *Peregrinações,* diz *um* Paris, mas *uma Lisboa:* "...porque se não há de imaginar que é ela *uma* Roma, *uma* Constantinopla, *uma*

Veneza, *um* Paris, *uma* Londres, *uma* Sevilha, *uma* Lisboa."

Os nomes de cidades são, as mais das vezes, femininos porque se referem ao nome genérico *cidade*. A-miúdo os nomes próprios que se não referem a seres sexuais, recebem o género da palavra que designa a categoria a que pertence a coisa. Empresas há comerciais e industriais que se denominam *Companhias;* daí nomes como "A Jardim Botânico", "A Pacífico", "A Comércio e Navegação", "A Progresso", "A Chile e Brasil", e assim por diante.

Os navios denominam-se com o seu nome próprio precedido do artigo que compete à categoria. *A Belmonte, A Beberibe, a Mearim, a Ipiranga, a Jequitinhonha, a Araguari, a Parnaíba, a Iguatemi,* porque eram canhoneiras, as quais tomaram parte na batalha de Riachuelo, um dos maiores feitos navais de que reza a nossa história. Dizemos, porém, *o Baía, o República,* porque são cruzadores ou cruzeiros, e *o Minas-Gerais,* por ser um encouraçado. Os grandes transatlânticos são todos masculinos, ainda que a mor parte dêles tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa." Subentende-se *vapor.*

Respectivamente aos rios, é certo que se consideravam, em latim clássico, geralmente como masculinos por se pensar no nome genérico

fluvius, mas o povo dava-lhes o género gramatical da terminação. Assim vemos que *Sequana,* masc., dá em francês *la Seine; Mosa,* masc., *la Meuse; Mosella,* masc. e fem., *la Moselle; Guarumna,* masc., *la Garonne,* etc. Mas *Rhenus,* masc., *le Rhin; Rhodanus,* masc., *le Rhône.* Não há, por conseguinte, a menor dúvida de que em português o artigo masculino junto a um nome de rio (*o Sena, o Elba, o Garona, o Amazonas*) não é o artigo do nome próprio, mas sim o da palavra genérica *rio.* Quando o romano dizia *Sequana placidus,* pensava *Sequana (fluvius) placidus.*

Notemos ainda exemplos análogos nas locuções: *o champanha (vinho), comprar um terra-nova (um cão da Terra-Nova),* nas quais as palavras mudam de género por elipse (braquilogia).

No francês, *le vapeur, le Languedoc, la Saint-Jean* são exemplos que nos mostram como a braquilogia pode importar uma mudança de género: *le bateau à vapeur, le pays de langue d'oc, la fête de Saint-Jean.* O responsável do género é o substantivo que se subentende.

*
* *

3. — A frase de Herculano: "El-rei parecia grandemente comovido, e, talvez involuntária-

mente, lançou um braço ao redor do pescoço do cego, *que soluçava e tremia* sem soltar uma só palavra." (*Lendas e narrativas,* ediç. de 1865, tom. I, p. 271) está perfeita. Seria supérflua a repetição do pronome relativo, sujeito das duas proposições ligadas entre si por *e*. Igualmente bem escreveu o Camilo naquelas páginas enérgicas e admiráveis do suplício da marquesa de Távora no *Perfil do Marquês de Pombal*: "Uns homens *que bebiam aguardente e tiritavam,* cobriam com encerado uma falua carregada de lenha e barricas de alcatrão, atracada ao cais, defronte do tablado."

Nestoutros exemplos dos mesmos escritores fica subentendido o pron. relativo na segunda oração, por ter êle em ambas a mesma função sintáctica: "...uma carta *que o abade escrevera* à pressa e lhe dera com a recomendação de a entregar sem demora." (A. Herc., *O monge de Cister,* tom. II, cap. XXIII, p. 202). — "...moça honesta *que o estudante seduzira e abandonara.*" (Camilo, *Doze casamentos felizes,* ediç. de 1863, p. 204).

Menos regular é o subentender-se na segunda oração o pron. relativo, quando nesta reger distinto caso. Fê-lo assim Camões em dois exemplos citados por Epifânio Dias na sua *Sint. Hist. Port.,* p. 282. E' necessário repetir o relativo, como nos mostram os exemplos

que em seguida copiamos: "Nas cartas *a que* não respondeste ou *que não* recebeste,..." (Camilo, *A filha do regicida,* cap. XXVI, p. 223). — Como se vê, repete-se o pronome para que se não faça a mistura do dativo com o acusativo.

Quando o pronome permanece exteriormente idêntico, pode ficar subentendido na segunda proposição: "¿Entendes tu que a tua felicidade está em casar com a mulher *que seduziste ou te seduziu?*" (Camilo, *A sereia,* cap. XXIII, p. 170). — "A mãezinha de v. exc.ª, *que tinha então muito valimento, e nós conhecíamos* desde que a vimos, linda como as estrêlas do céu, a passear leites na quinta das Galvêas, pediu por nós; mas não havia lugar." (Id., *O carrasco de Vítor Hugo José Alves,* cap. III, p. 40). — Pode-se, porém, repetir, como neste exemplo de Camilo, em que o relativo é sujeito na primeira proposição e regime na segunda: "A sua companhia era a ama, *que* o amamentara, *e que* Deus, em recompensa, preservou da terribilíssima enfermidade." *(Amor de salvação,* cap. XI, p. 117).

Repetindo o pronome, porque os dois verbos exigem casos diferentes, versejou Garrett:

> Foi sonho *de que* acordei,
> *E que* não volvo a dormir.

(Flores sem fruto, p.149,ediç.da Imp.Nac.,Lisboa, 1874).

XLII

Os adjectivos normalmente não são termos de preposição.

Henrique Barbosa interroga-nos: — "¿Pode um adjectivo ser termo de uma preposição?"

Satisfaremos a esta pergunta, devendo dar naturalmente por descontados os casos em que o adjectivo perdeu o seu carácter próprio pela substantivação. As frases: *Contam-no entre os sábios, A casa de minha vizinha* não têm nada extraordinário. *Sofia veste-se de branco* corresponde à substantivação dos adjectivos de côres. Neutro substantivo há igualmente em *por certo, de-certo,* e naturalmente em *por tanto, ¿por que?,* etc.

A combinação de um adjectivo com uma preposição é em si anormal e os casos em que se acha em português um verdadeiro adjectivo variável depois de preposição, explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo, *(ser, estar,* etc.), ou pela fusão da construção

do adjectivo com a de substantivos no mesmo lugar. *O pai castigou a filha por desmazelada* é construção que se deve à mescla de *"por ser ela desmazelada"* com *"por seu desmazêlo."* Aqui estão outros exemplos de *por* com um adjectivo para indicar o motivo em virtude do qual uma acção acontece ou não se realiza: "Vingaremos règiamente nos Moiros de Santarém essas injúrias, e a nossa vingança lembrará, *por espantosa,* até ao fim dos tempos." (Castilho, *Quadros Hist.,* vol. II, p. 102). — "... que semelhante vida lhe desagradava *por monótona."* (Camilo, *O regicida,* cap. I, p. 11). — E' uma das melhores composições neste género. *Por extensa* a não traslado." (Id., *O judeu,* vol. II, 4.ª parte, cap. IV, p. 168).— "Éramos da mesma idade, estudávamos medicina, com a diferença que eu repetia o terceiro ano, que perdera, *por vadio."* (Machado de Assis, *Páginas recolhidas,* p. 58).

Construções parecidas são *acusar de negligente, acusei-a de altiva, acusaram-na de ingrata, acusa-me de aleivoso, louvar de bondoso, jactar-se de valente, presumir de formosa, capitularam-na de douda, repreendiam-no de pródigo,* etc. — *Depois de morto, antes de nascido* estão debaixo da pressão de *depois da morte, depois de ser morto, depois*

de morrer. — Depois de declarada a guerra = = depois da declaração, e a cláusula absoluta *declarada a guerra. — Estas histórias não são para contadas = para serem contadas, para se contarem.* Esta perífrase de *para* com o particípio passado, substituindo o particípio de futuro passivo, é usualíssima no português clássico. Nos *Lusíadas,* cant. X, est. 152, temos *pera mandados,* abreviação de *para serem mandados:*

> Fazei, senhor, que nunca os admirados
> Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses
> Possam dizer que são pera mandados,
> Mais que pera mandar, os Portugueses.

A verdadeira qualidade expressa por adjectivo não admite o regime de uma preposição; o termo normal é sempre um conceito substantivo.

XLIII

Fixar alguém. — Injectado. — Emérito.

Diz *M. E. S.* que um crítico declarou ser *êrro perpetrado por ignorância* a frase *fixar alguém* por olhar para alguém, fixar os olhos nele; mas que não deu a razão do seu dito.

Não há dúvida que *fixar* significa tornar fixo, tornar imóvel, pregar, cravar: *fixar os olhos no chão. Fixamos os olhos numa mulher;* mas *não a fixamos.* O certo, porém, é que se usa a expressão *fixar uma pessoa*: é uma abreviação, como outras há em palavras muito usadas, o que ocasiona mudança notável de significação. Camilo, no seguinte trecho da sua versão do romance *Fany* do escritor francês Ernesto Feydeau, traduziu *regarder* por *fixar:* "Fanny se détacha lentement de mes bras, me posa les deux mains sur les épaules et me regarda." (Cap. XXXVII) = Fany retirou-se lentamente de meus braços,

pôs-me ambas as suas mãos nos ombros, e *fixou-me.*" O espanhol poria aqui o verbo *mirar: Fany se desprendió lentamente de mis brazos, me puso las manos en los hombros y me miró.*

Os Franceses também usam *fixer quelqu'un* por *le regarder fixement.* Veja-se um exemplo de Afonso Daudet em *Le Petit Chose* (Lemerre, éditeur, 1884), p. 163. Voltaire combateu esta locução, que parece ter começado no seu tempo: "Quelques Gascons hasardèrent de dire: J'ai fixé cette dame, pour: Je l'ai regardée fixement, j'ai fixé mes yeux sur elle. De là est venue la mode de dire: *Fixer une personne.* Alors vous ne savez point si on entend par ce mot: J'ai rendu cette personne moins incertaine, moins volage; ou si on entend: Je l'ai observée, j'ai fixé mes regards sur elle." (*Dictionnaire philosophique,* art. Langue française; *Œuvres complètes,* t. I, p. 406, édit. du journal *Le Siècle*).

Bréal observa com razão que a expressão *fixer quelqu'un* se formou da mesma maneira que *entendre quelqu'un,* expressão que é correcta *(entendre* = ouvir). *Entendre* vem de *intendere,* expressão abreviada de *intendere animum. Fixar* (de *figere, fixum)* será igualmente a abreviação de *fixar os olhos em (figere oculos).* Bréal acrescenta: "La locution con-

damnée par les grammairiens est tout à fait de la même sorte. Mais elle a le tort de venir à une époque où ces raccourcissements ne passent point inaperçus." *(Essai de Sémantique,* p. 158).

Dir-se há outro tanto do verbo *fitar*. Da expressão originária e exacta *fitar os olhos numa coisa ou pessoa,* passou-se, por abreviação, a frases como *fulano fitou cicrano, não ousava fitá-la, quando ela me fitou, fitou-a espantada.* Daremos em seguida exemplos de uma e outra maneira, colhidos nos mestres: "... todos os soberanos *fitavam os olhos* em nós." (Rebêlo da Silva, *História de Portugal,* t. II, p. 45). — "Deus! E na sua imagem é que aquela mãe *fitava os olhos.*" (Camilo, *Lágrimas abençoadas,* cap. II, p. 14). — "Eu subi, há pouco, à tolda, e vi a lua, que oito dias antes me vira no Candal, ao pé de Carlota. Não pude *fitá-la.*" (Id., *Carlota Ângela,* cap. IX, p. 112). — "Notou Simão os reparos em que ela se demorava a contemplá-lo, e perguntou-lhe a causa daquele olhar melancólico com que ela *o fitava.*" (Id., *Amor de perdição,* 3.ª ediç., 1869, p. 70). — "Viu os dois vultos, direitos com o recanto que formava a junção da capela-mor, e sôbre o qual caíam as sombras da tôrre. *Fitou-os* de passagem, e suspeitou; não os conheceu; mas êles disseram entre

si, depois que êle desaparecera:..." (Id., *ibid.*, p. 79). — "Mariana *fitou os seus grandes olhos azuis* no rosto do académico." (Id., *ibid.*, p. 123). — "Simão *fitara os olhos* chamejantes nos do ferrador,..." (Id., *ibid.*, p. 153). —"O filho do corregedor não se moveu. Baltasar, espavorido do encontro, *fitando os olhos nele,* duvidava ainda." (Id., *ibid.*, p. 162).— "Miguel *fitou os olhos* na criança adormecida e tocou-lhe com o dedo indicador na face esquerda." (*Vinte horas de liteira,* p. 163). — "... a doce melancolia com que *o fitara* no momento em que seu pai lhe concedia habilitações para mestre-escola." *(A viúva do enforcado,* 1.ª part., p. 25). — *"Fitou-me* por largo espaço, profundamente, explorando os íntimos arcanos de minha alma inquieta." *(Fany,* ediç. de 1861, p. 25). — "Vindo agora pela rua da Glória, dei com sete crianças, meninos e meninas, de vário tamanho, que iam em linha, presas pelas mãos. A idade, o riso e a viveza chamaram-me a atenção, e eu parei na calçada, a *fitá-las.*" (Machado de Assis, *Memorial de Aires,* página 134).

*

* *

Injectado nas frases sôbre que nos consulta *M. E. S. (olhos injectados, ter o rosto injectado*) é neologismo, mas já bastante arraigado:

"Era Inês desvairada, pálida, com os olhos *injectados* de sangue, com a fisionomia transtornada,..." (M. Pinheiro Chagas, *A máscara vermelha,* ediç. de 1873, p. 296). — "Os olhos *injectados* parecia que lhe saltavam das órbitas." (Id., *A mantilha de Beatriz,* cap. III, p. 41).

A *olhos injectados* já se referiu o nosso João Ribeiro na sua selecta de *Autores contemporâneos,* em cujas anotações se corrigem não poucas heresias gramaticais, barbarismos e solecismos. A nota 128 do ilustre gramático e académico diz assim: "*Olhos injectados* é expressão moderna e francesa de origem, introduzida pelos médicos; na medicina antiga portuguesa dizia-se sempre — *olhos encarniçados* — locução que, parece, caiu em completo desuso, por mais grosseira ou rude."

* * *

M. E. S. leu os artigos que, no *Correio da Manhã,* estampou o prof. Assis Cintra e em que impugnou a significação figurada ou extensiva da palavra *emérito: muito versado em sciência, arte ou profissão, por a ter praticado durante muito tempo.* E' bom, porém, que leia igualmente os artigos que, em resposta àquele professor, publicou o sr. Cândido de Figueiredo no *Jornal-do-Comércio* desta capital, núme-

ros de 24-X-1920 e 7-IV-1921. Também ventilei a questão na *Revista de Língua Portuguesa,* núm. 9, pág. 160, ou cap. III dêste livro, e às autoridades que lá citei em favor da significação extensiva de *emérito,* pode *M. E. S.* ajuntar a de J. Vendryes num livro publicado o ano próximo passado com o título *Le Langage.* Diz, a páginas 232, êste eminente professor da Universidade de Paris: "L'adjec-"tif *émérite* s'est dit d'abord d'un fonctionnaire "qui prend sa retraite; par une imitation pé-"dante du latin, on appelait *professeur émérite* "ce que l'on désigne aujourd'hui du nom de "*professeur honoraire.* Mais on a interprété le "mot en y voyant surtout l'expression d'un "*mérite,* d'une éminente dignité; on dit au-"jourd'hui d'un professeur qu'il est *émérite,* "en voulant dire qu'il est *distingué.* C'est un "contresens, mais si bien établi qu'on parlera "sans scrupule d'un cavalier ou d'un aviateur "émérites. Maintenant que ce mot a élargi ses "emplois et s'introduit dans des contextes plus "variés, il a plus de chances de maintenir intact "le sens qui lui a été attribué par erreur."

XLIV

Equívocos. — Abuso do verbo pôr. — Etimologias de fantasia

A. M. N. copia de um romance a seguinte frase: — "Houve um momento de silêncio; Luís Nogueira, que se levantara da mesa, prestes já a defender o padre, foi o primeiro a rompê-*lo*" —, sublinha o pronome *lo*, e pergunta a que nome se refere.

A *silêncio*, penso eu, e não ao *padre*, pôsto que seja êste o substantivo imediatamente anterior. Singular *qüiproquó* proveniente — coisa freqüente em nossa língua — do emprêgo de um pronome. A equivocação pode mover a riso, como neste exemplo do romancista Camilo Castelo Branco, o qual pôs entre parênteses a palavra a que se refere o pronome relativo *que*: "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar

(o sobretudo), era dêle, como a borboleta é da chama,..." *(Doze casamentos felizes,* p. 18). Como se vê, a anfibologia da frase resulta de que há nela dois ou mais nomes a que se pode referir um mesmo pronome relativo, pessoal, possessivo ou demonstrativo. Evita-se às vezes a anfibologia, juntando-se o pronome *êle* aos nomes: "A razão por que *êle viso-rei* deu êste navio mais." (Barros, *Déc.* 2.ª, l. 2.º, cap. 5.º). — "Devia *êle Pate Unuz* cometer êste negócio." *(Déc.* 2.ª, 1. 9.º, cap. 5.º). — "Porque *êle Lopo Soares* sempre tinha mais respeito ao que lhe el-rei mandava." *(Déc.* 3.ª, l. 1.º, cap. 4.º). — "Desavindo *dêle Capitão." (Déc.* 3.ª, l. 2.º, cap. 2.º). Do mesmo modo, para maior clareza da oração, escreveu Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco: "Conhecia sòmente dos *Lusíadas* o poucachinho que era possível ver pelo infiel e baço reflexo da péssima tradução de Fanshaw em inglês, língua que *êle Voltaire* pouco mais sabia." (Garrett, Poema *Camões,* nota A ao canto primeiro). — "Disse-lhe um dia o primo que *êle Gregório* andava em pecado mofento." (Cam., *Coisas espantosas,* cap. II, p. 19). — "O abade respondeu que eram infundadas as nossas desconfianças: porquanto, no dia 11, em que João Pacheco perecera, estava Álvaro de Abreu na feira de S. Martinho em Penafiel com *êle abade* e com

as senhoras morgadas de Atei." (Id., *Gracejos que matam*, p. 54).

*
* *

Lendo o romance *Eusébio Macário,* de Camilo, notou o sr. *A. M. N.* a repetição *usque ad satietatem* de locuções com o verbo *pôr,* e, na carta que nos dirige, cita, entre outros, os seguintes lugares: "O sol *punha* nas paredes clareiras faiscantes, cruas." (P. 16). — "... e, às vezes, o Fístula tocava-lhe um fado que *punha* tremuras involuntárias nas nádegas do pai." (P. 21). — "Uivos longínquos de lôbo ouviam-se e *punham*-lhe vibrações na espinha, e um terror grande naquela imensa corda de serras,..." (P. 35).

Estes e os outros exemplos apontados por *A. M. N.* são, como digo, tirados do *Eusébio Macário,* um dos livros com que o Camilo imitou grotescamente os processos da escola realista. Como Edmundo e Júlio de Goncourt, como Huysmans, como Zola, chefe da escola naturalista, como Eça de Queiroz, aplica freqüentemente o Camilo, naquela novela, o verbo *pôr* a objectos inanimados: é uma das fórmulas favoritas dêsses escritores. Do autor do *Primo Basílio* e dos *Maias* podem ver-se exemplos a páginas 559 da monumental *Réplica* do sr. Rui Barbosa, que lhe censurou o emprêgo do

dito verbo, *espécie de tique, amiúde e como de espasmo reiterado no aliás formoso aspecto daquela prosa.* Agora veja o sr. *A. M. N.* que veio dos escritores naturalistas franceses o bordão e cacoete do verbo *pôr,* e nenhum dêles abusou mais que os Goncourt do verbo *mettre,* aplicado a um objecto imaterial ou inanimado: "Dissimulée derrière la couverture (d'un livre), la tresse noire rejoignait la tresse rose qui *mettait* comme un souffle de veloutine, comme un soupçon de fard japonais moderne, comme un adjuvant libertin, sur l'antique blancheur, sur la candide carnation du livre, et elle l'enlaçait, nouant, en une légère rosette, sa couleur sombre à la couleur claire, insinuant un discret avertissement de ce regret, une vague menace de cette tristesse qui succèdent aux transports éteints", etc. (Huysmans, *A rebours,* p. 262). — "Les assiettes *mettaient* sur le blanc de craie de la nappe des ronds d'un blanc plus jaune..." (Id., *En ménage,* p. 314). — "Une lampe allumée *mettait* un brasier de feu d'or..." (Goncourt, *Madame Gervaisais,* p. 164). — "...Le visage de la Faustin se détacha avec une toute petite touche carrée de vive lumière sur le front, avec une petite ligne de lumière humide au bord de la paupière inférieure et mettant un éclair mouillé dans le bas de la prunelle,

avec une cédille de lumière..." (Id., *La Faustin*, p. 174). — "Des lampes... *mettent* un peu de rougeoiement sur la table." *(La Fille Élisa*, p. 6). — "La lampe de l'escalier *mettait* sur l'humidité des murs un ruissellement rougeoyant." (Id., *ibid.*, p. 94).—"Les ombres des arbres *mettaient* de grandes taches diffuses..." (Id., *Les Frères Zemganno*, p. 10). — "Un rayon, filtrant par une fente mal jointe, *mettait* une danse poussiéreuse..." (Id., *ibid.*, p. 49). Etc., etc.

*
* *

Na parte final da sua carta, o sr. *A. M. N.* mete-se puerilmente a averiguar etimologias, e, a proposito de *cordonnier*, diz que talvez assim se chame. *parce qu'il donne des cors* (calos).

Deixe-se disso, senhor *Cordonnier*, de *cor* e do verbo *donner*, é etimologia de brincadeira, não de-veras: recorda a arte de etimologizar à antiga e como já ninguém se atreve a fazê-lo hoje que a etimologia não é um estudo quimérico como outrora, mas sciência precisa. Já estamos a enorme distância do tempo em que Voltaire, falando de Ménage, dizia da etimologia ser uma sciência em que as consoantes não valem nada e as vogais menos, ou viceversa.

Deixe-se, nestes estudos, de fantasiar e decifrar sonhos. Consulte os melhores etimologis-

tas franceses, como Darmesteter e Clédat, e êles lhe dirão, a respeito de *cordonnier,* que assim se chamou ao que trabalhava em cordovões ou coiros de Córdova. A princípio se disse *cordouanier,* cordovaneiro, surrador de cordovões, e depois, *cordonnier* por influência de *cordon.* É esta a origem do sapateiro dos Franceses. *Cordonnier,* de *cor,* é caso para se inscrever na lista daquelas velhas etimologias, fantásticas e jocosas, caídas hoje em completo descrédito, como *ancêtre,* de *ancien être, pourpoint* de *pour le poing,* "parce que c'est le poing qui y entre le premier." Quem quer que entenda um pouco de filologia moderna, não pode sem vergonha ignorar que *ancêtre* é o lat. *antecessor* (ant-cess-re, antcestre, ancestre, ancêtre) e que *pourpoint* é o substantivo participial do antigo verbo *pourpoindre,* composto de *pour* e *poindre.*

XLV

Cada e cada um. — Kinético. — Pleonasmos.

Da capital do estado de Pernambuco vem ao consultório da *Rev. de Ling. Port.* o sr. Norberto de Araújo. Não era preciso vir de tão longe e meter-se na despesa de uma carta estampilhada, quando lá no Recife podia ter batido à porta do ilustrado filólogo Dr. Júlio Pires, que, no *Jornal Pequeno,* redige uma secção de consultas gramaticais.

O sr. Norberto deseja ouvir o nosso parecer àcêrca de quatro coisas:

1.ª — "Estas jóias custam trinta libras *cada.*„

Não está bem. *Cada* é um adjectivo; deve ser *cada um,* que é pronome. Tratando do uso de *cada,* usado sem substantivo, em lugar de *cada um,* escreve Júlio Moreira: "Isto sucede principalmente na linguagem comercial,

que diz por exemplo: "Estas gravatas custam cinco tostões *cada.*" E' uma imitação do emprêgo que, no mesmo meio, tem o pronome francês *chaque* em vez de *chacun,* v. g.: "Ces chapeaux ont coûté vingt francs *chaque.*" *(Estudos da língua portuguesa,* vol. I, p. 51). Mas, em francês, expressões como: J'ai payé ces couteaux deux francs *chaque,* consideram-se viciosas. Deve-se dizer: *deux francs chacun.* A condenação vem de Littré, cuja competência é universalmente reconhecida: *"Chaque* ne doit pas se confondre avec *chacun; chaque* doit toujours se mettre avec un substantif auquel il a rapport; *chacun,* au contraire, s'emploie absolument et sans substantif. C'est une faute de dire: Ces chapeaux ont coûté vingt francs *chaque;* il faut vingt francs *chacun."* (Littré, *Dictionnaire,* art. Chaque, Remarque 1).

No *Journal des Goncourt* (t. VII, p. 316) vemos a incorrecção gramatical, assinalada pelo grande Littré, *chaque* por *chacun:* "Il a vu payer 90 francs *chaque* les deux derniers fauteuils..."

2ª. — "¿ Centro *kinético,* ou *cinético?*

O gr. *k* tem *c* como representante em latim e, por conseguinte, em português (*calipígia, cenotáfio, cinematógrafo, colosso, cubo*).

E', pois, abusivo escrever-se *kinético,* e esta forma defeituosa já foi censurada por João Ribeiro, como o sr. Norberto poderia ter lido nos *Autores contemporâneos,* nota 88: "A forma grega *kinética* — diz o ilustre crítico e professor — é um alemanismo que não está nos usos da nossa língua; devemos dizer *cinética,* porque transcrevemos ordinàriamente o *k* antes de *e* e *i* com o *c,* que nesta posição, segundo a nossa prosódia, é brando e eqüivale a *ç;* assim, pois, dizemos *c*iánico (e não *kyanico), c*ínico, *c*istite, leuco*c*ito, *c*etro *(ske*ptron), *c*ena (skene), *c*êptico (skeptikos), *c*epticismo, *c*iclo, *c*iclope, *C*iclades, hemi*c*iclo, etc. Além disto já é conhecida c usada a forma *c*inemática (e não *k*inemática)."

3.ª — "O velho médico *exultava de alegria."*

Abra o seu Dicionário de Aulete. Aí verá:

> *"Exultar,* v. intr. alegrar-se, regozijar-
> "-se; sentir e demonstrar grande júbilo,
> "grande alegria: O moiro *exulta* e freme
> "com a esperança recém-nada de sangue e
> "de vitória. (Garrett). Como queres que
> "não *exulte?* que não delire de alvorôço?
> "(Castilho). *Exulto* por ver a pátria em
> "liberdade."

E', pois, pleonástica a frase do consulente pernambucano. Basta dizer simplesmente *exultar*. Aos exemplos citados no *Dic. contemporâneo* ajuntarei mais dois: "Não viu o conde sair sua mulher. *Exultou* com a nova, que lhe levaram às suas tapadas, onde andava caçando." (Camilo, *A enjeitada,* cap. XXVI, p. 234).— O outro exemplo é de A. F. de Castilho naquela sentida ode *Cântico da noite,* nas *Estreias poético-musicais,* p. 77:

Se o penso... tremo, aterro-me.
Porém se ao Pai Supremo
remonto o meu espírito,
exulto; já não temo;
a alma lhe dou; reclino-me
no sono sem pavor.

4.ª — "Êle tinha achado a *panacea universal.*„

Também é pleonasmo, e dos mais comuns. *Panacea,* por si só, vale tanto como *remédio universal, que cura tudo* (do grego, *pan,* todo; *akos,* remédio). Não obstante, como o significado primitivo desta palavra não pertence ao nosso idioma, nem é de clara compreensão para a generalidade, esta circunstância torna aceitável a expressão. Por causa análoga, também se diz *abismo sem fundo, etimologia verdadeira,* frases em que entram por igual palavras de origem grega. A linguagem usual não toma muito em conta o sentido etimológico das pa-

lavras. — "O tempo é uma *panacea universal* para tôdas as chagas do coração e da vaidade." (Camilo, *Um homem de brios,* cap. XIII, p. 122, ediç. de 1869). Os Franceses igualmente ajuntam a *panacea* um cirenéu: *panacée universelle,* e também dizem *une mélancolie noire* (melancolia: *melas,* negro, e *kholê,* bile): "Il croyait avoir découvert la *panacée universelle.*" (E. Zola, *Le Docteur Pascal,* p. 42). — "Et quelle consternation, de penser qu'un jour prochain on serait peut-être privé de cet ail sauveur, guérisseur, de cette *panacée universelle* gardée dans les magasins du Gouvernement, à qui Costecalde reprochait de l'accaparer." (A. Daudet, *Port-Tarascon,* p. 187, Marpon et Flammarion, édit., s. d.) = E que consternação ao pensar em que, num dia próximo, se ficaria talvez privado dêste alho salvador, daquela *panacea universal* guardada nos armazéns do Govêrno, a que Costecalde censurava êsse monopólio. — "Et le pauvre malade, au coin du feu, ses pâles et maigres mains crispées au bras de son fauteuil, s'enfonçait, s'abîmait dans sa *noire mélancolie.*" (F. Coppée, *Contes rapides,* p. 42) = E o pobre doente, só, ao lado do fogão, com as mãos pálidas e magras crispadas no braço da poltrona, engolfava-se na sua negra melancolia.

XLVI

Galicismos e barbarismos de escrita ou cacografias do Camilo

Ao sr. *A. A. de A. S.* devo responder que, na sentida e profunda admiração que sempre votei a Camilo Castelo Branco, nunca dissimulei as suas incorrecções, nem fechei os olhos às suas negligências, singularidades e extravagâncias. No capítulo primeiro dêste volume, a propósito de traduções feitas pelo ilustre romancista, mostrei algumas faltas em que êle caiu. Não era, pois, preciso que o sr. *A. A. de A. S.* me apontasse, colhidos nos livros de Camilo, galicismos, que são os mesmos de que já o acusou Rui Barbosa a páginas 274 da sua *Réplica,* ou fantasias ortográficas, que são as mesmas já registadas por Cândido de Figueiredo no cap. XXIII do seu opúsculo *A cólera-morbo nas suas relações com a língua portuguesa.*

Em matéria de galicismos, meu senhor, todos pecamos, porque os mamámos com o leite. Ainda sabendo que são galicismos, êles escorrem-nos pela pena sem darmos fé. Nem os escritores mais puros logram livrar-se do extenso contágio francês que nos rodeia. Não podemos ser inimigos sistemáticos do galicismo. Alguns são necessários, e outros, menos úteis, estão já tão difundidos que hão de sobreviver aos furibundos puristas que os condenam.

Quanto à ortografia, diz o Sr. *A. A. de A. S.* que nela não era forte o grande Camilo, e eu acrescentarei que mais fortes do que êle, na escrita dos vocábulos, não eram os seus confrades de então, se é verdade que, no seu tempo, houvesse ortografia regular e fixa. Pelo que toca à ortografia, cada qual a deixava ao capricho da sua pena: a fantasia de cada um servia de regra e fazia lei. Pode um homem, e principalmente podia outrora, saber muito bem a sua língua, ser um grande escritor, e ter da ortografia sòmente vagas noções. Muito freqüentemente até, estes escritores parece não fazerem caso, não suspeitarem sequer a existência da ortografia, que adquiriu em nossos dias tão grande e extrema importância. A ortografia portuguesa ia-se tornando anárquica, amorfa, e para estabelecer uma norma oficial que

acabasse com tão lamentável estado de coisas é que se fêz a reforma simplificadora e unificadora de 1911, obra de uma junta de sumos filólogos como Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Júlio Moreira, José Joaquim Nunes e outros, — modêlo de sciência lingüística, de que se pode discordar apenas em particularidades mais ou menos secundárias e que ainda ninguém foi capaz de refutar com a seriedade que pede o assunto. Entre nós, fingem muitos não compreender a obra dos ortografistas portugueses, uns por cegueira voluntária, outros por falsa e rançosa erudição, outros ainda por preguiça de aprender não querendo mudar hábitos inveterados, outros porque são editores e se aferram à santa rotina por ignóbeis razões mercantis, outros emfim porque são apaixonados *chauvinistas,* patriotas exagerados e um tanto ridículos, e neste defeito a que chamam *nativismo,* teem ódio figadal ao estrangeiro, com especialidade ao português, enchem-se de ciúmes de nacionalidade muito mal cabidos na república das Letras, e de todos os lados surgem reformadores da ortografia, mas não logram entender-se uns aos outros, da mesma maneira que os operários da tôrre de Babel. Faço com o maior prazer uma declaração de justiça:

professores competentíssimos e bons filólogos como Silva Ramos, Floriano de Brito, José Oiticica, Antenor Nascentes, do Colégio de Pedro II, e Sousa da Silveira, da Escola Normal; escritores como Afrânio Peixoto, Amadeu Amaral, Filinto de Almeida e a sra. Júlia Lopes são partidários da reforma portuguesa da ortografia, e teem sustentado gloriosos combates contra o pedantismo e a cacografia actual e em pró da nobre causa, que é simultâneamente a causa da lingüística e do bom senso.

*
* *

Ao assinalarem descuidos nos livros de Camilo, não obedeceram Rui Barbosa e Cândido de Figueiredo a nenhum sentimento hostil ao grande romancista português, um dos mais sábios manejadores do nosso idioma em tôdas as épocas, e cujas obras, semelhantes aos bons vinhos, quanto mais se amontoa sôbre elas o pó dos anos, mais excelentes parecem à opinião da posteridade. O que ùnicamente pretenderam, foi mostrar que não há escritores infalíveis. E se o sr. *A. A. de A. S.* quer ver como os não há, folheie os dois volumes intitulados *Récréations* e *Nouvelles récréations littéraires* do au-

tor francês Alberto Cim (Paris, Librairie Hachette, édit., 1921) e divertir-se há com as singularidades, erros, inadvertências e lapsos que se encontram nos grandes escritores, como Corneille, Racine, Molière, Hugo, Lamartine, Balzac, Flaubert, Daudet, Zola, Michelet, Sainte-Beuve, e outros cujos livros saboreamos, estimamos e admiramos. *Errare humanum est.*

XLVII

Com de ou sem de

"¿Teatro S. Pedro ou Teatro *de* S. Pedro? — pergunta *A. P. V.*

Já tratei dêste caso ao responder a outro consulente da *Rev. de Ling. Port.;* mas parece-me não serem de todo desmerecidas as honras do bis.

Sustentei que o rigoroso e exacto, no ponto de vista da boa linguagem, é dizer-se com a partícula *de:* — *Colégio de Pedro II,* mas não neguei, nem nego que hoje em dia, por tendência à maior brevidade possível, por convenção e por imitação do francês, se exclui o *de: Colégio Pedro II, teatro Talia, teatro D. Amélia, teatro S. Pedro, teatro Cervantes, rua S. Francisco, rua Gonçalves Dias, rua Duque de Caxias, praça Tiradentes, Livraria Alves, Hotel Bragança, Banco Londres e Rio da Prata,* etc. Dá-se ás vezes o facto curioso de que o nome antigo é correcto com *de,* e o moderno é incor-

recto sem *de*. Assim é que, em Lisboa, há o *Teatro de D. Maria II* e o *Teatro D. Amélia*. Também é censurável suprimir-se a preposição *de* nas datas, mas muitos o fazem, e dizem que dispensam partículas por amor da concisão: *2 abril 1898*. Assim fazem os Franceses: nas datas em que figura o nome do mês, dizem, por abreviação, *le 10 mars, le 12 juin*, etc. Noutro tempo, porém, punha-se o *de: le 10 de mars, le 12 de juin*, e, no seu vastíssimo e laboriosíssimo Dicionário, diz o Littré que "Voltaire n'y manque jamais dans sa longue correspondance."

Para que semelhantes juxtaposições fossem admissíveis, seria preciso que os dois substantivos significassem um objecto idéntico. Para a correcção das formas *Teatro Camões, Colégio Pedro II*, seria necessário que *Camões* e *Pedro II* fossem já por si sós os nomes das coisas, e assim é que sucede irem os substantivos juxtapostos sem partícula alguma em exemplos como estes: *o amigo Carlos, minha irmã Maria, o soldado Pedro, o poeta Castilho, o rei Afonso, o imperador Augusto, o príncipe Alberto, o pintor Marcelo, a rainha Dido, o rio Tejo, o rio Reno, o monte Cáucaso*, e outros exemplos em que o substantivo se coloca ao lado de um nome próprio para indicar a categoria a que êste pertence. Ainda aqui, porém,

como o segundo substantivo singulariza o primeiro, o uso, em vários casos, igualou estes modificativos aos complementos, introduzindo a proposição *de:* a cidade *de* Roma, o reino *de* Portugal, a província *do* Minho, a ilha *de* Malta. O latim empregava habitualmente a aposição: *Urbs Roma, terra Italia, provincia Sicilia,* isto é, punha os dois nomes no mesmo caso. Encontra-se todavia a construção *Urbs Romae,* com o genitivo, construção que se tornou cada vez mais freqüente pelos fins do Império e que vingou nas línguas românicas. Nos nossos clássicos achamos exemplos como os seguintes: "O reino Melinde" (Camões, *Lus.,* II, 73). — "Na cidade Beja." (Id., *ibid.,* III, 64). — "Pela cidade Roma." (Filinto Elísio, *Fábulas,* II, 7). Na *Vida do Areebispo,* de Fr. L. de Sousa, ed. de Paris, 1760, liv. I, cap. XIV, lê-se: "Os moradores do *lugar Ruivães.*" Na edição rolandiana de 1850 está o *de: "lugar de Ruivães."* A construção usual, porém, é com *de*: a cidade *de Paris,* o mês *de* fevereiro, a hora *de* têrça, o nome *de* pai, o nome *de* Maria, o título *de* general. (1).

---

(1) Diz-se do mesmo modo: o ano *de* 1697, o ano *de* 1733; mas também se suprime o *de*: o ano 1770, o ano 1808, o ano 1840. — "Como quer que fosse, o casamento fêz-se no fim do ano 1821.„ (Camilo, *Livro de consolação,* cap. XVIII, p. 208).

Seria absurdo fazer-se menção do latim *urbs Roma* para se justificar a supressão da preposição *de* em *Teatro Camões, Colégio Pedro II, rua Garrett,* exemplos em que não ha aposição, e aos próprios filólogos franceses não lhes ocorreu alegar que a haja para se defenderem da supressão de *de*. O *de* suprimido nas designações das ruas, das festas religiosas, dos monumentos, dos edifícios, etc., êles o explicam como um resto do velho uso do genitivo subjectivo. O caso dos exemplos clássicos *cidade Roma, cidade Évora, a cidade Goa,* com exclusão da partícula, é distinto do de *Colégio Pedro* II ou *Praça Camões,* porque Pedro II e Camões não são os nomes especiais ou únicos das coisas, mas sim os apelidos do imperador do Brasil, destronado em 1889, e do célebre poeta português, autor dos *Lusíadas*. Por tal modo o que se quis foi perpetuar ou rememorar êsses nomes em testemunho de admiração e gratidão. Se a cidade não é de Sevilha, mas ela mesma é Sevilha, o mesmo não se pode dizer de *Praça Camões:* Camões não é praça, nem a praça é Camões.

— "... e a Zamperini, com a sua companhia, cantaram em Lisboa no ano 1770." (Id., *A sereia*, cap. I, p. 11). — "Decorreram estes sucessos até começo do ano 1807." (Id., *O demónio do ouro*, vol. II, cap. IV, p. 44).

É uso geral em França, nas denominações de ruas, casas e outras semelhantes, dizer-se *Rue Saint-Paul, Rue Sainte-Catherine, place Maubert, pont Alexandre, la gare Saint-Lazare, cours Saint-André, quai Malaquais, quai Saint-Michel, musée Napoléon, maison Hachette, église Saint-Pierre,* etc.; mas também lá temos *avenue de l'Opéra, avenue du Bois de Boulogne, place de la Concorde, pont de la Concorde, rue de la Paix, rue de Berlin, quartier du Marais, église de Notre-Dame.* Assim é, e qualquer gramática francesa nos ensina que só se tira a preposição quando é de *pessoa* o nome que segue os termos genéricos *quartier, rue, place, quai, église, château, palais,* e outros. Se hoje se diz, em Paris, *rue de Richelieu, rue de Buffon, rue de Morny,* quando noutro tempo se dizia *rue Richelieu, rue Buffon,* a razão não é outra senão porque aquele *de,* anteposto ao nome, é a partícula nobiliária que, no tempo do segundo Império, as autoridades entenderam dever restabelecer nas esquinas das ruas. Sempre se escreveu, porém, *rue Casimir Delavigne, rue Victor Cousin,* porque estes nomes são tomados a ilustrações burguesas.

A distinção rigorosa que o francês estabelece entre *rue La Fayette, place Maubert, boulevard Voltaire,* e *Avenue de la Gare, boule-*

vard de l'Hôpital, isto é, não dispensando o *de* senão antes dos nomes próprios de pessoas e empregando-o quando o regime é um nome de coisa, leva-nos a ver, em *rue La Fayette, place Maubert, boulevard Voltaire,* um dos numerosos vestígios e naturalmente uma extensão moderna do antigo uso de exprimir o genitivo possessivo pelo caso regime sem preposição, quando o segundo substantivo designava uma pessoa ou coisa personificada e era o sujeito lógico do primeiro: *la maison le roi,* e não *du roi; la mort Notre-Seigneur,* e não *de Notre-Seigneur; l'épée Roland,* e não *de Roland; les quatre fils Aimon,* e não *d'Aimon.* Esta construção persiste ainda na língua actual em certas locuções: *Hôtel-Dieu; Fête-Dieu; bain-Marie, Bois-le-Comte; Choisy-le-Roi; Bourg-la-Reine; la porte Saint-Martin,* etc. (1); mas,

---

(1) Entre as locuções que a língua francesa moderna conservou como restos da particularidade sintáctica medieval de se exprimir a relação de genitivo por meio do caso regime sem emprêgo nenhum de preposição, há uma em que os poetas franceses meteram a conjunção *et,* o que tira à frase todo o sentido: é *Montjoie Saint-Denis,* que significa *la Montjoie* (o lugar de martírio ou de júbilo) *de saint Denis.* O mestre Hugo em *Le Sacre de Charles X (Odes et Ballades,* III, p. 144) formula assim o grito de guerra dos Franceses durante a idade média:

Montjoye *et* Saint-Denis!

tendo-se tornado obscura, a inteligência popular transformou-a. Aludindo à transformação, que o povo fêz, da construção genitiva, expressa-se dêste feitio Michel Bréal, o eminente e douto criador da *Semântica:* "Em expressões como *la place Maubert, le quai Henri IV*, já não é um genitivo o que percebemos, mas *parece-nos* que pronunciamos o nome mesmo dessas vias públicas. Assim se formou uma construção que acabou por adquirir o maior desenvolvimento, e a que devemos a maioria dos nomes de nossas ruas e praças, sem falarmos das mil invenções da indústria: *La rue Montmartre, le boulevard Malesherbes, la place Victor Hugo,* etc. *Les plumes Saint-Pierre, les lampes Swan, benzine Colas, pastilles Géraudel,* etc."

A mesma conjunção *et* vamos encontrá-la noutros poetas, em Casimiro Delavigne, por exemplo, no seu drama *Luís XI*, III, 13:

Montjoie *et* Saint-Denis! Dunois, à nous les chances!

"*La Mont-joie Saint Denis,* ou, simplement, *la Mont-joie,* était le nom de la colline près Paris o saint Denis subit le martyre; ainsi dite, parce qu'un lieu de martyre était un lieu de joie pour le saint qui recevait sa récompense. La *Mont-joie Saint-Denis* signifie la *Mont-joie* de saint Denis, selon l'ancienne règle qui rendait le génitif latin par le cas oblique." — Isto diz o Littré no seu notabilíssimo *Dicionário da língua francesa*, art. *Mont-joie*. Foram as necessidades da prosódia, a elisão do *e* final de *Mont-joie* que obrigaram os poetas franceses a viciar a locução e a torná-la um contra-senso.

Para terminar a minha resposta ao Sr. *A. P. V.*, dou-lhe de conselho que recorra a Epifânio Dias, *Sintaxe histórica portuguesa,* pag. 130, *Gramática portuguesa elementar,* pag. 100, e *Sintaxe francesa,* pag. 195; — a J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa,* pag. 379 e seguintes; — e a Cândido de Figueiredo, *O que se não deve dizer,* vol. III, cap. 44 e cap. 114. Verá que as formas genuínamente portuguesas e de acôrdo com as tradições da língua são *Liceu de Camões, Colégio de S. Paulo, Teatro da República, Rua de Racine, Rua de Herculano, cais de Voltaire, praça de Maubert,* e que a omissão da preposição *de* é modernice e tem ressaibo francês. O espanhol, nestes casos, também usa *de: calle de Toledo, calle de Cervantes, calle de San Pablo, paseo de Colón, paseo de San Andrés, plaza de Bolívar, glorieta de S. Bernardo, iglesia de S. José, hospital de S. Juan de Dios, Academia de S. Fernando, Teatro de Tirso,* e os seus melhores gramáticos reputam incorrecção o omitir-se a partícula, falando-se ou escrevendo-se castelhano puro e limpo, nas denominações que denotam propriedade, possessão ou título: *Teatro Tirso, Teatro Lara, Teatro Martin,* e outros.

Nas citações que faço em seguida, talvez que me censurem por me exceder em apresentar exemplos das autoridades vernáculas, que comprovam a legitimidade da preposição *de;* mas isso é necessário quando é tão tenaz a porfia dos que nem compreendem as regras gramaticais nem conhecem a índole do português:

"E passam a sua vida entre o Chiado, a rua do Oiro e o teatro *de* S. Carlos." (Almeida Garrett, *Viagens na minha terra,* t. I, cap. VII, p. 61). — "O lugar da scena era um aposento modesto, mas decentemente adereçado, na rua *de* D. Mafalda." (Alex. Herculano, *O monge de Cister,* t. I, cap. XIII, p. 255). — "... o jornalista pela terceira vez procurava Guilherme do Amaral, em Lisboa, rua *de* S. Francisco, hotel *de* Itália." (Camilo, *Onde está a felicidade,* cap. XXVIII, p. 235). — "Os seus amigos disseram-lhe que o mais acertado era mandá-la para o hospital *de* S. José, em Lisboa, onde era freqüente o curativo dos doidos." (Id., *A filha do doutor Negro,* cap. XXIV, p. 241). — "Em 1846, um lavrador de Vairão procurou Albertina no hospital *de* S. Francisco, e disse-lhe..." (Id., *ibid.,* p. 245). — "Volvidos treze anos, vi v. exc.ª no teatro *de* D. Maria dirigindo os ensaios de um esboceto dramático que eu chamei *O último acto,* e o público

razoàvelmente considerou a lacrimável sensaboria do último romântico." (Id., *Narcóticos,* vol. II, p. 285). — "Convém, primeiro, saber quem é êste cavalheiro, que salta garbosamente de uma carruagem com uma dama vestida de branco, defronte do teatro *de* S. Carlos, em Lisboa, em uma noite de fevereiro de 1838). (Id., *A neta do arcediago,* cap. I, p. 5). — "... disse que, chegado ao teatro *de* S. João, vira Laura num camarote da primeira ordem com o pai e João de Campos." (Id., *A mulher fatal,* cap. VI, p. 107). — "Pois à duodécima carta é que o meu amigo, já no gume da desesperação, obteve uma entrevista em Sintra no hotel *do* Vítor." (Id., *ibid.,* cap. X, p. 195). — "... saiu da casa da mãe, e foi morar no Hotel *de* Bragança." (Id., *O carrasco de Vítor Hugo José Alves,* cap. XI, p. 166). — "... um carroção que despejava as últimas dez pessoas da terceira família em uma casa da rua *de* Santo António." (Id., *O sangue,* introd. p. 19). — "Antes de ontem, tirei-me dos meus cuidados, e fui-lhe na pista muito à socapa. Levei-o de ôlho até à rua *de* Santa Bárbara, e lá esgueirou-se-me." (Id., *Amor de Salvação,* cap. XVII, p. 190).—"Um dia encontrei-o na rua *de* S. José." (Machado de Assis, *Páginas recolhidas,* p. 32).—"Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou pela rua *de* S. Pedro e meteu-se

pelo Aterrado acima." (Id., *ibid.*, p. 35).—"No primeiro domingo, Santos pegou em si, e foi à casa do doutor Plácido, rua *do* Senador Vergueiro, uma casa baixa, de três janelas, com muito terreno para o lado do mar." (Id., *Esaú e Jacó,* cap. XI, p. 39). — "O imperador fôra ao teatro *de* S. Pedro de Alcântara." (Id., *ibid.*, cap. LXIV, p. 203). — "A rua *de* S. Clemente era o caminho que o levava e trazia da Repartição." (Id., *ibid.*, cap. XCV, p. 291). — "Assim os encontrei há dias na rua *de* Ipiranga, eram cinco horas da tarde." (Id., *Memorial de Aires,* p. 119). — "Uma noite, há muitos anos, passeava eu com um amigo no terraço do teatro *de* S. Pedro de Alcântara." (Id., *Relíquias de casa velha,* p. 81). — "Morava na rua *de* D. Manuel. Uma de suas raras distracções era ir ao teatro *de* S. Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia." (Id., *Várias histórias,* p. 118). Etc., etc.

P. S. — O presente artigo mereceu a um douto e elegantíssimo escritor português, que trabalha pelos interêsses da sua língua, — o sr. Agostinho de Campos — a carta que em seguida transcrevemos e datada em Lisboa aos 3 de março de 1922:

"Exmo. Sr. Prof. Mário Barreto e meu pre-
"zado amigo,

"Muito bem fêz v. exc.ª em enviar-me um
"exemplar do seu artigo *Com "de" ou sem "de"*
"— o mais doutrinal que sôbre o assunto tenho
"visto. Tem graça esta coïncidência: Um dos
"exemplos que v. exc.ª cita é *Liceu de Camões.*
"Ora o Liceu de Camões, sito aqui em Lisboa,
"tem o seu edifício novo mandado construir
"por mim há uns dez anos, quando fui director
"da Instrução Pública. Antigamente os nossos
"liceus não tinham estas designações pessoais
"que agora usam, em honra dos nossos grandes
"homens. O *de Camões* foi, por decreto, auto-
"rizado a usar dêsse título, ao mesmo tempo
"que o *de Passos Manuel;* e no decreto, apre-
"ciada a proposta dos reitores pelo Conselho
"Superior de Instrução Pública, de que faziam
"parte José Maria Rodrigues, Jaime Moniz e
"outros *paladinos da Linguagem,* lá estavam
"os *de* muito direitinhos, no seu lugar. Mas o
"arquitecto, Ventura Terra, não era *paladino*
"e esqueceu-se do *de,* donde resultou que, uma
"vez que eu fui visitar as obras, descobri com
"indignação que as letras, gravadas em gran-
"des pedras, que seriam colocadas no alto da
"frontaria, diziam apenas LICEU CAMÕES. Es-
"cuso de dizer-lhe que mandei inutilizar o tra-

"balho mal feito, e consegui que tudo se per-
"desse, menos a honra vernácula.

"Outra observação que fiz comigo, ao ler o
"belo e instrutivo artigo, tão compendioso, e
"ao conjecturar que em breve o teremos in-
"cluído em novo tômo de *Estudos da Língua*
"Portuguesa — é que estes não teem índice
"remissivo, que auxilie a consulta dos que pre-
"cisam de aprender nesse tesouro de conselho
"e informação. E assim acontece, infelizmente,
"com muitos outros livros semelhantes, portu-
"gueses e brasileiros. Tanta matéria de bom
"ensino, que lá está, frutifica muito menos do
"que podia e devia, porque a verdade é que,
"às duas por três, sobretudo quando a obra
"é volumosa, nem o próprio Autor saberá en-
"contrar o que lá está. O Aubrey Bell, no seu
"recente e excelente livro *Portuguese Litera-*
"ture, diz, falando, a pág. 16, da *Hist. da Lit.*
"Portuguesa, de Mendes dos Remédios, que é
"a única metódica, *since it contains that rarity*
"in Portuguese literature: *an index*. E tem ra-
"zão. ¿E a mole de ensinamento que assim se
"encontra enterrada profundamente nas nossas
"revistas, como a *Lusitana* e já a *de Língua*
"Portuguesa? Estou certo de que muitos escri-
"tores jovens seriam mais correctos e mais ver-

"náculos, se a obra tão benemérita dos eruditos
"lhes fosse mais acessível. Afectuosos cumpri-
"mentos do amigo e admirador

"Agostinho de Campos."

XLVIII

Verbos transitivos e intransitivos. — Substantivos e adjectivos. — Parecido a e parecido com. — Carrasco e verdugo. — Saluço e soluço. — Eriçar e ouriçar. — Caça e caçar. — Verbos em uar e em ficar.

1. — Tendo lido nos *Lusíadas,* cant. VI, est. 48, os seguintes versos:

> Êste, que socorrer-*lhe* não queria,
> Por não causar discórdias intestinas,
> Lhe diz: ...

pergunta o sr. C. Lôbo se o verbo *socorrer* é transitivo ou intransitivo.

Hoje dizemos: "Êste (o duque de Alencastro) que não queria socorrê-*las,* para não causar discórdias intestinas, diz-lhes...", e os exemplos dos escritores modernos apresentam o verbo *socorrer* como transitivo: "... repartir aos pobres as esmolas, com que a caridade pública *os socorria.*" (Rebêlo da Silva, *História de Portugal,* t. II, p. 360). — "A Igreja, sôbre socorrer *seus filhos,* velava ainda os miseráveis da religião inimiga." (Camilo, *Os*

Mártires, vol. II, p. 223). — "... dava o dinheiro a D. Ana Vaz, dizendo-lhe que uma ilustre dama, que a conhecera na abastança, lhe pedia licença para *a* socorrer em tão honrada quanto penosa viùvez." (ID., *Livro de consolação,* cap. XXIII, p. 266). — "Eu quis socorrê-*la;* não aceitou os meus favores." (ID., *Onde está a felicidade,* cap. XXX, p. 260).

Em linguagem arcaica, porém, — herança do latim — era freqüente a construção de que usou Camões com o dativo, como na velha língua do Lácio: *Non ignara mali* MISERIS *succurrere disco,* — diz a rainha Dido ao oferecer hospitalidade ao Capitão Eneas e aos seus companheiros de exílio. Em português moderno empregamos *socorrer* com regime directo, de modo que a oração pode sem violência converter-se em passiva: *Eu socorro os necessitados = Os necessitados são socorridos por mim* (1).

---

(1) A construção passiva é, as mais das vezes, pedra de tocar para comprovar o carácter transitivo do verbo; mas há verbos que, a-pesar-de serem puramente intransitivos, admitem a construção passiva. Assim é que se diz: *obedecer a alguém, responder a uma carta, apelar da sentença. Fulano aludiu a mim, aludia ao marido defunto, perdoar a alguem, perdoar a um ingrato, eu perdoo-lhe a você, Deus lhe perdôe,* e contudo isso se diz: *Quero ser obedecido; sereis obedecida, minha senhora; cartas respondidas, a sentença apelada, a pessoa aludida não estava presente, creio-me perdoado, quiseram que a mulher fosse perdoada.*

Em latim o verbo *nocere* é intransitivo, com dativo: *noceo patri, nocere alicui*, e da mesma maneira, em francês, *nuire* com regime precedido da preposição *à: je nuis à mon père, nuire à quelqu'un, cela nuit à mon projet.*

Nos exemplos, que em seguida copiamos, de dois dos mais abalisados escritores do século áureo da língua portuguesa, vê-se o verbo *prejudicar* com objecto indirecto, — regência hoje desusada: "Durou a fúria do incêndio e tormenta não por algumas horas, como outras vezes acontecera, mas, sem cessar, três dias e três noites contínuas, que é o que se nunca viu naquelas partes. No qual tempo os nossos, retirando-se com os navios quanto bastava para *lhes* não prejudicar a chuva da cinza, estiveram a la mira, vendo pelejar a Deus." (Padre João de Lucena, *História da Vida do P. Francisco de Xavier,* liv. IV, cap. XI, ed. Sousa Farinha, Lisboa, 1788, em 4 vols.). — "Mas como pai, e verdadeiro conhecedor do que nos mais cumpre, passa por nossos desagradecimentos, e baixos desejos como por desordenados apetites de doentes, e frenéticos, que não suspiram senão pelo que mais *lhe prejudica,* e dá-nos o que importa pera não perdermos os verdadeiros bens pera que nos criou, e pera êle ser em suas criaturas mais glorificado." (Frei Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus,* p. XXII, ed. do

esclarecido bibliógrafo Inocêncio F. da Silva, Lisboa, 1865, 2 t. em 1 vol.).

Está vendo o sr. C. Lôbo que, na evolução de uma mesma língua, as construções se trocam, os verbos intransitivos se tornam transitivos ou recìprocamente. Em latim *mederi* regeu, primeiro, o acusativo, depois o dativo *(mederi oculos, mederi oculis)*. Ainda há mais: de uma língua para outra, a mesma idea pode exprimir-se ora por um verbo transitivo, ora por um verbo intransitivo. O francês diz: *J'ai payé le cordonnier* (a pessoa em acusativo). Nós pomos em dativo a pessoa a quem se paga alguma coisa: *Paguei ao sapateiro.* — *On le payait pour se taire* = pagavam-*lhe* para que se calasse. "Tout cela est fort joli, fort poétique, mais ce n'est pas avec cette monnaie qu'on paye les créanciers." (A. Dumas Junior, *A dama das camélias*, cap. XVIII) = Tudo isso é muito bonito, muito poético, mas não é moeda com que se pague *aos crèdores.* — O francês diz *Ne le grondez pas,* e nós outros: *Não ralhe com êle.* — "Il lui parla le langage d'une raison à la fois tendre et enjouée, *la* gronda un peu, l'embrassa beaucoup,..." (Octávio Feuillet, *Un mariage dans le monde,* cap. VI) = Falou-lhe a linguagem da razão, a um tempo jovial e terna, *ralhou com ela* um poucachinho, beijou-a muito,...

Em francês, o verbo *battre* é transitivo, pede regime directo sem preposição: *Ne le battez pas.* Em português, porém, dizemos: *Não lhe bata.* Diz-se também em francês: *Elle la remercia d'un coup d'œil;* e em português: Agradeceu-*lhe* com um volver de olhos.

Estes e outros semelhantes exemplos mostram o qnanto é freqüente encontrar-se, numa língua, distinto caso que em outra.

*
* *

2. — Pergunta mais o sr. Lôbo qual das duas palavras, nos exemplos seguintes, faz de adjectivo: "Menino-rei" e "rei-menino."

Semelhantes a estes exemplos, temos outros em que, por aposição, se diz: *Filosofo-rei, rei-filósofo, rei-papa, papa-rei,* etc.

A segunda palavra de cada expressão representa o papel de adjectivo em relação à primeira. Quem fala considera, antes de tudo, no primeiro caso a categoria dos meninos, e no segundo a dos reis. São dois pontos de vista diferentes.

A mesma palavra pode ter os dois empregos, de substantivo e de adjectivo (1). Compa-

(1) Às vezes adjectivos são antigos substantivos. Em latim *uber,* fecundo, outra coisa não é que o substantivo *uber,* mama, peito, têta, adjectivado. Este emprêgo originou-se de construções como *ager uber,*

remos por exemplo: "Os feridos alemães" e "os Alemães feridos", "um inglês afogado" e "um afogado inglês", "um jovem velho" e "um velho jovem", etc.

Não há dúvida que as primeiras palavras de cada série são substantivos, e as segundas adjectivos. A diferença está no ponto de vista. Se considerarmos o conjunto dos feridos, distinguiremos grupos de nacionalidades diversas e diremos *feridos* alemães, franceses, russos, etc. Se considerarmos o conjunto dos soldados alemães, distinguiremos grupos de mortos, de feridos, de extraviados, de válidos, etc., e diremos *Alemães* feridos, mortos, etc.

*
* *

3. — *¿ Parecido a,* ou *parecido com?*

Parecer-se a é regência hoje antiquada. Pode vê-la o sr. Lôbo em Lucena, *Vida do Padre Francisco de Xavier,* liv. I, cap. II: "Nem sentia, nem falava bem de Inácio, que assim per-

---

"um campo que é têta„, isto é que produz em abundância e que nutre. A innovação consistiu em dar ao substantivo a flexão múltipla dos adjectivos: em vez de *agri ubera,* em que o segundo substantivo está em aposição ao primeiro, diz-se *agri uberes.* A ambigüidade de concordâncias tais como *arua ubera* facilitava a innovação.

mitiu Deus tivesse naqueles primeiros anos alguma cousa de Saulo, pera que em tudo se parecesse *a* Paulo."

Já na prosa admirável da *Nova Floresta* e dos outros livros do padre Manuel Bernardes, o qual nasceu meio século depois de Lucena, acharemos exemplos de *parecer-se com:* "Também em sua aceleração e violência se parece *com* os mares de Cambaia, junto às fozes do rio Indo." (*N. Flor.,* V, 419). — "O iracundo parece-se *com* a arma de fogo." (*Ibid.,* 420). — "Ridículos são os homens emquanto não levantam o pensamento destas coisas caducas às eternas, e parecem-se *com meninos* brigando sôbre a metade de uma maçã, e daí a pouco amigos por um alfinete." (*Exercícios espirituais,* I, 246).

Embore se encontre em Rebêlo da Silva um *parecido a Luís XIV* no prólogo da primeira edição d-*A mocidade de D. João V,* e ainda que assim se diga em espanhol (*yo no me parezco en nada á las otras mujeres; — su sueño parecíase á la muerte; — se parecía á su padre*), é certo que em nossa linguagem moderna o usual é *parecer-se com, parecido com:* "Angela, à volta dos doze anos, prometia extraordinária beleza, sem todavia se parecer *com* a mãe." (Camilo, *A filha do regicida,* cap. XXIV, p. 208). — "Parecia-se

muito *com* o pai, era tal qual." (Id., *ibid.*, p. 244). — "D. Leonor não gostava de ouvir dizer que Augusto se parecia *com* o pai." (Id., *Coisas espantosas*, cap. VIII, p. 54). — "Parece-se muito *com* sua mãe." (Id., *A Formosa Lusitânia*, p. 167). — "... de uma enseada parecida *com* a do Rio-de-Janeiro." (Machado de Assis, *Memorial de Aires*, p. 101). Etc., etc.

*
* *

4. — O sr. C. Lôbo deseja saber se *carrasco* tem feminino, mudando o *o* por *a: carrasca*.

Carrasco é um exemplo do processo que, em semântica, se chama *ampliação:* umas vezes um sentido que é particular, generaliza-se; outras vezes, o que é geral, particulariza-se. *Carrasco* era um nome próprio (1) e, por isso, particular; a sua missão, porém, tornou-o genérico, e, dêste modo, ficaram sendo *carrascos* todos aqueles que em si resumiam a noção do que era fero e desumano.

Os dicionários portugueses só dão a esta palavra o género masculino, e, como outros substantivos, é sempre do mesmo género, quer se

---

(1) O sr. Lôbo pode ler isto no *Dic. etim.* de F. Adolfo Coelho: "Segundo Bluteau, os algozes receberam o nome de *carrasco* desde que teve êsse emprêgo, em Lisboa, Belchior Nunes *Carrasco.*„

refira a homens, quer a mulheres. O correcto é *carrasco,* ainda falando de uma mulher. Veja o sr. Lôbo êste exemplo de Camilo Castelo Branco no romance histórico *A filha do regicida,* cap. XXVI, p. 215, ediç. de 1875: "...; mas o que tenho colhido das revelações de Ângela é que sua mãe sofrera aviltadores desprezos, e atravessou horrendas noites depois que fr. Gaspar entrou à casa capitular apontando-a como *carrasco* de seu marido."

O feminino *carrasca* é formação não autorizada na língua literária; mas o vulgo, levado do pendor que o inclina a acomodar a forma ao sexo, dá a palavras como *carrasco* duas terminações, segundo o modêlo de *menino menina, senhor senhora, filho filha, pombo pomba, gato gata.* E' o que se vê na seguinte passagem, em que fala uma criada por nome Maresia: "Se Dorida me não manda para a minha terra, sou capaz de me enforcar pelas minhas mãos; pois antes quero ser eu *carrasca* de mim mesma, que dar êsse gôsto a Caranguejo." (António José, *As Variedades de Proteo,* segunda parte, scena II, edição de João Ribeiro, tom. IV, p. 65).

Outra feminização, na linguagem vulgar, é *verduga.* O romancista espanhol Pérez Galdós põe êste feminino na bôca de uma mulher que diz a outra num diálogo: "Claro, quería que

fuéramos *verdugas* de la infeliz señorita." E a outra corrige: "*Verdugos* se dice." *(Realidad,* p. 162).

Numa das scenas ridentíssimas da *Esopaida,* outra ópera, ou comédia, do judeu, há o feminino *pássara* (uma águia): "¿Vocês não vêem *a pássara,* que anda voando de verdade?" (Primeira parte, sc. VIII, t. I, p. 237 da citada edição dirigida por João Ribeiro). Camilo Castelo Branco, na análise inclemente que fêz da brochura da Princesa Rattazzi — *Portugal à vol d'oiseau,* traduziu, por troça, *Portugal a vôo de pássara...* A *pássara,* para o polemista ardente, era a sra. Rattazzi.

*
* *

5. — *Soluço* e *saluço.*

Muitos que teem feito edições dos *Lusíadas,* adoptando o princípio absurdo de modernizar uma obra antiga, entenderam que deviam corrigir *saluço,* forma arcaica e ainda hoje popular, para *soluço* no v. 2 da est. 43 do cant. II:

> E co seu apertando o rosto amado,
> Que os *saluços* e lágrimas aumenta,
> . . . . . .

Na edição de Epifânio Dias e na da Sra. C. Michaëlis de Vasconcellos, nas quais as formas

se transcrevem com escrupulosa exactidão, porque assim o pede a fidelidade, achará o sr. Lôbo *saluço,* e não *soluço.* Num grande prosador português do século 16.º, — Frei Heitor Pinto, encontramos repetidamente o verbo *saluçar:* "Lê os seus salmos, e verás quantas vezes suspirava e *saluçava* por ela." *(Diálogo da lembrança da morte,* cap. V). — "...gemiam, *saluçavam,* e lamentavam o tempo, que perderam." (*Diálogo da tranqüilidade da vida,* cap. XV).

Saluçar é efeito de dissimilação de vogais, como outras palavras em que temos *sa,* de *sub* antes de *o, u: succutere,* sacudir; a forma hipotética *subglutiare (singultire),* saluçar, etc. etc. Cfr., em castelhano, *chapodar,* do lat. *supputare,* de *sub* e *putare;* — *zahondar,* de *sub* e *fundare,* de *fundus;* — *zabullir,* de *subbullire,* de *sub* e *bullire,* ferver.

Francisco Gomes de Amorim, na sua deplorável edição dos *Lusíadas* (Lisboa, 1889, 2 vols.) é um dos que emendam *saluço* em soluço, e censura os que manteem a forma de que usou o Poeta. *Que lhes preste!* — diz irònicamente Gomes de Amorim. Presta-nos muito, pois casos dêstes podem servir de proveitosa lição nas aulas, proporcionando ao mestre ensejo de doutrinar os seus alunos na evolução fonética e ortográfica de nossa língua.

*
* *

6. — *¿ Eriçar ou ouriçar?*

Temos *eriçar,* do lat. *ericius,* e *ouriçar,* de *ouriço.* O lat. é *ericius,* como dizemos, mas houve contaminação da palavra *ouro,* que o modificou em *ouriço.* Da forma *ouriçar* usaram António Feliciano e José Feliciano de Castilho: "O pior é que no mundo não há questão mais complicada, nem mais crespa e *ouriçada* de dúvidas, que esta dos salários." (A. F. de Castilho, *Colóquios aldeões,* p. 181, ediç. de 1879). — "Outra utopia há, porém, *ouriçada* de dificuldades,..." (José de Castilho, *Ortografia port. e missão dos livros elementares,* p. 66, ediç. de 1860).

*
* *

7. — *Caçar* não se deriva de *caça,* mas, pelo contrário, *caça* vem de *caçar. Caça* pertence à classe dos *nomes verbais,* i. é os que trazem a sua origem de algum verbo. Grande número de substantivos verbais resultam de trocar as terminações *ar, er, ir,* pelas vogais *a, e, o: Poda, sega, mescla, queixa, dança, queima,*

cria (1), *ataque, baile, embarque, toque, retumbo, denôdo, amparo, arrimo, agasalho.* No rol dêstes nomes posverbais deve entrar *caça,* de *caçar*. Para que o consulente tire a dúvida de se a palavra primitiva é o verbo ou, antes, o nome, saiba que, se o substantivo denota acção, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objecto ou substância, se verificará o contrário. Claro está, pois, que *apelido, golpe, azeite, armazém, arquivo, azougue, caminho, fuzil, estribo, escudo, timbre,* são os primitivos donde procedem *apelidar, golpear, azeitar, armazenar, arquivar, azougar, caminhar, fuzilar, estribar, escudar, timbrar;* ao passo que *busca* vem de *buscar,* e *caça,* de *caçar*. *Caçar* procede de uma forma vulgar *captiare,* derivada do clássico *cápere,* tomar. Com a terminação *çar* temos alguns verbos, como *aguçar, alçar, caçar, traçar,* etc., que se não podem explicar pela derivação portuguesa, nem têm igualmente, no latim clássico, verbos de que se tenham formado; e a razão é porque procedem do latim vulgar, que formou derivados de adjectivos e particípios em *tus* com o sufixo *iare:* de *acutus,*

---

(1) *Cria* é posverbal de *criar,* mas, concretizado, significa o animal emquanto se está criando: *a cria de uma ovelha.*

acutiare, aguçar; de *altus, altiare,* alçar; de *captus, captiare,* caçar; de *tractus,* e êste de *trahere,* trazer, *tractiare,* traçar.

* * *

8. — Entre os verbos em *uar* citados pelo sr. Lôbo, uns como *accentuar, continuar, habituar* e *insinuar,* procedem dos latinos *accentuare, continuare, habituare* e *insinuare;* e outros que à semelhança dêstes formámos: *actuar, conccituar, efeituar, graduar, pontuar, situar,* derivando-os não de *acto, conceito,* etc., mas sim dos substantivos latinos *actus, conceptus, effectus, gradus, punctus, situs,* todos da quarta declinação, do mesmo modo que os temas de que derivam os verbos latinos em *uare.*

*
* *

9. — Quanto aos verbos em *ficar* ou melhor em *ificar,* devo dizer ao consulente que a sua origem está nisto: De adjectivos acabados em *ficus* (de *facio,* eu faço), como *pacificus* e *sanctificus,* formou o latim da decadência verbos em *-ificare,* como *pacificare* e *sanctificare,* donde os nossos *pacificar* e *santificar,* de que são formas vulgares *apaziguar* e *santiguar.* A língua literária tomou como sufixo aquela

terminação, e formou verbos causativos em *ificar,* derivando-os de substantivos e de adjectivos: *estratificar, ossificar, mumificar, especificar, personificar, ramificar, diversificar, dulcificar, qualificar, verificar, amplificar,* etc.

Do lat. *codex, icis,* formámos *codificar,* e não *codicificar;* e de *identicus,* latim escolástico, derivado do pronome *idem,* formou-se *identificar.*

A respeito dos verbos a que acima nos referimos, *apaziguar* e *santiguar,* diz Frederico Diez. *Wort.,* II: "*Santiguar* vem de *sanctificare,* como *amortiguar* de *mortificare,* como *apaziguar* de *pacificare,* como *averiguar* de *verificare.*" Dois dêles são obsoletos, *amortiguar* e *santiguar.* Houve metátese e vocalização da contínua *f* (*gu* em lugar de *vg*). A gradação fonética teve de ser *verificare, verifigar, verifgar, verivgar, verigvar, veriguar.*

FIM DO TÔMO SEGUNDO

ÍNDICE

DEDICATÓRIA 5

CAPÍTULO XV

Acusativo tácito. — Bancarroteiro. — Verbos defectivos 7

CAPÍTULO XVI

Avisar. — Aconselhar. — Informar..... 11

CAPÍTULO XVII

Proposições elípticas 19

CAPÍTULO XVIII

Corar, com *o* aberto átono..... 23

CAPÍTULO XIX

Pantano. — Aza. — Preza. — Ouvir. — Couve. — *Dura* e *duração*. — Estrangeiro. — Isolar 27

CAPÍTULO XX

Todo-poder. — Universal. — Tríduo. — Exhuberância. — *Estático* e *extático*. — Aerómetro, areómetro. — Complot. — Casos de elipse. — Constipação..... 45

CAPÍTULO XXI

Êle e *si*..... 53

CAPÍTULO XXII

Não tenho outro amigo *senão tu*, ou *senão a ti* 55

CAPÍTULO XXIII

Noyer, étouffer. — Confesser, avouer. — Encourir. — Se gratter la tête. — Tous les deux jours 59

CAPÍTULO XXIV

Croup. — Coqueluche. — Os ossos do tarso. — Laríngeo, faríngeo 65

CAPÍTULO XXV

Acertar 69

CAPÍTULO XXVI

Fazer pedaços. — Cataclismo. — O Marna.... 73

CAPÍTULO XXVII

Frase coxa. — O particípio de futuro passivo 77

CAPÍTULO XXVIII

Ortografia 81

CAPÍTULO XXIX

Lendo uma selecta 85

CAPÍTULO XXX

Declinar. — Responder. — Concordância do verbo. — Na melhor boa fé. — *Mais*, antes de *bom* e *mau*. — Decapitar 105

CAPÍTULO XXXI

Fazer, em orações impessoais. — Construção que se formou por confusão de distintos modelos: *não obstante de seus esforços* (influi *a-pesar-de*). — *Neblina* e *nebrina*. — *Pretenção* e *pretensão*..... 117

CAPÍTULO XXXII

Supervivente e *sobrevivente*. — Cacofonias. — *Estilo*, não *estylo* 125

CAPÍTULO XXXIII

Si (pronome) no tratamento familiar da 2.ª pessoa. — Banal. — Assassinato. — Visar.. 133

CAPÍTULO XXXIV

Silenciar. — Mongibello. — Diversos nomes árabes 141

CAPÍTULO XXXV

Câncer e *cancro*. — Plural *cânceres*. — *De* indicando objecto ou matéria de que se trata ou fala (*àcêrca* ou *a respeito de*)..... 145

CAPÍTULO XXXVI

Convalescença e *convalescência*. — *Mortalidade* e *mortandade*. — Indemnizar. — Mimosear. — Eleição em... 153

CAPÍTULO XXXVII

Incredibilíssimo. — Devido. — *Por amor de*, locução em que *amor* toma o sentido de *causa*. — Muezin. — Etimologias.... 161

CAPÍTULO XXXVIII

Um *l* em *coutclier* e dois em *coutellerie*. — O verbo italiano *uscire*..... 167

CAPÍTULO XXXIX

Orações de *que* comparativo 171

CAPÍTULO XL

"*Ao saber* a fatal notícia, perdeu os sentidos", e "*a saber* eu a fatal notícia, teria procedido de outro modo". — Competência da juxtaposição com o regime..... 179

CAPÍTULO XLI

Emprestar e *pedir emprestado*. — Género dos nomes próprios de cidades. — Proposições relativas coordenadas..... 185

CAPÍTULO XLII

Os adjectivos normalmente não são termos de preposição 193

CAPÍTULO XLIII

Fixar alguém. — Injectado. — Emérito.... 197

CAPÍTULO XLIV

Equívocos. — Abuso do verbo *pôr*. — Etimologias de fantasia 203

CAPÍTULO XLV

Cada e cada um. — Kinético. — Pleonasmos 209

CAPÍTULO XLVI

Galicismos e *barbarismos de escrita* ou *cacografias de Camilo*..... 215

CAPÍTULO XLVII

Com *de* ou sem *de*..... 221

CAPÍTULO XLVIII

Verbos transitivos e *intransitivos*. — *Substantivos* e *adjectivos*. — Parecido *a* e parecido *com*. — *Carrasco* e *verdugo*. — *Saluço* e *soluço*. — *Eriçar* e *ouriçar*. — *Caça* e *caçar*. — Verbos em *uar* e em *ficar* 235

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

13/10			
20/10			
27/10			
2/11			
9.10			

Mod. 105 - 63 - B

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE ASSIS
INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E PSICOLOGIA

– BIBLIOTECA –

Tombo 716 Classe 469.5
B273d

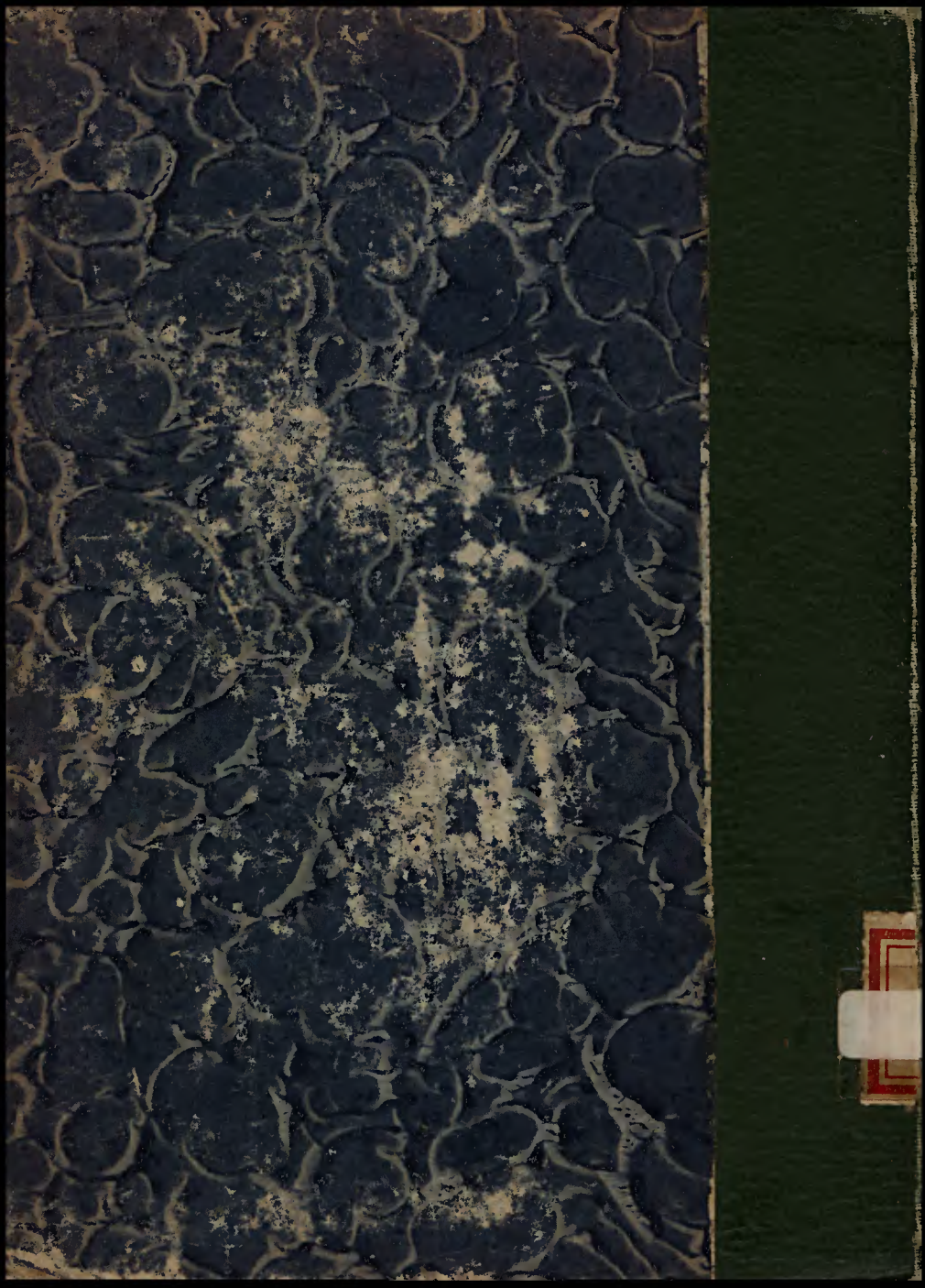
Autor BARRETO, Mário
Título De gramática e de ling.

TOMBO: 7081-1.2 716 481

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000